



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE  
(PROFLETRAS)  
UNIDADE DE ITABAIANA - SE**

**ROBERTO DE ARAUJO ALVES**

**A LINGUAGEM PERSUASIVA DAS BORDADEIRAS DE TOBIAS BARRETO NO  
ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO**

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Itabaiana – SE  
2016

ROBERTO DE ARAUJO ALVES

**A LINGUAGEM PERSUASIVA DAS BORDADEIRAS DE TOBIAS BARRETO NO  
ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO**

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana - Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Regina  
Curado Pereira Mariano

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Alves, Roberto de Araujo

A474I            A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação / Roberto de Araujo Alves; orientador Márcia Regina Curado Pereira Mariano. – Itabaiana, 2016.  
126 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Argumentação. 2. Bordadeiras. 3. Entrevistas. I.  
I. Mariano, Márcia Regina Curado Pereira, orient. II. Título.

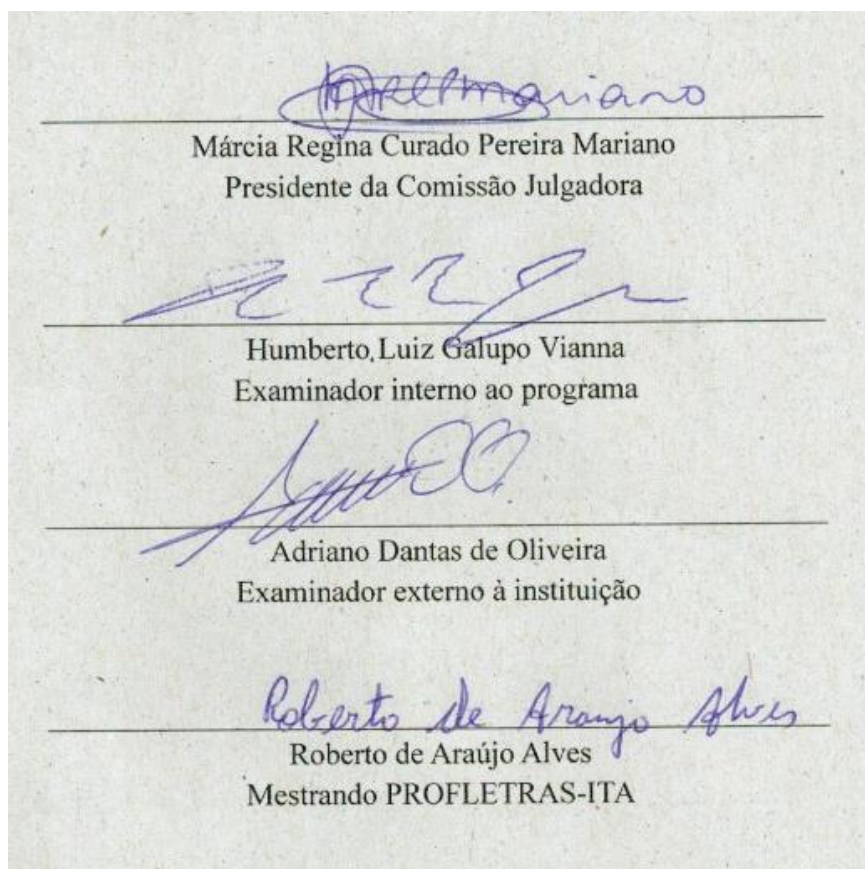
CDU 808

**ROBERTO DE ARAUJO ALVES**

**A LINGUAGEM PERSUASIVA DAS BORDADEIRAS DE TOBIAS BARRETO NO  
ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

**Banca Examinadora**



**Aprovada em 15 de dezembro de 2016**

Itabaiana – SE

*Dedico este trabalho a uma pessoa especial, minha amada esposa Hilda Alves do Nascimento Araujo, pelo incentivo dado para que eu nunca me afaste da universidade!*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e pela companhia diária.

A minha amada esposa Hilda Alves do Nascimento Araujo pelo apoio incondicional e pela paciência em todos os momentos em que estive ausente durante estes dois anos. A quantos lugares deixamos de ir e quantas pessoas deixamos de visitar por causa dos livros!

Aos meus pais, José Antônio Barbosa Alves (*in memoriam*) e Maria Benedito de Araujo Irmã, que sempre dedicaram seu tempo para ensinar-me o valor das coisas mais importantes da vida.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado nas brincadeiras de criança e nas responsabilidades de adulto.

Aos demais familiares e amigos, que “abandonei” durante os últimos anos, mas compreendem a importância dos estudos para a minha vida pessoal e profissional.

À professora doutora Márcia Regina Curado Pereira Mariano, pela orientação, respeito, incentivo, paciência e ensinamentos ao longo da elaboração deste trabalho.

À Universidade Federal de Sergipe através da equipe de Coordenação do Profletras-UFS/Itabaiana e aos professores Márcia Mariano, Beto Vianna, Christina Bielinski, Carlos Magno, Mariléia Reis, José Ricardo, Jeane de Cássia e Derli Machado, pela dedicação e incentivo durante todo o curso.

Aos professores doutores Mariléia Silva dos Reis, Humberto Luiz Galupo Vianna (Beto) e Adriano Dantas de Oliveira pelas valiosas contribuições oferecidas no Exame de Qualificação e na Banca Examinadora.

A Mônica Santos, Helena Joenilza e Andréa Reis, secretárias do Profletras, que sempre estiveram à disposição para ajudar no bom andamento do curso.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização do mestrado.

Aos amigos do Profletras, que passaram estes dois anos compartilhando as alegrias e as angústias na construção do conhecimento. Como sempre digo: “Não sei como juntaram tanta gente boa em uma mesma turma!” Quero agradecer a todos e, especialmente, a Isabel, Catiana, Kelly, Lu, Marcos, Maiane, Gilvan, Neilton e Josefa pela companhia na estrada e pelas risadas que tornaram as viagens para Itabaiana momentos de diversão! Dentre os viajantes, quero agradecer a Kelly, Josefa, Catiana e Neilton também pelo apoio na elaboração dos trabalhos acadêmicos. Cada correção ou sugestão fazia-me sentir que estava no caminho certo.

A todos que fazem a Escola Nicodemos Correia Falcão, especialmente à diretora Margarida e à professora Bárbara pelo apoio e aos alunos do 6º ano A pela participação e dedicação nas tarefas que resultaram neste trabalho.

Às bordadeiras da Associação de Bordadeiras e Moradores da Nova Brasília por contarem parte de suas vidas, que se transformaram em nosso material de trabalho para o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista!

## RESUMO

Este trabalho, intitulado *A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação*, apresenta uma proposta para o estudo de técnicas argumentativas com alunos do Ensino Fundamental. Os objetivos deste estudo são levar o estudante a reconhecer a habilidade argumentativa dos falantes de sua língua materna, independente do prestígio social e a utilizá-la de forma eficaz, através de atividades focadas na linguagem persuasiva. Os conceitos abordados no texto partem dos estudos da Argumentação e Retórica sob a ótica de estudiosos como Aristóteles (s/d; edição de 2013), Perelman & Tychy (1958; edição de 2005), Fiorin (2015), Plantin (2008), Ferreira (2010), entre outros. As atividades foram desenvolvidas em uma turma de 6º ano de escola pública do município de Tobias Barreto/SE. Os *corpora* da pesquisa são os discursos das bordadeiras, coletados através de entrevistas realizadas em uma associação localizada na zona rural do mesmo município. Os textos foram gravados e analisados em sala de aula para que fossem observadas as técnicas argumentativas mais empregadas pelas artesãs para defender um ponto de vista. Após a análise minuciosa de mais de 39 minutos de gravação, foi possível constatar que essas profissionais utilizam, principalmente, os argumentos de causalidade, de comparação e de sacrifício para persuadir o interlocutor. Através da observação da idade, escolaridade e dos relatos proferidos, foi possível perceber também que elas não se sentem valorizadas pela sociedade, por isso pretendem ensinar o ofício para seus descendentes como uma forma de manter a cultura dos antepassados, mas não almejam que suas filhas tenham o bordado como profissão. Na última etapa do trabalho, os alunos participaram de um debate a respeito das profissões que pretendem seguir futuramente, tendo a oportunidade de colocar em prática as estratégias argumentativas estudadas durante o desenvolvimento do projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Bordadeiras. Entrevistas.



## ABSTRACT

This research, titled *The persuasive language of the embroiderers of Tobias Barreto in the teaching of the argumentation*, presents a proposal for the study of argumentative techniques with students of Elementary School. The objectives of this study are to lead the students to recognize the argumentative ability of the speakers of their mother tongue, regardless of the social prestige and to use it effectively, through activities focused on persuasive language. The concepts discussed in the text are based on studies of Argumentation and Rhetoric from the perspective of scholars such as Aristoteles (n/d; edition 2013), Perelman & Tyteca (1958; edition 2005), Fiorin (2015), Plantin (2008) and Ferreira (2010). The activities were developed for students of 6th grade of a public school located in Tobias Barreto / SE. The *corpora* of the research are the embroiderers' speeches, collected with the use of interviews conducted in an association located in the rural area of the same municipality. The texts were recorded and analyzed in the classroom to observe the argumentative techniques most used by the artisans to defend a point of view. After careful analysis of more than 39 minutes of recording, it was possible to verify that these professionals mainly use the arguments of causality, comparison and sacrifice to persuade the interlocutor. After observation of age, schooling and reports, it was also possible to perceive that they do not feel valued by society, so they intend to teach the craft to their descendants as a way of maintaining the culture of their ancestors, but they do not want their daughters to have embroidery as a profession. In the last stage of the work, students participated in a debate about the professions they intend to follow in the future, having the opportunity to practice the argumentative strategies studied during the development of the project.

KEY WORDS: Argumentation. Embroiderers. Interviews.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade das bordadeiras .....	40
Gráfico 2: Escolaridade das bordadeiras .....	41

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	14
1.1 Retórica.....	14
1.2 Meios de persuasão aristotélicos.....	15
1.3 Sistema retórico .....	18
1.4 Novas retóricas .....	20
1.5. Tipos de argumento.....	23
1.5.1. Tipos de argumento segundo Aristóteles.....	23
1.5.2. Tipos de argumento segundo Perelman e Tyteca .....	24
1.6 Figuras de retórica e argumentação .....	27
1.7 Entrevista e debate no ensino da argumentação .....	31
1.7.1 Gêneros discursivos.....	31
1.7.2 Oralidade e escrita na sala de aula .....	32
1.7.3 Entrevista.....	34
1.7.4 Debate público.....	35
1.8 Implicações pedagógicas da pesquisa .....	37
2 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS .....	39
2.1 Quadro resumo das atividades por semana.....	43
2.2 Passo a passo das atividades .....	44
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
REFERÊNCIAS .....	66
APÊNDICES .....	69
APÊNDICE A: Caderno Pedagógico.....	69
APÊNDICE B – Ata da reunião com os pais ou responsáveis .....	91
APÊNDICE C – Tipos de argumento .....	92
APÊNDICE D - Dinâmica em grupo.....	93
APÊNDICE E - Figuras de retórica e argumentação.....	94
APÊNDICE F – Profissões sugeridas para os alunos .....	95
APÊNDICE G – Profissões dos alunos do 6ºA .....	96
APÊNDICE H - Transcrição das entrevistas com as bordadeiras (39:20 min.).....	98
APÊNDICE I - Transcrição dos debates e da troca de ideias .....	115

ANEXOS .....	122
ANEXO A – Infográfico sobre a profissão de veterinário .....	122
ANEXO B - Termo de confidencialidade .....	123
ANEXO C - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos.....	124
ANEXO D – Termo de consentimento livre esclarecido .....	125

## INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa está situado na área de concentração Linguagens e Letramentos, na linha de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino do Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) e é baseado nos estudos da Argumentação e Retórica conduzidos por Perelman, Tyteca, Meyer, Plantin e outros pesquisadores. As atividades aqui propostas foram aplicadas em uma escola pública do município de Tobias Barreto, Sergipe, tendo como público alvo alunos do 6º ano.

Os alunos da referida escola são, em sua maioria, oriundos das camadas populares daquela comunidade e, por isso, geralmente convivem com adultos que sabem conversar e argumentar muito bem, mas que, por exercerem profissões de pouco prestígio social, têm sua forma de falar considerada limitada, principalmente no que se refere à capacidade de defender um ponto de vista.

Esse domínio das técnicas do bem argumentar é geralmente associado ao advogado, ao político, ao publicitário ou a qualquer outra pessoa com formação acadêmica. É difícil imaginar que a capacidade de uma bordadeira em conquistar seus consumidores e vender seus produtos provém da mesma técnica utilizada pelos profissionais de maior prestígio na sociedade. É importante salientar, no entanto, que a argumentação não depende apenas do domínio dessas técnicas, uma vez que o conhecimento sobre o auditório e a consequente adequação do discurso a ele, o conhecimento sobre o assunto do qual se fala e outros elementos contextuais interferem no sucesso ou não nessa busca da adesão do outro.

Portanto, os objetivos deste estudo são levar o estudante a reconhecer a habilidade argumentativa dos falantes de sua língua materna, independente do prestígio social e a utilizá-la de forma eficaz, através de atividades focadas na linguagem persuasiva.

A falta de domínio da persuasão por parte dos alunos pode estar associada aos textos utilizados para se estudar a argumentação, já que majoritariamente são retirados de revistas ou jornais de grande circulação nacional. Outro ponto a ser observado é referente à idade em que o jovem tem seu primeiro contato com esses textos, visto que as coleções de livros didáticos, de uma forma geral, iniciam atividades com a argumentação apenas no 8º ano do Ensino Fundamental. Por que não inserir esse trabalho linguístico e discursivo desde os primeiros anos da criança na escola? Se um garotinho deseja um brinquedo, por exemplo, e seus pais dizem que não vão comprar imediatamente, o pequenino começa a argumentar para provar que aquele objeto é de extrema importância para a sua vida, o que mostra que a argumentação faz parte do dia a dia dos falantes desde muito cedo.

A escola pode e deve aproveitar essa criatividade e essa capacidade argumentativa que as crianças têm para persuadir os adultos e mostrar que, apesar de não perceberem, são capazes de defender um ponto de vista não só oralmente, mas também em textos escritos. Aliar a vivência da criança ao cotidiano da escola não é tarefa fácil, mas é uma das melhores maneiras de despertar o interesse dos alunos para um conteúdo a ser trabalhado em sala de aula.

Diante disso, este projeto busca introduzir a argumentação nas aulas de Língua Portuguesa para alunos do 6º ano e, ao mesmo tempo, pretende explorar textos persuasivos diferentes dos apresentados nos livros didáticos, já que as revistas e jornais consagrados não fazem parte do dia a dia da maioria dos alunos, que são filhos de feirantes, bordadeiras, empregadas domésticas e outros profissionais que não trabalham diariamente com a linguagem considerada culta e, conseqüentemente, não são leitores assíduos desse tipo de texto escrito.

As atividades propostas neste projeto pretendem inserir a linguagem das bordadeiras nas aulas de Língua Portuguesa para tentar levar essa língua conhecida pelos alunos para dentro dos muros da escola e para que os jovens percebam que não são apenas os falantes da norma considerada culta que sabem utilizar a argumentação para cativar seus interlocutores.

Considerando que o desenvolvimento da argumentação a partir da experiência de vida e de trabalho das bordadeiras está diretamente relacionado à história e ao cotidiano da comunidade e pode estabelecer relação com as áreas de História e Geografia, esta proposta contempla também o que dispõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica quando orientam a necessidade de trabalho interdisciplinar:

Em relação à organização dos conteúdos, há necessidade de superar o caráter fragmentário das áreas, buscando uma integração no currículo que possibilite tornar os conhecimentos abordados mais significativos para os educandos e favorecer a participação ativa de alunos com habilidades, experiências de vida e interesses muito diferentes (BRASIL, 2013, p. 118).

Nesse sentido, o Ministério da Educação acrescenta ainda a necessidade de integrar o currículo oficial ao contexto social no qual o estudante está inserido para que ele se envolva ativamente na aquisição do conhecimento:

A literatura sobre currículo avança ao propor que o conhecimento seja contextualizado, permitindo que os alunos estabeleçam relações com suas experiências. Evita-se assim, a transmissão mecânica de um conhecimento que não leva ao envolvimento ativo do estudante no processo de ensino aprendizagem (*ibid*).

A ausência dessa relação entre conhecimento e experiência é um dos maiores obstáculos enfrentados por alunos de todos os níveis de ensino. Em se tratando de jovens do

Ensino Fundamental, esse problema é mais agravante uma vez que eles ainda não têm maturidade suficiente para a aquisição de conhecimentos excessivamente abstratos.

Buscando essa aproximação entre conteúdo e vivência, a coleta dos textos orais foi feita pelos próprios alunos, através de entrevistas com bordadeiras de uma associação situada na zona rural do município de Tobias Barreto.

Antes das entrevistas, porém, os alunos participaram, em sala de aula, de atividades de leitura e troca de ideias para contextualizar a importância do bordado para a cultura e economia do município.

As falas das entrevistadas foram gravadas através de celulares para que fossem observadas as técnicas argumentativas utilizadas por essas profissionais para levar seus consumidores a comprar os produtos. Os textos orais foram transcritos, utilizando abreviações para preservar a identidade dos falantes.

Em seguida, foi elaborada uma sequência de atividades que levou o aluno a refletir sobre a importância do ato de argumentar bem, identificar os tipos de argumentos presentes nos discursos gravados e, através de debate público e troca de ideias, argumentar a respeito da profissão que pretende exercer na idade adulta.

A aplicação deste projeto é parte de uma proposta da formação continuada de docentes em nível de mestrado profissional, por meio do Profletras, que é oferecida em rede nacional através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O programa tem como objetivo, em médio prazo, a continuidade da capacitação de professores do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa em todo o território nacional. Com essa formação, espera-se que um novo olhar seja lançado sobre o ensino da língua materna.

Baseado nessa proposta, este projeto procurou dinamizar as aulas de Língua Portuguesa através da valorização da linguagem de moradores da região e das técnicas argumentativas utilizadas por eles para persuadir os interlocutores, uma vez que não se pode imaginar uma educação que despreze os falares do povo, como se a língua fosse apenas os modelos presentes no livro didático.

Esta dissertação apresenta um capítulo com as considerações teóricas, outro com a metodologia e análise dos dados e um último com as considerações finais. No apêndice, é possível encontrar um caderno pedagógico com a sequência das atividades que foram desenvolvidas pelos alunos.

## 1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Todas as teorias aqui retomadas servirão para dar suporte para as ideias desenvolvidas durante a pesquisa. No entanto, a Nova Retórica de Perelman e Tyteca será o centro do debate teórico, que traz também a Retórica de Aristóteles e a relação entre linguagem oral e escrita com Marcuschi, Dionísio e outros pesquisadores.

Os exemplos apresentados para esclarecer cada conceito foram, em sua maioria, produzidos pelo autor desta dissertação para uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. Os estudos teóricos deste capítulo apresentam a Retórica Antiga, a Nova Retórica e breves considerações sobre os gêneros trabalhados durante a pesquisa.

### 1.1 Retórica

A preocupação do homem com a arte de persuadir através da palavra pode ser observada desde o tempo de Homero (século VIII a.C.), que, de acordo com Ferreira (2010, p. 40), escreveu que Mercúrio foi enviado por Júpiter para conduzir a Eloquência aos homens, que passariam a viver melhor e a resolver seus problemas.

A afirmação de que, através da arte de falar bem, é possível viver melhor e resolver problemas parte do princípio de que, em uma democracia, os conflitos podem ser resolvidos sem violência, através do diálogo.

Ferreira (2010, p.42-43) acrescenta que, no século V a.C., Górgias e seus discípulos, os sofistas, espalharam em muitas partes da Grécia a arte retórica, ensinando as pessoas a proferirem discursos elegantes e recheados de efeitos, figuras e ritmos. No século seguinte, Platão criticou o caráter sofístico da retórica, ao postular que a justiça é a suprema felicidade do homem e a retórica se preocupa apenas com a opinião, seja ela falsa ou verdadeira. Esse combate aos ensinamentos dos sofistas mostra que o filósofo grego não admitia que alguém pudesse defender uma opinião falsa e, conseqüentemente, injusta, uma vez que só a justiça poderia conduzir o homem à felicidade. Pouco tempo depois, Aristóteles, discípulo de Platão, organizou em uma obra todo o pensamento da época a respeito do poder de persuasão através da palavra. A *Retórica* é considerada a obra prima a ser consultada sempre que se estuda o poder da linguagem persuasiva.

Percebe-se, então, que a retórica não é uma invenção de Aristóteles, mas foi ele que, pela primeira vez, conseguiu organizar as ideias de várias gerações de pensadores a respeito do tema.



Ferreira (2010, p. 44) observa que, no século I a.C., surgiu o latino Cícero que elevou a retórica ao nível de arte das artes. Quintiliano (século I-II d.C.), também latino, estabelece a pedagogia da retórica aristotélica. No entanto, com o fim da democracia romana, os debates públicos não tinham mais razão de ser e a eloquência entrou em decadência, pois, mesmo sobrevivendo em governos totalitários, a retórica mostra sua face mais autêntica nos períodos democráticos.

Durante a Idade Média, de acordo com Ferreira (2010, p. 45), a arte de argumentar ocupava um lugar central na educação, mas, na Idade Moderna, enfrentou o Positivismo e o Romantismo e, diante desses adversários poderosos, perdeu sua fama. Isso porque os positivistas só acreditavam em ideias que podiam ser provadas cientificamente e, como a retórica se baseava no possível e explorava artifícios e figuras de linguagem, não tinha espaço entre a maior parte dos pesquisadores.

Somente na segunda metade do século XX é que a retórica renasceu com novas ideias, impulsionada por pesquisadores que conseguiram recuperar parte do prestígio perdido pela arte da palavra durante sua trajetória ao longo do tempo.

Vejamos os meios de persuasão aristotélicos e o sistema retórico por serem conteúdos estudados na retórica antiga, depois mostraremos as técnicas argumentativas que são abordadas pela Nova Retórica.

## 1.2 Meios de persuasão aristotélicos

Uma das maneiras de se estudar a retórica antes do advento das Novas Retóricas era observar os meios de persuasão. Segundo Aristóteles em sua obra *Retórica* (s/d; edição de 2013):

Há três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar (ARISTÓTELES, 2013, p. 45).

A esses componentes da retórica apontados por Aristóteles os gregos chamaram de *ethos*, *pathos* e *logos*, respectivamente. O filósofo grego se preocupou, portanto, na relação entre esses três componentes que até hoje são explorados por diversos autores para que se compreenda as ideias do mestre do Liceu.

De acordo com Meyer (2007, p. 34), “o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar para o auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo”. Essa afirmação atesta a

relação entre o caráter moral do orador e a disposição do auditório em aceitar seu discurso. Assim, a imagem de quem fala é determinante para o sucesso da persuasão.

O próprio Aristóteles (2013, p.45) considera que “a persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito”. O filósofo grego considera, portanto, que a lógica do discurso leva os ouvintes a acreditarem no caráter moral do orador. A conduta da pessoa não conquista o interlocutor, mas a forma como organiza o que fala.

Plantin (2008, p. 112) explica o significado da palavra *ethos* através da sua etimologia, ao afirmar que “os substantivos *etologia*, *ética* (filosofia moral) são da mesma família; o adjetivo *ético* também pode ser utilizado como derivado do substantivo do *ethos*”. Essa relação entre palavras derivadas de uma mesma raiz comprova a afirmação de Aristóteles sobre o caráter moral do orador, que é determinante para a aceitação de seu discurso.

Tendo em vista que construir uma imagem de si é algo inerente ao discurso de todo orador, presume-se que as bordadeiras, mesmo sem o conhecimento teórico sobre o assunto, sejam capazes de organizar o discurso de modo a mostrar para o auditório (alunos, professor e leitores desta dissertação) o seu caráter moral, a ponto de mostrarem-se dignas de confiança e terem sua fala aceita como verdade.

A respeito do segundo elemento, Meyer (2007, p.36) considera que “o *pathos* é a fonte das questões e estas respondem a interesses múltiplos, dos quais dão prova as paixões, as emoções ou simplesmente as opiniões”. Convém acrescentar que essas paixões, emoções ou opiniões localizam-se no auditório e são despertadas levando em consideração, não só a fala do orador, mas, primeiramente, as experiências vividas pelo auditório em relação ao tema em questão.

A esse respeito, Reboul (2004, p. 92-93) afirma que “sempre se argumenta diante de alguém. Esse alguém pode ser um indivíduo, um grupo ou uma multidão, chama-se auditório, termo que se aplica até aos leitores”.

Essa definição mostra as diversas possibilidades de auditórios ao discurso do orador. Se o auditório são os leitores, eles não estarão apenas diante de um orador, mas também de um escritor. O texto escrito será, então, o meio através do qual este tentará persuadir seus leitores, através de técnicas iguais ou semelhantes às utilizadas pelo orador diante do ouvinte.

Perelman e Tyteca em seu *Tratado da argumentação*, de 1958 (2005, p. 33-3) ainda dividem o auditório em três espécies, a saber: o auditório *universal*, formado por toda a humanidade, ou pelo menos por todos os homens adultos; o *interlocutor* a quem o orador se

dirige, através do diálogo e o *próprio sujeito*, quando ele delibera ou figura a razão de seus atos.

A respeito do auditório universal, os autores alertam para o perigo que corre o orador quando está diante de um auditório heterogêneo, já que, tal como uma assembleia parlamentar, as decisões serão tomadas através do agrupamento de seus componentes, os quais facilmente vão afrontar os argumentos proferidos se o orador imaginou que encontraria um auditório particular, com apenas uma maneira de julgar a eficácia de seus argumentos.

Outro ponto relevante para essa discussão é que cada orador forma uma imagem do auditório universal, não sendo evidente a existência de verdades inquestionáveis. Esse fato pode ser observado quando, por exemplo, alguém quer passar um ensinamento sobre a maneira correta de se comportar em um restaurante e argumenta que não se pode colocar os cotovelos sobre a mesa e outras coisas mais. No entanto, nem todas as pessoas aceitam isso como uma norma a ser seguida, sendo apenas a visão de um grupo e não de toda a humanidade.

Pensando na argumentação para um único ouvinte, os tratadistas (*op. cit.*, p. 39-40) afirmam que, na Antiguidade, todos proclamavam a dialética como superior à retórica porque aquela era capaz de persuadir o interlocutor, sem a necessidade de um longo discurso contínuo. Eles acrescentam que Platão considerava esse orador mais seguro de seguir o caminho da verdade porque se preocupa, a cada passo, com a concordância de seu interlocutor.

Esse interlocutor tem, portanto, a oportunidade de apresentar objeções aos argumentos do orador, o que faz com que as teses construídas através do diálogo sejam mais alicerçadas do que aquelas apresentadas através de um discurso contínuo. Essas teses, porém, não podem ser consideradas verdades absolutas, já que as conclusões do ouvinte certamente não são as mesmas de todos os seres humanos.

Outro ponto relevante em relação à argumentação perante um único ouvinte é que as conclusões só podem surgir se os interlocutores buscarem honestamente a solução para um problema, não sendo colocadas em discussão convicções estabelecidas por seus defensores. O debate entre dois oradores com pontos de vista opostos e estabelecidos previamente só seria eficaz diante de uma plateia disposta a concordar com um dos dois.

A deliberação consigo mesmo, segundo os autores (*op. cit.*, p. 45), faz do sujeito uma encarnação do auditório universal. No entanto, ele precisa desprezar todos os procedimentos que visam conquistar os outros, já que não é possível deixar de ser sincero consigo mesmo e, dessa forma, é capaz de experimentar o valor de seus próprios argumentos. Dessa forma, o

espírito não se preocupa em defender uma tese ou favorecer um ponto de vista, mas busca pesar os prós e os contras até encontrar a melhor solução para um determinado problema.

Essa mesma decisão íntima é tomada antes da argumentação diante do outro, considerando que o orador avalia, em sua mente, a eficácia de cada argumento dirigido ao ouvinte. Se o orador não for capaz de convencer a si mesmo, como será capaz de fazê-lo diante de um auditório?

Essas considerações a respeito do *pathos* são relevantes por considerarmos que as bordadeiras, assim como qualquer orador, elaboram seu discurso de acordo com o auditório. Dessa maneira, os argumentos utilizados durante as entrevistas provavelmente não apareceriam se elas estivessem conversando apenas com suas colegas de profissão.

Em relação ao *logos*, Meyer (2007, p. 40) afirma que ele “deve expressar as perguntas e as respostas preservando sua diferença. É preciso cessar de considerar a proposição e o julgamento como a unidade do pensamento e do discurso”. Dessa maneira, o *logos* diz respeito ao conteúdo do discurso, à forma lógica com a qual ele é organizado para atingir o objetivo do orador, que se utiliza de técnicas argumentativas disponíveis para esse fim.

Reboul (2004, p. 49) descreve o *logos* como “o aspecto dialético da retórica” por concentrar a argumentação propriamente dita. Sem o *logos*, obviamente, não haveria a relação entre o orador e o seu auditório, já que os argumentos pensados por aquele só podem chegar a este se o discurso for efetivado, seja oralmente ou por escrito.

Vejamos algumas considerações em relação ao sistema retórico, que foi bastante ensinado pelos antigos mestres da retórica e revela a preocupação e o trabalho do orador (*ethos*) na busca dos argumentos para compor inicialmente o *logos* (invenção), na estruturação desse discurso (disposição), na busca das paixões e adequação do/ao auditório (*pathos*) e da apresentação persuasiva desse discurso (ação).

### 1.3 Sistema retórico

Ferreira (2010) afirma que o sistema retórico possui quatro grandes pilares: a invenção, a disposição, a elocução e a ação. Cada um desses momentos do discurso representa uma ação do orador na organização de sua argumentação.

A **invenção** “refere-se ao momento de busca de provas<sup>1</sup> que sustentarão o discurso” (FERREIRA, 2010, p. 63). Nessa etapa, o orador deve reunir todos os argumentos a fim de organizar seu texto e, ao mesmo tempo, interrogar-se sobre o auditório para tentar um acordo capaz de levá-lo ao sucesso em sua argumentação. Apesar do nome *invenção*, o orador não vai criar suas provas a partir do nada, já que existem os chamados lugares retóricos, que são “armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório. O objetivo é indicar premissas de ordem ampla e geral, usadas para assegurar a adesão a determinados valores e, assim, re-hierarquizar as crenças do auditório.” (FERREIRA, 2010, p. 69). As provas lógicas – *ethos*, *pathos* e *logos* – também devem ser consideradas nessa etapa, já que o orador tentará persuadir o auditório através de argumentos presentes em sua fala.

A **disposição**, justifica-se o autor (*op. cit.* p. 109), na verdade, funde-se com a invenção por serem processos operacionais criados simultaneamente, mas que se estuda separadamente apenas para fins didáticos. Nessa etapa, são organizados e distribuídos os argumentos coletados na invenção e que devem ficar em uma ordem lógica a fim de atingir o objetivo de persuadir. É através dessa organização que se sustenta o discurso, visto que o simples fato de obter bons argumentos não levará o orador ao êxito se ele não for capaz de dispô-los corretamente.

A **elocução** atua sobre o material da disposição de modo a envolver o tratamento da língua em seu sentido amplo, através do plano da expressão e a relação forma e conteúdo. A correção, a clareza, a adequação, a concisão, a elegância e a vivacidade fazem parte desse processo, assim como o emprego adequado das figuras com valor de argumento. A elocução é, portanto, o modo como empregamos as palavras, é a redação do discurso retórico (FERREIRA, 2010 p. 116).

A **ação** consiste na emissão, perante o auditório, do texto produzido nas três etapas anteriores e tem como finalidade a captação da atenção desses interlocutores. É o momento emotivo da emissão da palavra e engloba a gestualidade e a interação com o espaço, numa sintonia entre o verbal e o não verbal a fim de mediar a interação entre o orador e o auditório. Essa relação será, portanto, eficiente se houver envolvimento entre o processo de transmissão e o de recepção do discurso num contexto enunciativo-pragmático-interacional (FERREIRA, 2010, p. 139).

---

<sup>1</sup> Ferreira utiliza o termo provas no sentido de argumentos. Para Aristóteles (s/d), as provas são o *ethos*, o *pathos* e o *logos*.

Embora seja impossível separar os três meios de persuasão e as etapas de construção do discurso persuasivo, a apresentação do sistema retórico visou dar foco ao *logos*, já que nosso trabalho tem como base, principalmente, os tipos de argumento e as figuras de argumentação e retórica, que são destaques do *Tratado da argumentação* de Perelman e Tyteca.

#### 1.4 Novas retóricas

Essas novas teorias retóricas, difundidas a partir dos anos 1960, foram desenvolvidas por vários estudiosos, que também seguiram caminhos distintos para concentrar suas ideias, como aponta Ferreira (2010, p. 47), ao citar os que se basearam “em lógicas não formais (Perelman e Tyteca, Meyer, Lempereur, Reboul) e nas lógicas naturais (Grize, Vignaux), assim como os precursores da Retórica Geral (Dubois, Klinkenberg, Minguet)”.

Este trabalho será baseado nos conceitos e tipos de argumento, além das figuras de argumentação e retórica que seguem as lógicas não formais. Por isso, a base principal do texto é a teoria de Perelman e Tyteca que, em 1958, publicaram o *Tratado de Argumentação: a nova retórica*. Cabe ressaltar que a tipologia apresentada pelos autores foi escolhida por seu caráter didático, no entanto, temos a consciência de que não se trata, assim como toda a retórica, de um modelo pré-estabelecido de boa argumentação, na medida em que a persuasão, objetivo da argumentação, não depende apenas do orador, mas também do auditório. Além desse aspecto interativo da argumentação, há outros aspectos envolvidos, como o gênero do texto, a história, a cultura, os aspectos sociais, que pressupõem e criam pontos de vista diferentes sobre as coisas do mundo, não havendo, portanto uma receita de boa argumentação, que só se estabelece sociocomunicativamente.

Nesse tratado, os pesquisadores da Escola de Bruxelas retomam e renovam as ideias de Aristóteles para livrarem a retórica da racionalidade cartesiana que tinha dominado as pesquisas acadêmicas nos últimos três séculos. De acordo com Mariano (2007, p. 124), a recuperação das noções aristotélicas “deu origem às neo-retóricas e salvou a Argumentação e a Retórica das distorções e do desprezo sofridos no século XIX, em que se valorizou a ciência, a objetividade e a lógica formal”.

Antes de apresentar os tipos de argumento e as figuras de argumentação e retórica experimentadas em sala de aula pelos alunos de uma escola pública municipal, convém mostrar o que os tratadistas retomaram e o que foi recriado a partir do pensamento do mestre do Liceu.

A respeito dos gêneros do discurso, Perelman e Tyteca (2005) observam que:

Para Aristóteles, o orador se propõe atingir, conforme o gênero do discurso, finalidades diferentes: no deliberativo, aconselhando o útil, ou seja, o melhor; no judiciário, pleiteando o justo; no epidíctico, que trata do elogio ou da censura, tendo apenas de ocupar-se com o que é belo ou feio (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 54).

Esses eram, portanto, os únicos gêneros do discurso considerados pelo filósofo grego, mas todos estavam ligados à linguagem persuasiva. Com o passar do tempo, no entanto, como denunciam os pesquisadores, os dois primeiros foram aceitos pela filosofia e pela dialética, enquanto que o terceiro, por parecer mais próximo da literatura do que da argumentação, foi englobado pela prosa literária, causando a posterior degradação da retórica (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 54)

Foi preciso retomar a importância do gênero epidíctico para a dialética a fim de que a retórica voltasse ao seu prestígio como uma disciplina capaz de explicitar as técnicas utilizadas pelo orador para conquistar seus ouvintes.

É importante lembrar também que as novas retóricas não estão presas aos gêneros estudados por Aristóteles. Os próprios pesquisadores afirmam que o estudo “preocupando-se sobretudo com a estrutura da argumentação, não insistirá, portanto, na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 6).

Isso demonstra que o discurso oral e suas técnicas de convencimento não são o objeto de estudo do tratado, como o foi para o filósofo grego, visto que as sociedades modernas dão mais valor ao que está impresso.

Outro obstáculo vencido pelos tratadistas foi demonstrar que, através da dialética, é possível defender uma tese. Essa afirmação contraria Descartes, que considerava racionais apenas as demonstrações que, a partir de ideias claras e distintas, poderiam realizar essa tarefa (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 1).

Nesse debate entre dialética e retórica, os autores explicam a utilização do termo *retórica* para o *Tratado de Argumentação* e afirmam também que a produção do livro é uma tentativa de resgatar o prestígio perdido pela retórica ao longo dos últimos séculos:

[...] se a palavra *dialética* serviu, durante séculos, para designar a própria lógica, desde Hegel e por doutrinas nele inspiradas ela adquiriu um sentido muito distante de seu sentido primitivo, geralmente aceito na terminologia filosófica contemporânea. Não ocorre o mesmo com a palavra *retórica*, cujo emprego filosófico caiu em tamanho desuso[...]. Esperamos que nossa tentativa fará reviver uma tradição gloriosa e secular (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 5).

A escolha do termo *retórica* é, portanto, para evitar a confusão com o termo *dialética*, que poderia ocorrer por conta de os tratadistas se utilizarem do que Aristóteles chamava de provas dialéticas, mas que sua utilização é apresentada na *Retórica*. Foi preciso,

então, afastar-se do termo *dialética* para mostrar que a nova retórica não está preocupada apenas com a arte de raciocinar e falar em público, mas com as técnicas utilizadas pelos oradores para fazê-lo e com os seus efeitos de sentido.

O desuso do termo *retórica* ocorreu exatamente porque ele não incorporou as ideias do pensamento cartesiano, que tentava explicar todos os fenômenos, inclusive os linguísticos, através da razão. A retomada da tradição retórica, a partir da segunda metade do século XX, só foi possível graças a essa iniciativa de retomar e atualizar as ideias do filósofo grego em relação às técnicas de persuasão.

E por que atualizar as ideias de Aristóteles? Não seria necessário apenas retomar o que está expresso nas obras do filósofo grego? A esse respeito Reboul (2004, p. 163) comenta que “já encontramos uma classificação dos argumentos, a de Aristóteles, que os divide em indutivos (exemplos) e dedutivos (entimemas); será preciso criar mais uma?”. O filósofo francês parece criticar a iniciativa de se criar uma nova retórica, porém, logo em seguida, ele mesmo responde ao seu questionamento, ao afirmar que “Sim, porque Aristóteles não trata da forma da argumentação, da relação entre as premissas. O TA, ao contrário, estuda o conteúdo das próprias premissas[...]”.

Em vista disso, percebe-se que o estudo do conteúdo das premissas é um diferencial para aprofundar os estudos retóricos em relação ao que os antigos mestres haviam feito. Esse estudo aprofundado cria a possibilidade de multiplicar os tipos de argumento, como é possível encontrar no *Tratado de Argumentação*.

No capítulo seguinte, essas premissas serão explicitadas com base em Fiorin (2015), ao mostrar a classificação aristotélica para os argumentos. O autor também mostra a diferença entre exemplo e entimema, uma vez que essa distinção é determinante para a compreensão das ideias do mestre do Liceu. Os tipos de argumento são importantes no nosso trabalho, pois pretendemos identificar as técnicas mais utilizadas pelas bordadeiras durante as entrevistas. O conhecimento dessas técnicas também será relevante para que os alunos possam utilizá-las com proficiência no momento do debate em sala de aula.



## 1.5. Tipos de argumento

### 1.5.1. Tipos de argumento segundo Aristóteles

Como já dissemos, Aristóteles só considerava dois tipos de argumento: a dedução e a indução. Essa classificação engloba subdivisões, que não serão tratadas aqui por não serem significativas para o propósito deste trabalho. O que interessa compreender é a distinção entre exemplo e entimema. O exemplo é um fato particular utilizado para fazer uma generalização, como será mostrado posteriormente. Já o entimema é um silogismo truncado, já que uma das premissas fica subentendida. Para melhor compreensão desse conceito, segue-se a explicitação desses dois tipos de raciocínio.

A dedução, segundo Fiorin (2015, p. 48-49), “é um tipo de raciocínio em que se vai do geral ao particular”, utilizando-se de um silogismo, que “é um discurso em que, enunciadas algumas coisas, outra seguem necessariamente”. A partir das proposições *Todo metal é um bom condutor de eletricidade* e *O cobre é um metal*, a conclusão é que o cobre é um bom condutor de eletricidade, por exemplo.

Fiorin (2015, p. 60) acrescenta que Aristóteles, ao fazer essa classificação dos argumentos, utilizava o termo silogismo como sinônimo de raciocínio. O silogismo tem três proposições, que são sentenças utilizadas para exprimir um juízo, através de um predicado que se dá ao sujeito. As duas primeiras são denominadas premissas e a última é a conclusão.

Parece fácil argumentar através da dedução, já que as premissas levam, automaticamente, a uma conclusão irrefutável. Isso não ocorre, porém, se um dos termos for tomado em seu sentido conotativo, como no seguinte exemplo apresentado pelo próprio autor: *Toda gata mia* e *Minha namorada é uma gata*. A conclusão seria dizer que minha namorada mia.

Nesse segundo exemplo, as premissas não levaram a uma conclusão verdadeira porque desrespeitou uma das regras do silogismo, que ensina a produzir o raciocínio com apenas três termos. Ao utilizar o termo *gata* com dois significados distintos, o raciocínio passa a ter quatro termos e, por isso, a conclusão não é aceita.

No entimema, uma das premissas deve ficar subentendida, como nas frases *Maria tem leite* e *Logo, ela deu à luz*. A premissa *Toda mulher que tem leite deu à luz* não aparece na efetivação do discurso, mas está na mente do orador e do seu auditório.

A indução faz uso de exemplos para explicar os fenômenos, como aponta Fiorin (2015, p. 59), ao afirmar que a indução, “ao contrário da dedução, parte de fatos particulares da experiência para chegar a generalizações”. O autor acrescenta que os preconceitos são fruto desse tipo de raciocínio, pois, na vida cotidiana, costumamos generalizar no sentido que nos convém. Ele afirma também que há dois tipos de indução: completa e amplificante. A primeira procura extrair uma lei geral a partir da enumeração da totalidade dos fenômenos, já a segunda utiliza-se de uma amostra de fenômenos para inferir uma lei geral.

#### 1.5.2. Tipos de argumento segundo Perelman e Tyteca

Essas técnicas argumentativas são apresentadas na terceira parte do *Tratado da argumentação* e são examinadas de modo isolado. Porém, os próprios autores reconhecem que, na verdade, todas fazem parte de um mesmo discurso e constituem uma mesma argumentação de conjunto (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 211).

Inicialmente eles dividem os argumentos em processos de ligação e de dissociação. Enquanto estes buscam desunir elementos considerados um todo, aqueles tentam aproximar elementos distintos e permitem estabelecer entre eles uma solidariedade. Os argumentos formados por processos de ligação são subdivididos em argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e ligações que fundamentam a estrutura do real. Os formados por dissociação formam um único grupo e não serão tratados aqui.

Cada um desses grupos engloba uma série de argumentos distintos, mas, neste projeto, serão explicitados apenas três tipos de cada classificação para que seja possível compreender apenas as técnicas argumentativas que efetivamente serão exploradas pelos alunos no decorrer das atividades em sala de aula, já que, segundo Mariano (2007, p. 129), “assim como os gêneros do discurso, também há tantas estratégias argumentativas quantas são as possibilidades de interação entre os sujeitos.” Não seria possível, portanto, tratar de todas essas técnicas aqui. Para melhor compreensão, cada argumento será acompanhado de um exemplo elaborado pelo autor da dissertação.

#### Argumentos quase-lógicos

Os argumentos quase-lógicos apresentam-se como comparáveis a raciocínios lógicos, matemáticos, mas, após uma análise, logo é possível perceber que apenas uma redução de natureza não-formal consegue dar ao argumento uma aparência demonstrativa (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 219).

Dessa forma, esses argumentos são considerados verdades até uma análise mais criteriosa por parte do auditório, até perceber que nem sempre é daquela maneira que ocorre determinado fato. Dentre os argumentos quase-lógicos serão estudados:

Inicialmente, a **contradição e incompatibilidade**, que ocorrem quando se apresenta a incoerência dos argumentos de alguém, a fim de que ele renuncie a uma parte de seu discurso para não perder todo o argumento por incompatibilidade (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 221). Se alguém fala *Acabei de ficar desempregado e viajarei amanhã para comprar uma casa nova na cidade vizinha*, certamente o interlocutor questionará essa contradição, já que um desempregado dificilmente pensaria em comprar alguma coisa com valor tão alto quanto uma casa.

Outro exemplo é a **comparação**, no qual se comparam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro. “A escolha dos termos de comparação adaptados ao auditório pode ser um elemento essencial da eficácia de um argumento” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 274-278). Se falamos *Não pretendo continuar trabalhando como funcionário público, pois a iniciativa privada oferece mais vantagens para o empregado*, estamos comparando duas possibilidades de vida profissional.

Já o **argumento pelo sacrifício**<sup>2</sup> busca comprovar a veracidade de uma tese pelo sacrifício que prova as qualidades morais de uma pessoa ou de um ato (FIORIN, 2015, p.164). Esse argumento pode ser notado em sentenças como *A vida no campo é muito difícil, uma vez que é preciso acordar muito cedo e ficar exposto ao sol do meio dia para se obter o sustento diário*. O falante utiliza as dificuldades enfrentadas no cotidiano para argumentar que sua profissão é muito insalubre. A partir desse entendimento, o interlocutor é persuadido a valorizar a profissão do outro.

#### Argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real aproveitam os juízos admitidos pelo auditório para inserir novas ideias, ou seja, a argumentação não tem como base o mundo real, mas as crenças das pessoas em relação a cada fato em questão. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 297). Seguem alguns desses argumentos:

---

<sup>2</sup> Perelman e Tyteca (2005, p. 281) consideram que o sacrifício é um argumento quase lógico, no entanto, Fiorin (2015, 164) o considera um argumento fundamentado na estrutura da realidade. Seguiremos a orientação dos primeiros por serem nossa base teórica.

O primeiro deles é o **argumento pragmático**<sup>3</sup>, aquele que transfere os valores entre elementos da cadeia causal e efetua-se indo da causa ao efeito, do efeito à causa, fazendo com que apreciemos um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 302-303). Isso ocorre se falamos *Estou desempregado porque nasci em uma comunidade muito distante da escola e não consegui concluir o Ensino Médio*. Não é certo que o falante não está trabalhando por causa da distância entre sua casa e a escola, o que impossibilitou a conclusão da educação básica. No entanto, ele apresenta essa causa para se isentar da responsabilidade pela situação vivida atualmente.

O segundo tipo de argumento é o **argumento do desperdício** que aparece, por exemplo, quando se argumenta que uma obra já começada não deve ser interrompida para não se perder todo o investimento feito até o momento (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 317). Podemos demonstrar esse argumento através de uma frase como *Não estou gostando desse curso, mas não pretendo desistir porque já investi tempo e dinheiro durante todos esses meses*. De acordo com essa ideia, o locutor acha que não pode desperdiçar tudo o que já investiu no curso, mesmo que ele não esteja com muita vontade de continuar estudando.

O terceiro e último tipo é o **argumento de autoridade**. Esse tipo de argumento é totalmente condicionado pelo prestígio de quem defende um ponto de vista, sendo a palavra de honra dada por alguém como única prova de que aquilo é verdade (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 347). Se eu digo *Segundo Aristóteles, a retórica é útil porque o verdadeiro e o justo têm mais valor do que seus opostos*, estou utilizando a afirmação de uma pessoa que é especialista no assunto e, por isso, é uma autoridade. Se o interlocutor conhecer pelo menos um pouco da obra do filósofo grego, dificilmente questionará a minha afirmação. Por outro lado, se Aristóteles for um desconhecido para esse interlocutor, o argumento perde a força persuasiva.

#### Ligações que fundamentam a estrutura do real

As ligações que fundamentam o real utilizam argumentos que, através de um caso particular, buscam generalizações. Esses casos podem ser um exemplo, uma ilustração ou um modelo.

---

<sup>3</sup> Na atividade com os alunos, optamos por utilizar o termo empregado por Fiorin (2015, p. 151), que chama esse argumento de **causalidade**.

Na **argumentação pelo exemplo**, um caso particular é citado com a intenção de provocar uma generalização (PERELMAN e TYTECA, 2005, p.399). Dessa forma, todas as ocorrências semelhantes serão observadas como se fossem iguais àquele caso específico. É o que observamos na sentença *Mônica preferiu comprar um carro automático porque as mulheres têm dificuldade para passar as marchas*. Observe que dizer que as mulheres têm dificuldades com as marchas de um carro não é uma situação conhecida, muito menos provada por dados estatísticos ou pesquisas de opinião pública. O enunciador dessa sentença tenta, na verdade, criar uma regra a partir de um caso particular. Ao contrário do que veremos no próximo tipo de argumento estudado.

A **ilustração** distingue-se do exemplo porque enquanto este tem a função de fundamentar a regra, aquela procura reforçar uma regra já conhecida e aceita e se utiliza de casos particulares para esclarecer o enunciado geral (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 407). Se a sentença for *Marta quer se candidatar a vereadora de Aracaju porque ela não aceita que as mulheres sejam minoria na vida política brasileira*, certamente encontramos dados numéricos que provam a afirmação do locutor. A utilização desse argumento não visa criar uma regra, uma vez que ela já existe. Ao citar o caso de Marta, apenas reforça e esclarece o fato de que os homens são maioria na política brasileira.

Para finalizar, é oportuno tratar da tipologia designada como **modelo**, aquela que tem a função de estimular a uma ação nele inspirada, através da imitação de uma conduta de pessoas cujo prestígio é reconhecido previamente. Esse modelo glorificado é proposto para a imitação de todos (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 414). Podemos mostrar esse argumento através da sentença *João encontrou cinco mil reais em um saco de lixo e entregou à polícia para descobrir que é o dono do dinheiro*. Percebe-se que João é citado como uma pessoa honesta e digna de confiança, o que faz o ouvinte imaginar que seria bom comportar-se da mesma forma se passasse por uma situação semelhante.

Vejamos agora outras estratégias argumentativas que também são apresentadas pelos autores do *Tratado de argumentação* e que serão analisadas no discurso das bordadeiras.

## 1.6 Figuras de retórica e argumentação

Antes de tratarmos dessas figuras, convém fazermos a distinção entre figuras de argumentação e retórica, figuras de linguagem e figuras de estilo, já que muitas vezes elas são tratadas como sinônimos. Para fazermos essa discriminação, observaremos o que Mariano (2007, p. 131) diz a respeito de cada uma. Segundo a autora, as figuras de linguagem utilizam

as palavras e expressões de forma independente em relação à enunciação, não sendo observados os efeitos de sentido no texto e a transformação produzida no interlocutor. Já as figuras de estilo são geralmente consideradas desvios da linguagem, que não se relacionam ao conteúdo, mas servem apenas como ornamentos. As figuras de argumentação e retórica, por sua vez, interferem no sentido do texto e têm como objetivo principal a persuasão, a adesão do outro.

As figuras de retórica e argumentação, segundo Perelman e Tyteca (2005), dividem-se em figuras da escolha, da presença e da comunhão. Eles justificam a utilização dos nomes tradicionalmente conhecidos para que o leitor consiga entendê-las com maior facilidade (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 194)

Diante de tal classificação, do mesmo modo que ocorreu com os tipos de argumento, será apresentada apenas uma parte do conteúdo referente a esse tema na obra dos tratadistas, visto que no *corpus* desta pesquisa provavelmente não serão encontradas todas as figuras que eles teorizam.

Para que haja figura, são necessárias duas características: uma estrutura discernível, que remete à forma e é independente do conteúdo, e um emprego que chama a atenção por afastar-se do modo normal de expressar-se (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 190).

Percebe-se, então, que uma estrutura só pode ser considerada figura de retórica se ela for empregada de modo incomum para que possa chamar a atenção do interlocutor. As técnicas argumentativas que mostramos anteriormente não têm essas características e são empregadas de modo comum na linguagem.

#### Figuras de escolha

Nesse tipo de figura, o orador procura “impor ou sugerir uma escolha”, que contribuirá para a argumentação por destacar um termo em detrimento de outro (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 195). Dentre as figuras de escolha, destacam-se a definição oratória e a prolepse ou antecipação.

A **definição oratória** faz bem esse papel, pois não apenas fornece o sentido de uma palavra, mas põe em destaque certos aspectos. Uma sentença que pode mostrar isso é quando dizemos *A casa de minha mãe é o lugar onde encontro todas as lembranças de minha infância*. Poderíamos simplesmente dizer que a casa da minha mãe é o lugar onde nasci ou o lugar onde ela mora, mas não teria o mesmo sentido da definição que faz o interlocutor imaginar a infância do orador.

Já a **prolepse ou antecipação** visa insinuar que uma qualificação deve ser substituída por outra para se evitar objeções (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 197). Assim, por exemplo, se algumas características de um objeto podem levar o auditório a não aceitá-lo, o orador evitará falar sobre esses atributos para não ir de encontro aos desejos de quem o ouve. É o que podemos observar na fala de um professor que conversa com a mãe de um aluno e diz *Seu filho é muito inteligente, mas precisa se concentrar mais no conteúdo das aulas*. Talvez o professor pensasse em dizer que o aluno era muito indisciplinado e, por isso, não consegue aprender os conteúdos, mas por uma questão de ética ou intimidade com a genitora, acaba não proferindo a qualificação que considera mais adequada para o aluno.

#### Figuras de presença

Essas figuras “têm por efeito tornar presente na consciência o objeto do discurso” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 197). O efeito argumentativo dessa presença é que o interlocutor vai lembrar-se desse objeto por um bom tempo. A onomatopeia e a repetição são exemplos de figuras de presença.

O caso da **onomatopeia** ocorre pela criação de uma palavra ou o uso inusitado de palavras existentes para a evocação de um ruído real. O som reproduzido às vezes não é exatamente o ruído do que se quer tornar presente, mas a intenção de imitação já é suficiente (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 198). É muito comum que tentemos reproduzir o som de uma animal para que o interlocutor assimile com maior facilidade a ideia de quem está falando. Se queremos falar que um gato miou a noite toda em cima do telhado e não nos deixou dormir, é mais viável reproduzir o som *miau, miau* para que imediatamente a imagem do gato seja suscitada na mente do ouvinte.

A **repetição**, por sua vez, é uma figura que pode agir diretamente ou pode acentuar o fracionamento de um acontecimento complexo em episódios detalhados (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 198). No caso de fracionar um evento, cada vez que a palavra ou expressão aparece no texto, a mente de quem lê ou ouve consegue reorganizar as ideias e compreender melhor aquele fato. Observemos as sentenças *Minha mãe comprou um fogão novo, mas ele simplesmente não funciona. Eu disse a minha mãe que ela não deveria comprar o produto em outra cidade. Agora teremos muito trabalho para fazer a troca na loja onde comprou*. A repetição do termo *minha mãe* pode ser considerada desnecessária, no entanto, a intenção do orador é demonstrar que ele não é o culpado pelo erro cometido, pois quem comprou o fogão foi a mãe.

### Figuras de comunhão

Para utilizar uma figura de comunhão, o orador procura criar ou confirmar a comunhão com o auditório através de procedimentos literários. Ele faz referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 201). A alusão e a citação são casos de figuras de comunhão.

A **alusão** é uma figura que ocorre quando a interpretação de um texto estaria incompleta se o autor omitir a referência a algo que ele evoca sem designar (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 201). O auditório só compreende a informação do orador devido ao passado em comum. Encontramos essa figura na sentença *Jamais esqueceremos o dia em que a democracia voltou a reinar no Brasil*. Essa referência só é compreendida por pessoas que viveram ou que têm conhecimento a respeito do fim da Ditadura Militar. Mesmo sem citar a data ou o regime que se encerrou naquele momento, o auditório compreende o discurso do orador.

No caso da **citação**, para ser considerada uma figura de comunhão, não pode simplesmente apoiar a fala do orador com o peso de uma autoridade, visto que essa é a função comum desse recurso linguístico. Ela deve aparecer no texto como uma referência que leve o auditório a acreditar que aquele que profere o discurso é alguém próximo, cúmplice das mesmas experiências. Isso ocorre também quando o orador utiliza uma máxima ou um provérbio conhecido pelo auditório, como *O pouco com Deus é muito*. Esse provérbio geralmente é conhecido pela maioria dos brasileiros, por isso, pode ser utilizado para se obter a adesão dessas pessoas, que sentem como se o orador fizesse parte de sua comunidade.

As figuras de retórica e argumentação são, portanto, recursos argumentativos que o orador utiliza através do emprego de expressões que se apresentam fora da linguagem comum. É esse caráter de inesperado que a faz funcionar como um mecanismo de persuasão.

Após essas considerações sobre a retórica e seus mecanismos de análise e produção do discurso persuasivo, cabe abordar brevemente os gêneros discursivos e a relação entre a linguagem oral e escrita, não só porque Aristóteles teorizou a respeito dos textos orais, mas porque as atividades às quais os alunos foram submetidos com o discurso das bordadeiras, estarão disponíveis nessa modalidade da língua, através da entrevista e do debate.



## 1.7 Entrevista e debate no ensino da argumentação

Este capítulo versará a respeito dos dois gêneros discursivos que tiveram maior relevância na execução das atividades propostas nesta pesquisa. A entrevista foi o meio pelo qual colhemos os *corpora* e o debate foi o caminho encontrado para a realização da atividade final com o objetivo de observarmos se os alunos assimilaram o conteúdo abordado durante todas as atividades com a linguagem das bordadeiras.

Antes de falarmos a respeito de cada um desses gêneros especificamente, é preciso tecermos algumas considerações a respeito dos gêneros discursivos como um todo e também sobre as diferenças e semelhanças entre oralidade e escrita, sendo que a primeira será mais explorada por ser a modalidade da língua empregada com maior frequência nas atividades com os alunos.

### 1.7.1 Gêneros discursivos<sup>4</sup>

De acordo com Bakhtin (2011, p. 262) “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. A partir dessa definição, é possível perceber que os enunciados que utilizamos nas diferentes situações comunicativas não são estanques, já que sua estabilidade é apenas relativa. Considerando também que as atividades humanas são cada vez mais variadas, teremos uma ilimitada quantidade de gêneros diferentes.

A respeito da distinção entre essas várias possibilidades, o filósofo russo faz o agrupamento em “gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos)” (BAKHTIN, 2011, p. 263). Essa separação ocorre levando-se em conta as situações de comunicação em que os enunciados aparecem. Para as atividades de comunicação espontânea, em nosso cotidiano, utilizamos um gênero primário, como o diálogo familiar; já para situações mais complexas, utilizamos um gênero secundário, como um texto jornalístico.

Para Schneuwly (2004, p. 23) a noção de gêneros era tradicionalmente utilizada na retórica e na literatura, mas só encontrou uma extensão considerável a partir de Bakhtin, que passou a servir de referência para a maior parte dos autores contemporâneos, por caracterizar os gêneros a partir do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional. Esses três

---

<sup>4</sup> Trataremos aqui da concepção de gêneros de acordo com Bakhtin porque a obra *Gêneros orais e escritos na escola* (2004), organizada por Rojo e Cordeiro, segue as ideias desse pesquisador e foi a nossa base para o estudo da entrevista e do debate público.

elementos são a base para a discriminação entre os diferentes enunciados, porém, a escolha de um determinado gênero é determinada pela esfera, pelas necessidades da temática, pelo conjunto dos participantes e pela vontade enunciativa ou intenção do interlocutor. Apresentaremos agora algumas considerações a respeito dos gêneros orais e escritos na escola.

### 1.7.2 Oralidade e escrita na sala de aula

Falar e escrever são duas competências desenvolvidas pelos humanos ao longo de sua história e surgiram para satisfazer as necessidades dos grupos sociais a fim de conviverem em harmonia. Exceto em casos de problemas patológicos, a fala surge na criança com naturalidade através do contato familiar, mas a escrita precisa ser ensinada através de um processo que se inicia geralmente na infância e segue por toda a vida do indivíduo.

Para Marcuschi e Dionisio (2007, p. 21) “a escrita é uma espécie de representação abstrata e não fonética nem fonêmica da fala, ela não consegue reproduzir uma série de propriedades da fala, tais como o sotaque, o tom de voz, a entoação, a velocidade, as pausas, etc”. Engana-se, portanto, quem imagina que a única diferença entre essas duas modalidades de língua é o modo como elas se materializam. Essas diferenças transformam-se em problemas na fase inicial da alfabetização, principalmente pelo fato de símbolos diversos representarem o mesmo som.

A respeito desse problema, Marcuschi e Dionisio (2007, p. 15) consideram também que “[...] a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização”. Essa dificuldade inicial deve ser considerada pela escola a fim de levar o aluno a perceber que escrever não é simplesmente passar o texto oral para o escrito, pois cada uma dessas modalidades tem suas peculiaridades que precisam ser desvendadas durante o processo de ensino e aprendizagem.

No tocante a essa relação entre fala e escrita, Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 15) afirmam que “[...] o ensino da oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis”. Fica claro, então, que as atividades escolares não podem privilegiar uma ou outra modalidade, já que uma depende da outra. Essa dependência poderia ser questionada se considerarmos que muitas comunidades são ágrafas, mas se comunicam com facilidade através da fala, que, nesse caso,

não possui relação alguma com a escrita. No entanto, a partir da introdução da escrita nessa mesma comunidade, certamente a maneira de falar da população tornar-se-ia mais complexa.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 16) acrescentam que “o trabalho com ambas as modalidades deve dar-se na visão dos gêneros e da produção textual-discursiva, e não na relação das formas soltas e descontextualizadas”. Eis a importância de se trabalhar com os gêneros do discurso, já que cada situação comunicativa exige o uso de um gênero diferente, seja ele oral ou escrito. O contexto também está intimamente ligado a cada uma dessas situações, uma vez que não se produz textos sem um propósito comunicativo e sem os elementos que rodeiam o falante ou escritor.

Buscando essa adequação na metodologia é que a escola deve preparar o aluno para comparar as duas modalidades de texto e observar que cada uma tem sua importância. Essa tarefa não é fácil, diante da quantidade de gêneros presentes na sociedade, mas negligenciar essa necessidade é negar a importância de tudo o que já foi pesquisado e teorizado sobre o tema.

Ao falar sobre a importância de se trabalhar a oralidade em sala de aula, observamos algumas peculiaridades desse tipo de texto, como aponta Marcuschi (2010, p. 17), ao comparar as modalidades escrita e falada da língua. Segundo o autor, a escrita “não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros”. Se esses elementos não forem explorados em sala de aula, através de atividades orais cotidianas, o professor perderá a oportunidade de mostrar a importância de cada um deles para a eficácia da fala do orador.

As entrevistas, os debates e a troca de ideias realizadas nesta pesquisa tornaram-se oportunidades para que os jovens observassem a importância e de sua própria fala e da fala do outro e também para que eles fossem capazes de aprimorar essa modalidade da língua.

Partiremos agora para os gêneros que serviram como base para esta pesquisa. As considerações sobre a entrevista têm como parâmetro o artigo “Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino” de Schneuwly e Dolz (2004); já o debate público será conceituado a partir do artigo *Relato da elaboração de uma sequência*: o debate público, que apresenta uma experiência feita por Dolz, Schneuwly e Pietro (2004) em salas de aula com alunos entre 11 e 12 anos. A escolha dessa base teórica ocorreu por se tratar da mesma faixa etária dos alunos do 6º ano que participaram desta pesquisa.

### 1.7.3 Entrevista

As considerações a respeito do gênero entrevista encontradas no artigo de Schneuwly e Dolz (2004), na verdade, têm o objetivo de apresentar a entrevista radiofônica. As entrevistas realizadas com as bordadeiras não eram transmitidas através de rádio, mas alguns conceitos e as observações referentes ao comportamento dos participantes da atividade são pertinentes a qualquer tipo de entrevista.

Os autores conceituam a entrevista como “um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)” (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 73).

Nessa relação, o papel do entrevistador é fazer o entrevistado falar sobre um problema ou uma questão, a fim de comunicar essa informação a terceiros. A conversa deve, portanto, transcorrer sempre pensando nesses receptores que só saberão o que pensa o entrevistado a partir das intervenções do entrevistador.

Schneuwly e Dolz (2004, p. 73) acrescentam que “geralmente os dois interlocutores ocupam papéis públicos institucionalizados; a natureza da relação social e interpessoal condiciona fortemente a relação que se instaura entre os dois”. Esse fato é bastante relevante para compreender o papel de cada um durante a entrevista, uma vez que o especialista em determinado assunto não prestaria informações privilegiadas a qualquer pessoa, da mesma forma, o repórter não tem interesse em entrevistar qualquer um, precisa ter o *status* de especialista ou ter interesse particular em determinado assunto para que seja entrevistado.

Através da participação em entrevistas, Schneuwly e Dolz (2004, p. 74) acreditam que os alunos aprendem a respeito do papel do mediador, da organização interna da entrevista e da regulação da conversa formal.

O estudo do papel do mediador contribui para que os alunos saibam que podem assumir um papel público diferente de sua identidade privada. Esse entendimento permite que eles possam conduzir, com discernimento, a tarefa de entrevistar.

A organização interna da entrevista deve ser estudada para que os jovens conheçam as diferentes partes que compõem a estrutura desse gênero (abertura, fase de questionamentos e fechamento). O estudo dessas partes também é imprescindível para que os alunos sejam capazes de organizar as ideias e realizarem a tarefa com eficácia.

A regulação da conversa é outro fator importante para o sucesso de uma entrevista, uma vez que é o entrevistador que deve programar as trocas de turno com o entrevistado.

Através desse mecanismo, quem faz as perguntas deve estar preparado para elaborar novas questões e comentários para que a conversa não seja interrompida antes da conclusão do assunto abordado. Apresentaremos agora o gênero debate para que seja possível compreender um pouco a respeito do gênero escolhido para a última atividade desta pesquisa.

#### 1.7.4 Debate público

O artigo *Relato da elaboração de uma sequência: o debate público* de Dolz, Schneuwly e Pietro (2004) foi escrito a partir de experiências em turmas de 6ª série de escolas da Suíça. Já no início do texto, os autores afirmam que o oral se ensina. Essa afirmação tem o objetivo de eliminar os questionamentos a respeito da fala como objeto de estudo em sala de aula. Os que são contrários ao ensino do texto oral argumentam que, como já dissemos, a criança aprende a falar antes de ingressar na escola e, por isso, não precisa ser estimulada para ser proficiente nessa modalidade linguística. A fragilidade desse argumento é facilmente observada se considerarmos que o conhecimento e a aquisição de técnicas para melhorar a oralidade são essenciais para que a criança possa utilizá-la nas mais diversas situações comunicativas.

A escolha do debate público como instrumento para observarmos se os alunos assimilaram as técnicas argumentativas explicitadas a partir das entrevistas com as bordadeiras ocorreu por considerar que a produção de um texto argumentativo escrito não seria adequado para essa avaliação, uma vez que, como já dissemos, o oral e o escrito têm características próprias e os alunos partiram da análise de um outro gênero oral já explicitado, a entrevista, no caso específico aqui, as entrevistas com as bordadeiras. Se os alunos conheceram o conteúdo a partir da oralidade, precisavam experimentar esses conhecimentos na mesma modalidade linguística.

O debate público do qual falamos não é um evento que precisa necessariamente acontecer diante de uma grande plateia que visa analisar a capacidade de cada participante em persuadir o seu interlocutor. O debate ocorreu na própria sala de aula, tendo como espectadores apenas os alunos e o professor, que também participou como mediador.

Outro ponto importante nesse tipo de debate é o foco que o professor deve dar a essa atividade, como sustentam Dolz, Schneuwly e Pietro (2004, p. 223), ao sugerirem que o foco deve ser “menos sobre as dimensões polêmicas e mais sobre sua finalidade de construção coletiva do saber sobre um assunto dado”.

Essa delimitação do objetivo principal do debate evita que os participantes queiram de todas as formas persuadir o outro a acreditar em suas ideias. Essa postura, encontrada nos debates eleitorais, por exemplo, não leva à construção coletiva do conhecimento, já que os debatedores dificilmente consideram o que seu adversário falou sobre o tema. Em se tratando de debate, sempre ocorrerá questões polêmicas para resolver, no entanto, o professor deve evitar que isso seja o centro do debate para que a argumentação de cada aluno seja considerada pertinente e digna da avaliação do outro.

No tocante ao que deve ser debatido, Dolz, Schneuwly e Pietro (2004, p. 224) afirmam que trabalhar um tema que interesse aos alunos não é suficiente, embora seja importante. Além dessa motivação pelo interesse, é preciso considerar a dimensão cognitiva, que se refere à complexidade do tema e ao repertório dos alunos; a dimensão social, que se relaciona ao contexto para que faça sentido para os alunos e a dimensão didática, que demanda que o tema comporte aprendizagem por não ser muito cotidiano.

E como esse tema será introduzido para os alunos? Seria adequado levar textos escritos para que os alunos conheçam o assunto a ser debatido? Dolz, Schneuwly e Pietro (2004, p. 227-228) tentaram evitar a intervenção da escrita na atividade, mas perceberam que não há motivos para apresentar apenas textos orais para que os alunos conheçam o tema, já que, durante o debate, eles poderiam utilizar algumas notas para lembrar alguns pontos importantes. Em nossa proposta metodológica, que será vista adiante, os textos escritos, em diferentes gêneros, foram utilizados para que os alunos conhecessem o ofício das profissionais que iriam entrevistar, para incluí-los na tarefa de organizar o questionário a ser utilizado nas entrevistas e para facilitar a observação das estratégias argumentativas usadas pelas bordadeiras. Assim, garantimos, entre compreensão e produção textual, o contato com gêneros orais e escritos.

A respeito das intervenções do professor os autores (*op. cit.*, p. 234) afirmam é preferível que ele deixe que os alunos resolvam os problemas comunicativos, como não compreender uma pergunta, por exemplo. Já problemas de “erros” de linguagem, se forem muito frequentes, devem ser corrigidos pelo professor após a conclusão do debate para não perturbar a comunicação.

### 1.8 Implicações pedagógicas da pesquisa

Ao desenvolvermos uma pesquisa em ambiente escolar, é importante observar se o conhecimento adquirido durante o processo é relevante para os alunos para que desenvolvam suas competências linguísticas e possam agir socialmente a partir do que foi apresentado pelo professor.

As atividades desenvolvidas em grupo, tanto em sala de aula como também nas entrevistas com as bordadeiras em seu ambiente de trabalho, levaram-nos a refletir sobre as ideias de Vygotsky. De acordo com Fino (2001, p.5), a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) teorizada pelo psicólogo soviético é uma área potencial de desenvolvimento cognitivo determinada entre a capacidade atual da criança em resolver problemas individualmente e o nível de desenvolvimento potencial se essa criança for orientada por adultos ou pares mais capazes.

Individualmente, seria difícil a um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental entrevistar uma bordadeira. Através do trabalho em grupo com os colegas e sob a orientação do professor, essa tarefa foi realizada por nove alunos com idade entre dez e treze anos. Atividades como essa devem ser estimuladas em sala de aula ou fora dela para que os jovens possam desenvolver esse potencial cognitivo que fica em desuso se o aluno for obrigado a resolver todos os seus problemas sozinho.

Encontramos respaldo para a realização da pesquisa também nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, ao observarmos que:

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a língua oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações (BRASIL, 1998, p. 25).

As atividades orais em sala de aula devem, portanto, servir para a realização de tarefas significativas, como as entrevistas e os debates realizados durante esta pesquisa. Tais atividades não tiveram a pretensão de observar se os falantes utilizavam uma linguagem mais formal ou mais informal, mas serviram para observarmos a linguagem em seu uso cotidiano.

Outro ponto a ser observado nesta pesquisa é o que Moreira (1988, p. 5) chama de atividade significativa. Para esse autor, “a aprendizagem é dita significativa quando uma nova informação [...] adquire significados para o aprendiz através de uma espécie de ancoragem em aspectos relevantes da estrutura cognitiva preexistente do indivíduo [...]”.

Entendemos que as atividades realizadas nesta pesquisa podem ser consideradas significativas, já que os alunos que participaram das entrevistas, dos debates e da troca de ideias certamente já tinham estrutura cognitiva suficiente para a realização das tarefas, mas precisavam das informações necessárias para realizá-las.

O mesmo autor faz a comparação entre aprendizagem significativa e aprendizagem mecânica. Ele afirma que “na aprendizagem mecânica, o novo conhecimento é armazenado de maneira arbitrária e literal na mente do indivíduo”. (MOREIRA, 1988, p. 6)

Percebe-se, então, que apenas a primeira é capaz de produzir conhecimento, sendo a segunda apenas uma forma de armazenamento de informações na mente dos indivíduos. Diante disso, a escola deve buscar atividades que levem os alunos a produzirem conhecimento através de informações adquiridas dentro e fora do ambiente escolar.

Um dos entraves a essa iniciativa de levar o aluno a adquirir conhecimento é a necessidade de o professor criar situações de aprendizagem. Sem essas situações, a escola não cumpre sua função diante dos desafios da atualidade.

A esse respeito, Perrenoud et al. (2002, p. 14) apontam as competências necessárias ao profissional docente do século XXI, indispensáveis à lida com o novo contexto de complexidade e contradições. Para eles, o professor deve organizar uma pedagogia construtivista, garantir o sentido dos saberes, criar situações de aprendizagem, administrar a heterogeneidade e regular os processos e percursos de formação.

Nessa perspectiva, o professor deve estar preparado para o enfrentamento de situações complexas, incertas, diversas, pois precisa lidar com a indeterminação dos acontecimentos escolares e a preparação para a diversidade.

No tocante às atividades realizadas nesta pesquisa, não tínhamos controle sobre todas as situações de aprendizagem criadas para o cumprimento das tarefas propostas. Tivemos que enfrentar situações inéditas e tentar minimizar os problemas oriundos de cada etapa do processo.

É interessante notar também que, ao aplicar essa atividade com outra turma ou em outro momento com os mesmos alunos, certamente enfrentaremos novos problemas e precisaremos encontrar uma maneira de regular o processo, dada a complexidade dos fenômenos envolvidos. A certeza que temos é que o professor deve estar preparado para enfrentar esses desafios.



## 2 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada não apenas para o levantamento de dados acerca do problema, mas com o objetivo de intervir para resolvê-lo, o que caracteriza a pesquisa-ação. A esse respeito Thiollent afirma que nessa linha de investigação “os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 2002, p. 15).

Os problemas que a sequência de atividades procurou resolver foram a falta de textos reais e próximos da realidade do aluno e a ausência da argumentação no currículo do 6º ano no Ensino Fundamental.

Considerando que o livro didático geralmente é composto por textos cujos autores desconhecemos, as atividades propostas buscaram inserir produções textuais do cotidiano, textos reais produzidos por pessoas através do contato direto com os alunos. Por conseguinte, os textos que circulam na comunidade serviram de modelo para o estudo da linguagem em sala de aula.

No tocante às atividades propostas nos livros didáticos, percebemos, através de nossa experiência em sala de aula por mais de dezesseis anos, que o estudo da argumentação está presente apenas a partir do 8º ano do Ensino Fundamental, o que certamente é o obstáculo inicial para as dificuldades que os estudantes enfrentam mais tarde quando precisam defender um ponto de vista.

Durante todo o processo que perpassa este trabalho, predominou uma abordagem qualitativa uma vez que foi observada a eficácia de cada argumento apresentado pelos entrevistados e isso não pode ser mensurado de forma numérica. Mas a abordagem quantitativa também foi necessária uma vez que observamos os tipos de argumento e as figuras de retórica e argumentação mais utilizados pelas bordadeiras. Sobre isso, Gamboa considera que a definição das formas de coletar e analisar os dados não deve ser baseada nas técnicas qualitativas ou quantitativas e sim nas escolhas teóricas, nos métodos, bem como na “articulação desses níveis entre si e desses níveis com os pressupostos filosóficos” (GAMBOA, 2012, p. 88).

A coleta de dados para a pesquisa foi realizada através de entrevistas com as bordadeiras que compõem a associação fundada em 1997 e que atualmente conta com a participação de 92 bordadeiras com idades entre 18 e 74 anos. A maioria delas trabalha na própria casa, ficando o prédio da associação como oficina para que as mais experientes

ensinem o ofício às mais novas. Os tipos de bordado produzidos pela associação são *rechilieu*, ponto cheio e brilho.

Inicialmente, tínhamos imaginado que seria melhor entrevistá-las em suas casas para não causar prejuízo ao serviço daquele dia, já que era a semana do São João e elas estavam muito atarefadas. A presidente da associação, porém, disse que “o deslocamento até a associação não seria problema porque as que foram convocadas para participar da atividade, um total de 14, moravam ali perto e poderiam se deslocar para responder ao questionário sem maiores dificuldades”. Ela argumentou também que “o prédio da associação é um espaço amplo, o que permitiria entrevistar mais de uma pessoa ao mesmo tempo.” Outro fator apontado por ela, e que não tínhamos levado em conta, foi o argumento de que “aquele lugar era o ambiente mais adequado para falar sobre o bordado, porque foi ali que elas aprenderam e as lembranças ficariam mais claras<sup>5</sup>”.

A partir dessas considerações, já percebemos que não estávamos diante de uma categoria de trabalhadoras amadoras e, após a análise dos textos gravados, mostraremos que elas têm bastante conhecimento técnico sobre a profissão e sabem quais são os problemas que enfrentam e o que é preciso fazer para solucioná-los.

Os gráficos referentes à idade e à escolaridade dessas profissionais também demonstram que elas não artesãs que pretendem seguir carreira no bordado. Vejamos os dados para entendermos melhor essa afirmação.

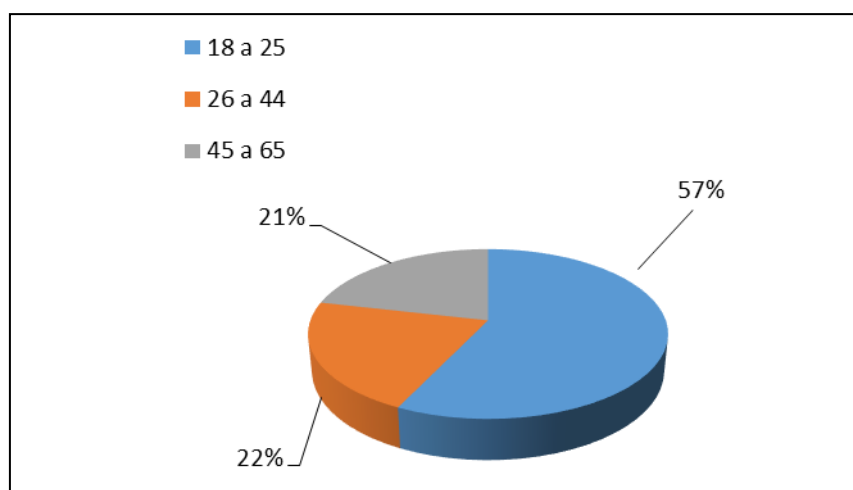


Gráfico 1: Idade das bordadeiras

<sup>5</sup> Essa conversa com a presidente da associação não foi o primeiro contato que tivemos com ela. Desde a elaboração da proposta, as bordadeiras já sabiam que seriam entrevistadas. Na verdade, a proposta só foi elaborada após a primeira conversa com elas, que prontamente aceitaram o convite.

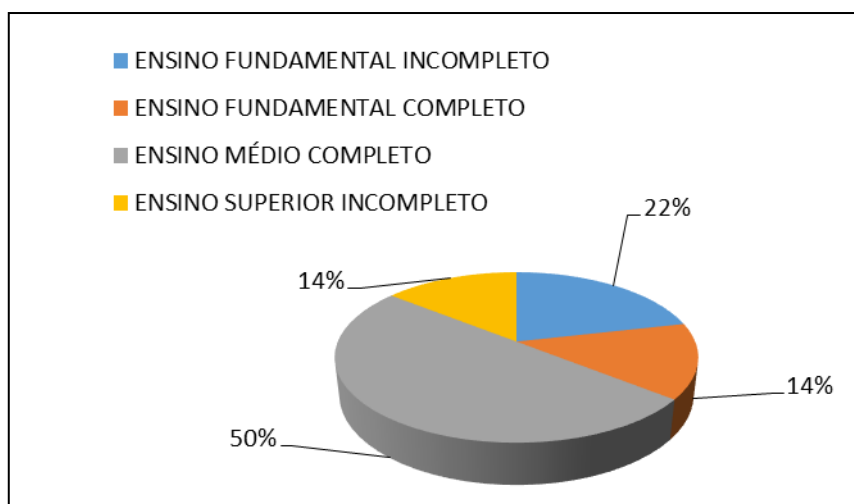


Gráfico 2: Escolaridade das bordadeiras

A maior parte delas (57%) é composta por jovens com até 25 anos, o que explica a falta de expectativa com o trabalho de bordadeira, visto que ainda estão no início da vida profissional e, provavelmente, tentarão seguir uma carreira que possua uma valorização econômica maior.

Os dados sobre escolaridade vêm reforçar essa tendência, já que metade delas possuem Ensino Médio completo e duas já cursam o Ensino Superior. Se imaginávamos que as entrevistadas seriam mulheres com baixa escolaridade e sem perspectiva de mudar de profissão, esses dados mostram o contrário. Também justifica o discurso de uma (B9) que prefere que a filha curse uma faculdade para não seguir a sua profissão.

Aliando os dois gráficos, podemos encontrar a explicação para os discursos bem elaborados que foram gravados pelos alunos. As pessoas mais velhas e com baixo grau de escolaridade também conseguem argumentar com proficiência, mas as jovens que passaram vários anos nos bancos escolares certamente terão uma maior facilidade para organizar tudo que falam.

A respeito da desvalorização da profissão das bordadeiras, observamos o que Santos (2004, p. 18) chama de sociologia das ausências. Para ele, a monocultura do saber científico deve ser substituída por uma ecologia dos saberes, na medida em que “esta ecologia de saberes permite não só superar a monocultura do saber científico, como também a ideia de que os saberes não científicos são alternativas as saber científico”.

A ideia de que não existem profissões que devem ser mais valorizadas do que outras deve ser debatida em sala de aula. Para isso, o professor deve levar os alunos a refletirem a respeito da valorização de profissões cujo conhecimento é considerado científico, em

detrimento das profissões, como das bordadeiras, cujo conhecimento é uma herança cultural passada de geração em geração.

Baseado nessa ideia de valorização do saber científico, Morin (2011, p. 37) afirma que para “promover a inteligência geral dos indivíduos, a Educação do Futuro deve, ao mesmo tempo, utilizar os conhecimentos existentes, superar as antinomias decorrentes do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade”.

Percebe-se que esse autor também não considera o saber científico como o único a ser valorizado, dada a necessidade de identificar se o raciocínio utilizado para a aquisição de um determinado conhecimento é verdadeiro. Dessa forma, ele questiona a veracidade dos saberes considerados cientificamente comprovados.

Vejamos as atividades que exploraram os saberes adquiridos pelas bordadeiras, não através de pesquisa científica, mas na prática, como já dissemos. Essas atividades foram realizadas em uma turma do 6º ano de uma escola pública do município de Tobias Barreto. A escola atende a aproximadamente 830 alunos, com turmas de Ensino Infantil e Fundamental até o 9º ano.

O livro didático adotado pela escola é da coleção *Português nos dias de hoje*, 6º ano: 1ª ed., de Faraco e Moura, 2012, em que há uma unidade dedicada às características da narrativa e é possível encontrar um subtema denominado “O formal e o coloquial na língua falada.” O livro, portanto, foi utilizado para o embasamento teórico a respeito da relação entre o formal e o coloquial na língua falada.

As ações para enfrentar os problemas da pouca oferta de textos reais e da ausência da argumentação no 6º ano do Ensino Fundamental foram divididas em seis etapas (semanas), compostas por três horas/aula de 50 minutos cada uma, perfazendo um total de dezoito aulas. Apresentarem um quadro que resume todas as etapas.

## 2.1 Quadro resumo das atividades por semana

<p>1ª SEMANA</p> <p>1ª aula: Exposição/explicação do trabalho em sala: objetivos e etapas.</p> <p>2ª aula: Exposição dialogada sobre a história do bordado <i>richelieu</i> no Nordeste.</p> <p>3ª aula: Orientações para as entrevistas: destacar a interação na argumentação</p>
<p>2ª SEMANA</p> <p>4ª aula: Estudo do texto <i>O formal e o coloquial na língua falada</i>, presente no livro didático <i>Português nos dias de hoje</i>, 6º ano: 1ª ed., de Faraco e Moura, 2012.</p> <p>5ª aula: Elaboração do questionário para as entrevistas.</p> <p>6ª aula: Formação de grupos de quatro alunos e simulação das entrevistas.</p>
<p>3ª SEMANA</p> <p>7ª, 8ª e 9ª aulas: Entrevistas com as bordadeiras.</p> <p><u>Obs.</u>: Esta etapa ocorreu fora do ambiente escolar e em turno oposto.</p>
<p>4ª SEMANA</p> <p>10ª aula: Explicação sobre os tipos de argumento.</p> <p>11ª aula: Dinâmica em grupo para identificar os tipos de argumentos presentes no discurso das bordadeiras.</p> <p>12ª aula: Identificação de algumas figuras de retórica e argumentação presentes nos <i>corpora</i>.</p>

<p style="text-align: center;"><b>5ª SEMANA</b></p> <p>13ª aula: Escolha das profissões que os alunos desejam seguir na idade adulta para que quatro delas fossem selecionadas para os debates e a troca de ideias.</p> <p>14ª aula: Apresentação de infográficos com as profissões de veterinário e cantor.</p> <p>15ª aula: Debate sobre a profissão de veterinário.</p>
<p style="text-align: center;"><b>6ª SEMANA</b></p> <p>16ª aula: Debate sobre a profissão de cantor<sup>6</sup>.</p> <p>17ª aula: Preparação para a troca de ideias sobre as profissões de youtuber e tanatólogo.</p> <p>18ª aula: Troca de ideias sobre youtuber e tanatólogo.</p>

Antes da escolha da associação de bordadeiras como fonte para a coleta de dados, o pesquisador entrou em contato com a presidente para que a realização das entrevistas fosse possível; as bordadeiras foram também procuradas antecipadamente para que os objetivos e o conteúdo das entrevistas fossem conhecidos.

## 2.2 Passo a passo das atividades

### 1ª aula

A aplicação da proposta teve início através de uma conversa com os alunos sobre os objetivos e etapas do trabalho a ser realizado. O professor falou que se tratava de uma sequência de atividades com cinco etapas e que cada uma ocuparia três aulas semanais. Acrescentou que os objetivos desse trabalho eram inserir a argumentação no currículo do 6º ano, melhorar o desempenho deles na produção de textos falados e escritos, principalmente no que se refere à defesa de um ponto de vista e valorizar a linguagem de profissionais que são vistos pela sociedade como menos importantes. Nesse momento, os alunos foram convidados a falar sobre as profissões dos pais, no tocante à relevância social e consequente valorização.

Em seguida, eles foram informados que estudariam técnicas para argumentar com eficiência quando precisarem fazê-lo no cotidiano e também na escola, já que esse conteúdo será essencial a partir do 8º ano. Para amenizar o receio de estudar um conteúdo supostamente inadequado para a idade escolar, ficou certo de que a maior parte das aulas seriam compostas

---

<sup>6</sup> A 16ª aula ocorreu na 5ª semana, visto que era sequência dos debates entre grupos e foi realizada em uma aula cedida pelo professor de história. Aparece aqui na 6ª semana apenas como uma forma de manter a organização do quadro de atividades.

por atividades lúdicas e eles não sentiriam dificuldades, principalmente porque os textos estudados a partir da terceira semana seriam os discursos das bordadeiras, que eles mesmos iriam gravar na associação de um povoado que fica a 14 km da cidade. A partir daí, eles já foram aconselhados a conversarem com os pais para saberem se tinham permissão para viajar e realizar a tarefa fora da escola.

A respeito das profissões dos pais, muitos alunos relataram que sentem orgulho dos ofícios que os genitores exercem, mas outras pessoas não valorizam porque o serviço é muito desgastante fisicamente e com baixa remuneração. A maioria relatou também que, mesmo reconhecendo a importância dessas profissões, não pretende seguir a mesma carreira profissional. Alguns alunos são filhos de bordadeiras e ficaram animados com a possibilidade de estudar um pouco mais sobre essa profissão.

Eles acharam interessante a possibilidade de antecipar um conteúdo que só veriam dois anos depois, mas alguns ficaram com receio de não conseguirem assimilar porque ainda estavam no início da segunda fase do Ensino Fundamental.

## 2ª aula

Essa aula começou com uma troca de ideias a respeito da história do bordado *richelieu* no Nordeste. As bordadeiras trabalham também com outros bordados, mas, por uma questão de recorte, apenas um tipo foi explorado no que se refere à origem<sup>7</sup>. A relevância dessa atividade se deve ao fato de que, mesmo após quase dois séculos da independência do Brasil, essa profissão continua presente por aqui graças ao ensinamento que é transmitido de geração em geração.

Ao revelar que o bordado veio para o Brasil através da colonização, foi preciso explicar o que foi esse fenômeno de nossa história e situar geograficamente a América e a Europa. Foi necessário também falar sobre a China, uma vez que esse bordado surgiu lá<sup>8</sup>.

Muitos alunos conheciam o bordado *richelieu*, mas apenas uma garota sabia que o nome provinha de algum francês. Ela, no entanto, não sabia por que o bordado tinha o nome dele. Uma aluna até prometeu levar uma peça desse artesanato para apresentar aos colegas na próxima aula.

---

<sup>7</sup> No apêndice A, caderno pedagógico, é possível encontrar um texto produzido pelo autor a respeito da origem desse bordado.

<sup>8</sup> Seria interessante convidar os professores de História e Geografia para falarem sobre nossa colonização e sobre a localização do Brasil, da China e da Europa. No entanto, essa necessidade não havia sido prevista e o próprio professor explicou o assunto.

A respeito da colonização, poucos sabiam o que foi esse acontecimento. Foi preciso, portanto, recorrer a conhecimentos históricos e geográficos para que eles pudessem participar da conversa.

### 3ª aula

Esse foi o momento de orientar os alunos a respeito de como se procede uma entrevista, especialmente no que se refere à interação entre entrevistador e entrevistado, já que é através de técnicas de convencimento utilizadas pelo primeiro que o segundo aceita prestar as informações solicitadas.

O professor explicou que a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado).

Outra orientação importante apontada é que o entrevistador precisa improvisar quando necessário, já que, às vezes, a resposta a uma determinada questão suscita a criação de uma nova indagação que não está prevista no questionário pré-estabelecido<sup>9</sup>.

Após a conversa sobre entrevista, a aluna apresentou os bordados feitos por sua mãe e muitos afirmaram conhecer e diferenciar *rechilieu*, ponto cheio e brilho. Outros, porém, desconheciam a diferença entre eles. Foi um momento de interação e envolvimento com o tema das entrevistas.

Muitos alunos afirmaram que seriam entrevistadores e já tinham o consentimento dos pais para participarem da viagem para o povoado.

A apresentação dos bordados levados pela colega levou os alunos a conversarem sobre os conhecimentos que tinham a respeito desse tipo de artesanato. Eles então começaram a perguntar se o dia das entrevistas já tinha sido marcado.

### 4ª aula

A aula teve início com a leitura do texto *O formal e o coloquial na língua falada*<sup>10</sup>, que está no livro didático *Português nos dias de hoje*, 6º ano: 1ª ed., de Faraco e Moura, 2012, nas páginas 43 e 44.

A importância dessa tarefa deve-se à necessidade de preparar os alunos para o diálogo com as bordadeiras, já que, muitas vezes, os jovens tendem a achar que o interlocutor está falando “errado”. É o momento oportuno para falar também sobre o preconceito

<sup>9</sup> O apêndice A apresenta um texto sobre a entrevista semiestruturada.

<sup>10</sup> O texto encontra-se no apêndice A.



linguístico e enfatizar que o objetivo principal das entrevistas é perceber as estratégias argumentativas que as bordadeiras utilizam para defender um ponto de vista. Se elas utilizarão uma linguagem mais coloquial ou mais formal durante a conversa também faz parte das estratégias para argumentar, mas não abordaremos essa questão durante a pesquisa. Já a adequação dessa linguagem a uma norma culta, de prestígio, consideramos um aspecto irrelevante em nossa pesquisa, visto que a capacidade de argumentar não tem uma relação com a variante linguística do falante.

Para que os alunos pudessem conversar sobre as situações de comunicação, foi preciso falar sobre a necessidade de adequação da linguagem de acordo com os diferentes contextos, como em casa, com os amigos, na escola ou em uma festa com estranhos.

No tocante à linguagem formal e informal, além do texto, forem feitas analogias, como a roupa que usamos para ir à mercearia e a que usamos para ir a uma festa de casamento. Foi enfatizado que, assim como a roupa, não utilizamos a mesma forma de falar em todas as situações de comunicação.

Em relação às entrevistas, o professor advertiu que algumas bordadeiras poderiam falar como se estivessem em casa, mesmo porque seriam entrevistadas em sua associação. A correção gramatical dessa linguagem seria, portanto, desnecessária, visto que o foco desta pesquisa está nas estratégias argumentativas utilizadas por elas.

#### 5ª aula

A apresentação de um questionário com algumas perguntas sobre o conteúdo das entrevistas foi o que iniciou essa aula. As perguntas foram elaboradas pelo professor e eram apenas sugestões para que os alunos pudessem opinar até que se chegasse a um modelo que pudesse ser testado na simulação da aula seguinte. Antes do início da reformulação, o professor lembrou que as questões deveriam levar as bordadeiras a falarem sobre sua profissão de forma argumentativa.

Essa tarefa ocorreu com a utilização de *notebook* e *datashow* para exibir o questionário no programa *word* e possibilitar a alteração das questões de forma prática<sup>11</sup>. Seguem o questionário sugerido e o reformulado:

---

<sup>11</sup> Embora não nos dediquemos a falar sobre a importância do uso das novas tecnologias em nosso trabalho, o Programa de Mestrado Profissional em Rede valoriza a inserção dessas ferramentas no ensino em sala de aula, tendo em vista seu caráter dinâmico e atrativo para crianças e adolescentes da atualidade, que se utilizam desses meios. Sobre essas reflexões, consultar Xavier (2013), Araújo (2010), Tavares, Becher e Franco (2011), dentre outros.

### SUGESTÃO DE QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS

1ª) Como você aprendeu o ofício de bordadeira?

2ª) Por que escolheu viver desse trabalho?

3ª) O que você ganha como bordadeira atende às suas necessidades de moradia, alimentação, saúde, lazer?

4ª) Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

5ª) Você gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

6ª) Você acha que seu trabalho é importante para a sociedade? Por quê?

### QUESTIONÁRIO REFORMULADO

1ª) Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

2ª) Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

3ª) Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

4ª) Por que escolheu viver desse trabalho?

5ª) O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito à mão ou isso não tem importância?

6ª) Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

7ª) A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

Comparando os dois questionários, é possível perceber que quatro questões foram mantidas (1ª, 2ª, 4ª e 5ª) e duas (3ª e 6ª) foram retiradas para dar lugar a outras três. A sexta questão do primeiro questionário foi retirada porque o professor considerou que ela estava muito abstrata e poderia ser interpretada de maneira equivocada e não contribuir com a pesquisa. A elaboração da quinta questão do questionário reformulado também foi sugestão do professor por considerar que quase todas as bordadeiras da região trabalham com máquinas.

Já os alunos afirmaram que o questionário precisava exaltar a fama de Capital dos Bordados que Tobias Barreto possui. Observemos algumas falas que comprovam isso:

“Professor, que questionário sem graça! Nem diz que aqui é a Capital dos Bordados. A mulher nem vai querer responder”.

“Não tá sem graça, mas precisa dizer sim que aqui é a Capital dos Bordados.”

Após essa conversa, a primeira questão do questionário reformulado foi produzida.

Segundo eles, era importante saber se elas só produziam o bordado *richelieu* ou se sabiam fazer outros. Na verdade, eles já tinham visto na segunda aula que elas trabalhavam com outros dois tipos, mas, mesmo assim, acharam que essa pergunta deveria estar no questionário. Em razão disso, surgiu a terceira questão.

A avaliação e consequente retirada da terceira questão do questionário sugerido motivou muita euforia entre eles por um motivo que o discurso direto consegue mostrar com maior propriedade:

“Professor, deixe de ser curioso! O que o senhor tem a ver com o dinheiro delas?”

“Se eu fosse elas, não responderia.”

“Elas vão ter vergonha de falar. Tem que tirar essa pergunta!”

Após essa troca de ideias, o questionário ficou pronto para a simulação das entrevistas na próxima aula.

#### 6ª aula

Essa aula começou com a distribuição de cópias do questionário reformulado na aula anterior para que pudesse ocorrer a simulação das entrevistas. Ficou certo de que não era necessário memorizar as questões já que o objetivo principal da coleta de dados era descobrir quais estratégias argumentativas eram mais utilizadas pelas bordadeiras<sup>12</sup>.

Os alunos foram orientados a formarem grupos de quatro componentes para simularem as entrevistas. O ensaio teve três utilidades principais:

---

<sup>12</sup> Até essa aula, os alunos não tiveram contato com os conceitos referentes às estratégias argumentativas, mas sabiam que esse conteúdo seriam apresentados, após as entrevistas, através da análise dos discursos das bordadeiras.

1) Elevar a autoconfiança dos participantes que certamente ficariam mais tranquilos na hora de entrevistarem as bordadeiras;

2) saber quais são os alunos que possuíam mais habilidade para ocupar a posição de entrevistador;

3) observar se o questionário utilizado atendia aos interesses da pesquisa ou se precisava ser reformulado.

O ensaio foi feito com um grupo de cada vez, já que, com vários grupos simultaneamente, seria impossível acompanhá-los para resolver possíveis problemas. Cada grupo foi composto pelos seguintes componentes: 1 entrevistador, 1 bordadeira, 1 sonoplasta e 1 auxiliar que ajudou o entrevistador com o questionário.

Para descobrir se o entrevistador era capaz de improvisar caso a bordadeira fugisse das perguntas propostas no questionário, o professor colocou-se na posição de bordadeira algumas vezes durante o ensaio e respondeu às questões de forma inesperada para que o aluno tentasse contornar a situação e chegar ao sucesso através da elaboração de perguntas que não estavam previstas no papel.

Ficou acertado que, no dia da entrevista, o aluno que fez o papel de bordadeira no ensaio seria mais um sonoplasta, uma vez que não poderíamos confiar em gravar os áudios em apenas um aparelho celular. Mesmo sabendo que apenas doze alunos eram necessários para a próxima etapa da pesquisa, toda a turma participou para que a totalidade dos alunos sentisse que fazia parte do processo. Após o ensaio, percebeu-se que o questionário não precisava de reformulação.

A escolha dos doze alunos foi difícil porque dezoito queriam viajar para o povoado e afirmavam que já tinham autorização dos pais para efetivar a participação. O professor distribuiu convites para que eles entregassem aos pais ou responsáveis, que deveriam comparecer à escola naquela semana para uma reunião<sup>13</sup> em que eles poderiam tirar suas dúvidas e assinar um documento<sup>14</sup> autorizando a participação do aluno.

A viagem foi marcada para terça-feira da semana seguinte às 7:30 da manhã, uma vez que o professor havia informado que as entrevistas seriam iniciadas às 8:00. Os alunos deveriam esperar o ônibus na escola e precisavam ir fardados.

---

<sup>13</sup> Para a reunião, apenas sete pais compareceram e conversaram com o professor sobre as entrevistas. Outros alunos, porém, argumentaram que os pais autorizaram, mas não puderam comparecer à reunião. Após uma conversa entre professor e equipe diretiva, foi permitido que eles viajassem se os pais, mesmo sem a participação na reunião, acompanhassem os filhos até o local de embarque e assinassem o documento de autorização.

<sup>14</sup> Apêndice B - Ata da reunião com os pais ou responsáveis.

Os alunos participaram do ensaio com bastante eficiência e logo cada um foi assumindo o papel que achava capaz de desempenhar.

Em relação à capacidade de improvisar quando o entrevistador contracenava com o professor e era obrigado a criar uma pergunta inesperada ou puxar conversa para contornar a dificuldade, apenas uma aluna mostrou-se capaz de fazer isso com eficácia.

Alguns alunos reclamaram que gostariam de efetivar as entrevistas, mas os pais não poderiam comparecer à reunião para autorizarem a viagem.

#### 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> aulas

No dia marcado, dois pais levaram seus filhos até o local indicado e assinaram o documento. Somados aos outros sete que já estavam autorizados, foram nove os alunos que viajaram para a realização das entrevistas.

A professora de Redação do 9º ano também participou da viagem. Ela havia pedido para participar da viagem acompanhada de uma aluna de sua turma. Elas souberam do projeto e a educadora queria ver as entrevistas para saber se a atividade era interessante para ser aplicada também com seus alunos<sup>15</sup>.

Saíram todos em direção ao povoado onde fica a associação de bordadeiras. Ao chegar lá, o professor fez a apresentação nominal de seus alunos e também da professora citada com sua aluna. Em seguida, estimulou uma troca de ideias entre os participantes para que a timidez não impedisse a obtenção dos resultados esperados.

Após essa breve conversa, os alunos foram divididos em três grupos de três alunos cada um. O professor, a professora e sua aluna ajudaram na gravação dos áudios, já que apenas um dos alunos ficou na sonoplastia. O aluno que tinha a função apenas de auxiliar também ocupou o papel de entrevistador e, dessa maneira, cada bordadeira era entrevistada por dois alunos e a conversa era gravada por duas pessoas.

Eles entrevistaram individualmente nove artesãs e outras três foram abordadas coletivamente, no entanto, os alunos apresentaram dificuldades em manter um diálogo mais longo com as entrevistadas.

Diante dessa impasse, o professor convidou a professora do 9º ano para que ambos entrevistassem as duas bordadeiras que possivelmente seriam as melhores argumentadoras,

---

<sup>15</sup> A professora do 9º ano chama-se Bárbara Ramos e também participou da conversa com as bordadeiras identificadas na transcrição como B1 e B2.

considerando que uma já presidiu a associação por muitos anos e a outra é a atual presidente<sup>16</sup>.

Terminado o processo de coleta de dados, o professor agradeceu aos entrevistados, aos alunos e à professora pela participação na tarefa. Ainda na associação, todos os áudios foram transferidos para o *notebook* do professor para não se correr o risco de perder algum arquivo.

No final da atividade, os alunos afirmaram que estavam satisfeitos pelo dever cumprido e disseram que gostariam de participar de outras atividades fora do ambiente escolar porque é uma forma de conhecer novas pessoas e a maneira como elas pensam.

#### 10ª aula

De volta à sala de aula, o professor apresentou um *slide* com as estratégias argumentativas<sup>17</sup> mais encontradas nos discursos pesquisados. O conteúdo apresentado foi preparado previamente pelo professor, que fez a transcrição de todo o conteúdo das entrevistas e observou as estratégias argumentativas mais utilizadas pelas bordadeiras. O objetivo dessa aula era que os alunos tivessem contato com os tipos de argumento através de exemplos retirados dos *corpora*. O fato de não trabalhar o conteúdo antes das entrevistas ocorreu porque era difícil prever as estratégias que seriam encontradas. A escolha dos argumentos apresentados ocorreu através da observação, por parte do professor, das estratégias argumentativas mais abundantes nos discursos gravados.

O professor também entregou cópias com o mesmo conteúdo apresentado para que os alunos pudessem estudar em casa para a atividade da aula seguinte. Os conceitos teóricos retirados do *Tratado da argumentação* foram trabalhados de forma simplificada em relação às diversas possibilidades de se encontrar um mesmo argumento a depender do contexto e de vários outros fatores que interferem na argumentação.

Essa simplificação, que pode ser vista no quadro com os argumentos, teve o objetivo de adequar o conteúdo à faixa etária dos alunos, já que essa atividade foi realizada para levar os alunos a perceberem a presença de cada argumento e a função que ele exerce para que os objetivos do orador sejam alcançados.

A exposição não teve como base a divisão dos argumentos em quase-lógicos, baseados na estrutura do real e ligações que fundamentam a estrutura do real, mas as suas

---

<sup>16</sup> Essa conversa entre os dois professores e as bordadeiras apresenta mais conteúdo argumentativo do que todas as entrevistas realizadas pelos alunos.

<sup>17</sup> Perelman e Tyteca (2005) utilizam a nomenclatura **Estratégias argumentativas**, mas, no slide, preferimos o termo **Tipos de argumento** para facilitar a compreensão dos alunos.

subdivisões, como contradição, causalidade e exemplo. Como já foi exposto, os exemplos foram retirados pelo professor dos áudios gravados na etapa anterior e vêm acompanhados da letra “B”, e de um número entre 1 e 14. Isso indica que a frase proferida por B1 é um trecho da fala da primeira bordadeira pesquisada, B2 é a segunda e assim sucessivamente. Eis o quadro que foi exposto e entregue para os alunos:

#### TIPOS DE ARGUMENTO

NOME	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Causalidade	Expõe as causas dos fenômenos	B9 – (Risos) “Na verdade, eu não escolhi, né? Foi falta de opção, porque aqui só tem isso.” <i>sic</i>
Sacrifício	Busca demonstrar o sacrifício que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado.	B14 – “O bordado é muito trabalhoso, dá muito trabalho, mas, no fim, com a divisão, sempre pagam pouco.”
Comparação	Aproxima ou diferencia uma coisa de outra.	B9 – “ Não, porque existem várias outras áreas, como fazer faculdade, que isso pode dar mais futuro do que bordar.”
Exemplo	Generaliza a partir de um caso particular.	B1 – “Aí você vê uma pessoa que começou a bordar com 15 anos, hoje com 60 anos, e a vidinha dela é a mesma, o mesmo padrão. Por que? Porque ela não valoriza o trabalho dela, então ela não pode crescer nunca.” <i>sic</i>
Contradição	Torna o discurso incoerente porque uma parte da frase nega a outra.	B2 – “As pessoas acham o bordado bonito e tudo, acham aquela coisa linda e quando chega em Tobias (...) mas não dá o devido valor, não pensa no trabalho que aquilo foi feito, a cultura que vem vindo das famílias, né?” <i>sic</i>

Os alunos tiveram dificuldades com alguns tipos de argumento, mas afirmaram estar preparados para a atividade da aula seguinte. Eles tiveram mais dificuldade para entenderem a causalidade e a contradição.

#### 11ª aula

Nessa aula, os alunos foram divididos em grupos de cinco para ouvirem trechos das entrevistas e tentarem identificar o argumento presente na fala do entrevistado. Cada grupo tinha um minuto para identificar a estratégia argumentativa utilizada pela bordadeira.

Quando não acertavam, a vez era passada para o grupo seguinte. Se esse grupo também não acertasse apenas com o áudio, a transcrição era apresentada em slide para que todos os grupos tivessem a oportunidade de identificar o tipo de argumento.

Alguns argumentos só foram identificados após a apresentação da transcrição. A dificuldade maior surgiu para encontrar a causalidade e a contradição, repetindo o problema identificado na aula anterior.

Durante a atividade, cada trecho era apresentado individualmente para que fosse identificado o tipo de argumento. Quando um dos grupos conseguia identificar o tipo de argumento apenas com o áudio, a transcrição não era apresentada, já isso seria feito no final da aula.

O quadro a seguir foi apresentado no final da aula, através do *datashow* e mostra todos os exemplos que foram apresentados e as respostas esperadas pelo professor. As tentativas dos alunos durante toda a aula não serão aqui apresentadas porque a atividade não foi gravada e não houve anotações referentes a isso.

#### QUAL O TIPO DE ARGUMENTO PRESENTE EM CADA TRECHO?

B6 – “Porque não tem outro, né, aqui na região da gente. É o que a gente conseguiu trabalhar, com essa forma.” <i>sic</i> (Causalidade)
B1 – “ Ontem eu fui entregar uma peça de bordado numa loja em Tobias Barreto: – Qual é seu preço? – Meu preço é X. – Realmente tá bonito seu trabalho. Você não fica com raiva de mim não?” <i>sic</i> (Exemplo)
B1 – “Você pega um jogo de lençol, você diz: O valor é X. Aí você vai ali no povoado vizinho o mesmo produto, talvez não seja com um acabamento tão perfeito como esse, mas pra quem não conhece vê esse <i>richelieu</i> e vê outro e acha que tá todo igual.” <i>sic</i> (Comparação)
B3 – “Não, eu acho que essa profissão é uma profissão que não é muito valorizada. As pessoas vêm em Tobias, veem os bordados e acham bonito, mas não param para pensar em quem faz esses bordados.” (Contradição)
B8 – “Olha, aqui dão valor porque é o único que tem, né? Mas, na verdade, se tivesse outro trabalho por aqui acho que não.” <i>sic</i> (Causalidade)
B5 – “É reconhecido e é muito bom, mas o que a gente ganha é muito pouco.” (Contradição)



B1 – “É uma profissão que faz muito risco. Além de prejudicar a coluna. Depende da cadeira que você senta, o tempo que você fica sentado, prejudica realmente a coluna. Você se levanta com fortes dores aqui na nuca.” <i>sic</i> (Sacrifício)
B2 – “Aí lá fora eles valorizam mais, pagam um preço muito alto até porque uma coisa que a gente vende aqui por 20, em São Paulo a menina vende por 70, 80 o preço.” <i>sic</i> (Exemplo)
B1 – “E é um trabalho bem minucioso, você vê que é um trabalho demorado, um trabalho de risco, porque já aconteceu muito acidente das bordadeiras furar o dedo com agulha. Casos de até ir parar no hospital ter que fazer uma cirurgia pra abrir o dedo, tirar o pedaço da agulha que ficou lá dentro.” <i>sic</i> (Sacrifício)
B3 – “Eu acho que outras profissões são valorizadas: médico, professor. Professor nem tanto, mas médico, advogado. A profissão de bordadeira acho que não é valorizada.” (Comparação)

#### 12ª aula

Esse momento foi semelhante ao que ocorreu na décima aula, em que os tipos de argumento foram apresentados. Dessa vez foram apresentadas as figuras de retórica e argumentação com a divisão proposta por Perelman e Tyteca, (2005, p. 194-202) em figuras da escolha, da presença e da comunhão, uma vez que nessa aula a identificação das figuras ocorreu apenas durante a explicação e não seria utilizada para outra atividade posterior. Mais uma vez, os conceitos foram adaptados à faixa etária dos alunos. Vale ressaltar que a seleção e classificação de cada exemplo foi feita previamente pelo professor. Caberia ao aluno apenas observar e discutir a utilidade de cada figura para a argumentação das bordadeiras. Este foi o quadro apresentado no *datashow*:

#### FIGURAS DE RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO

TIPO	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Escolha	A pessoa procura impor ou sugerir uma escolha, que contribuirá para a argumentação por destacar um termo em detrimento de outro.	<p>“B2 - E não tem, os que não sabem a gente vê que tem interesse mesmo porque curso é oportunidade.”</p> <p>Ela poderia dizer que curso é um evento que ocorre quando uma pessoa ensina e outras aprendem, mas a intenção dela é mostrar a importância desse evento para a jovem e, por isso, ela diz que “curso é oportunidade”.</p>

Presença	Torna presente algum fato na mente de quem está ouvindo.	<p>B5 – “Porque não tinha outra profissão. Mas é o que eu gosto. Gosto de trabalhar. É o que sei, é o que gosto.”</p> <p>A repetição da palavra gosto faz o ouvinte fixar essa ideia de trabalhar por prazer.</p>
Comunhão	A pessoa faz referência a alguma frase ou passado comum entre ele e o ouvinte.	<p>B4 – “A gente gostaria de ter mais valor mas como a região aqui é assim. Então é, mas é como a gente diz assim: pouco com Deus é muito, né?” <i>sic</i></p> <p>Esse ditado popular é uma frase conhecida pela maioria das pessoas e serve para aproximar falante e ouvinte.</p>

Os alunos tiveram mais dificuldade para compreender a escolha, pois, mesmo com outros exemplos apresentados pelo professor, proferiram as seguintes frases:

“Olha, professor, esse negócio de presença e comunhão eu entendi logo, mas a escolha não dá pra entender.”

“Com esses outros exemplos deu pra entender um pouco, mas é difícil mesmo.”

### 13ª aula

Essa aula contemplou a escolha das profissões que os alunos desejam seguir na idade adulta. Cada aluno escolheu também dois ofícios que não gostaria de exercer. Antes da escolha das profissões, o professor apresentou, em *datashow*, um quadro com mais de cinquenta opções para que eles escolhessem uma. Havia também a possibilidade de escolher uma que não constava no quadro.

As duas colunas preenchidas com profissões rejeitadas pelos alunos foram elaboradas após todos falarem qual profissão queriam seguir. Não havia a opção de rejeitar uma que ninguém escolheu. Essa restrição ocorreu para facilitar a formação de grupos pró e contra uma mesma opção. Os resultados mostram que a tentativa deu certo com as profissões de veterinário e de cantor. Foram, portanto, escolhidas essas duas profissões como base para o debate público que apresentaremos nas próximas duas aulas.

As profissões de tanatólogo e youtuber também foram selecionadas e serão discutidas na 17ª e 18ª aulas. Os motivos desta escolha serão apresentados mais adiante. O importante é saber que os alunos debaterão um total de quatro profissões.

#### 14ª aula

O professor apresentou, em datashow, um infográfico com dados a respeito das profissões de veterinário e cantor. Os dados eram referentes à remuneração média, área de atuação, perfil e responsabilidades do profissional, entre outros.

Os alunos foram convidados a participarem de uma troca de ideias em que poderiam tirar suas dúvidas e anotar o que achavam importante para o momento do debate. Os questionamentos não foram restritos aos dados iniciais apresentados pelo professor, já que o objetivo da aula era levar os alunos a adquirirem o maior número de informações a respeito do tema a ser debatido. A internet foi utilizada para esclarecer algumas dúvidas apresentadas pelos alunos e que não foram contempladas pela pesquisa que o professor fizera antes da aula. Após esse diálogo, os alunos foram informados de que o debate seria gravado para a análise dos argumentos utilizados pelos participantes.

#### 15ª aula

Nesse momento ocorreu o debate a respeito da profissão de veterinário, ficando para a próxima aula os alunos que foram selecionados para debater a profissão de cantor. Os debatedores eram apenas seis alunos, divididos em dois grupos de três, que se posicionaram a favor ou contra exercer a profissão. Dentre as principais regras do debate, havia o compromisso de ouvir e respeitar os argumentos do outro, uma vez que o objetivo da atividade era a aquisição de conhecimentos e não a tentativa de encontrar um grupo vencedor.

A aula de 50 minutos foi dividida da seguinte forma para a efetivação da atividade:

- a) 20 minutos para que os grupos se reunissem e discutissem os argumentos que seriam apresentados;
- b) 5 minutos para uma troca de ideias em que o professor explicou os objetivos e as regras do debate;
- c) 20 minutos para a efetivação do debate.
- d) 5 minutos para que fosse feita uma avaliação da atividade realizada.

Nos 20 minutos iniciais da aula, os alunos que não estavam em nenhum dos grupos que deveriam efetivar o debate escolheram um dos lados para apoiar e elaborar notas com os argumentos que poderiam ser apresentados para a turma. Através de sorteio, um dos grupos

precisou retirar-se da sala para elaborar as notas em outro ambiente a fim de facilitar a troca de ideias entre os membros.

Durante os 20 minutos do debate propriamente dito, cada grupo tinha 2 minutos<sup>18</sup> para apresentar um dos argumentos e o outro grupo contra-argumentava em apenas 1 minuto. Após a resposta, este grupo apresentava outro argumento, observando o tempo disponível, e o grupo que iniciou o debate respondia. Observando essa troca de turnos, cada grupo teve a oportunidade de apresentar pelo menos três argumentos.

Vejamos uma parte do debate sobre a profissão de veterinário:

Aluno – “Esse trabalho é bom porque promove a saúde e o bem estar dos animais.”

Professor – “Alguém quer comentar esse argumento? Não? Então o outro grupo pode começar.”

Aluno – “Eu não gosto muito dessa profissão porque ela maltrata muitos os animais e também alguns deles nem sobrevivem.”

(...)

Aluno – Esse trabalho é bom porque tem o salário alto porque algumas vezes os animais precisam de medicamentos e não têm na clínica e aí nós podemos ajudar com o salário.

Professor: – Esse salário alto que você fala é quanto mais ou menos?

Aluno – Cinco mil.

Professor: – “Os alunos que não querem trabalhar na profissão têm alguma coisa a dizer sobre o salário de cinco mil?”

Aluno – “Porque é muito pouco.” (risos da turma)

Professor: – “L. acha pouco cinco mil. Mas é a opinião dela. Ela sabe que tem que estudar muito para ser veterinária. O grupo que não quer ser veterinário vai falar agora.”

Aluno – “Para cuidar de animais grandes precisa ir para o pasto e ficar todo sujo de terra. Às vezes pode até encontrar uma cobra.”

Professor: – “Alguém que comentar o argumento de T.?”

Aluno – “Mas é bom porque estaremos em contato com a natureza.”

Observemos que o primeiro argumento apresenta uma relação de causalidade, da mesma forma que as bordadeiras argumentaram. Trabalhar nessa profissão causa a promoção da saúde e bem estar dos animais.

---

<sup>18</sup> Os 2 minutos disponíveis para cada grupo é o tempo máximo que o participante dispunha para apresentar um argumento. A maioria não atingia esse tempo em cada turno de fala.

Quando o debate parte para a questão do salário, podemos perceber o argumento que Perelman e Tyteca (2005, p. 248) chamam de a regra de justiça. Nele, o orador procura a aplicação de um tratamento idêntico para seres ou situações que estão numa mesma categoria, como o aluno que considera pouco o salário de cinco mil para um veterinário. Provavelmente ele estava brincando, tanto que os outros riram após sua afirmação, mas o alto salário é compatível com as dificuldades e com o grau de escolaridade exigido para exercer a profissão, como se fosse justo receber tal valor.

Já o último argumento que vemos na fala dos alunos demonstra o argumento pelo sacrifício, que também foi bastante utilizado pelas bordadeiras. Falar dos perigos de cuidar de animais maiores demonstra as dificuldades da profissão.

#### 16ª aula

Esse momento seguiu todos os passos da aula anterior, mas o tema do debate era sobre a profissão de cantor.

Vejamos parte do debate e a análise dos argumentos:

Professor – “Agora M. vai falar porque não é bom ser cantor.”

Aluno – “Não poder sair de casa sozinho porque os fãs vão atrás de você e você não tem mais privacidade nem segredos em qualquer lugar que você estiver estão os fotógrafos e jornalistas tirando fotos de você.”

Professor – “Quem deseja falar?”

Aluno – “Não há a necessidade de sair tanto já que estarão ocupadas em fazer shows.”

(...)

Aluno – “É bom porque você entra em todos os lugares porque é famoso.”

Professor – “Nicole vai falar sobre isso.”

Aluno – “Isso não é amor à profissão. Isso se chama interesse.”

Professor – “Mais alguém?”

Aluno – “O cantor corre perigo porque tem que viajar muito.”

O primeiro argumento desse trecho também apresenta o sacrifício da profissão, como ocorreu com os veterinários. Se os fãs são um incômodo para o cantor, isso demonstra que o ofício não é muito bom.

O argumento de dizer que “isso não é amor à profissão. Isso se chama interesse” é um argumento de contradição, pois visa levar alguém que afirmou que ama a profissão a não

falar que quer entrar em todos os lugares através da fama. Se falar isso, seu discurso será contraditório. Esse argumento foi pouco explorado pelas bordadeiras.

#### 17ª aula

Essa aula serviu como uma preparação para uma troca de ideias entre alunos que deveriam defender uma profissão e o restante da turma. A mudança de debate para uma troca de ideias<sup>19</sup> ocorreu para observarmos se a discussão entre dois grupos, como fizemos nas últimas aulas, inibiu a participação dos alunos que formaram a plateia. Dessa vez, todos tiveram a liberdade de comentar os argumentos dos alunos que defenderam as profissões de youtuber e tanatólogo.

A escolha dessas duas profissões ocorreu por motivos distintos. A primeira, por estar envolvida com as novas tecnologias e por haver dois alunos que já possuem canais no Youtube, levando-nos a observar se os alunos aderem a tudo o que é oferecido nessas mídias ou se há restrições; a segunda, porque uma aluna possui um tio que é tanatólogo e quer seguir a mesma carreira profissional e por se tratar do ofício de vestir pessoas mortas, o que demonstra, através da rejeição por parte da turma, que há uma grande dificuldade em lidar com a morte.

A preparação para a aula seguinte ocorreu através de uma conversa em que os alunos que escolheram essas profissões pudessem falar um pouco sobre o ofício e, com a ajuda do professor, fosse possível levar a turma a se interessar pela troca de ideias. Nesse momento, apenas alguns dados foram apresentados, como o perfil do profissional e as atribuições do cargo, não sendo abordadas questões mais polêmicas para não antecipar o embate entre os alunos.

#### 18ª aula

Durante quinze minutos, os defensores de cada profissão conversaram entre si para prepararem os argumentos que seria apresentados. Inicialmente, apenas uma aluna pretendia defender os tanatólogos, porém, duas colegas disseram que a profissão era muito importante para a sociedade e pediram para também participar da defesa, o que foi aceito pelo professor. Na defesa dos youtubers, permaneceram apenas os dois alunos que escolheram a profissão.

Foram gastos cinco minutos para que o professor explicitasse as regras do debate, já que não seria permitida a interferência dos participantes com menosprezo à profissão

---

<sup>19</sup> Chamamos as atividades dessas últimas aulas de troca de ideias porque só consideramos debate quando há dois grupos para discutirem opiniões opostas.

discutida, visto que o objetivo da aula era aprender um pouco mais sobre os dois ofícios. Ficou certo também que cada profissão seria discutida por quinze minutos e que tudo seria gravado em áudio.

Apresentaremos agora o que ocorreu durante a troca de ideias e a transcrição de alguns trechos com os argumentos que tiveram maior destaque. Utilizando-se dos tipos de argumento, faremos também uma comparação entre a argumentação dos alunos e a argumentação das bordadeiras. Vejamos inicialmente um trecho do debate sobre a profissão de youtuber.

Professor – “L. e T., O que é que faz exatamente um youtuber? Porque têm pessoas aqui que talvez queiram seguir a profissão, mas dizem que não sabem direito o que é que faz, como é que ganha dinheiro. Eu queria que vocês falassem um pouco sobre isso.”

Aluno – “Posso falar sobre o lado ruim da profissão?”

Professor – “Pode.”

Aluno – “É que no youtuber talvez alguém que não vai gostar de seu vídeo, vão te criticar. Alguns vão lá só para criticar mesmo.”

Professor – “Então eles nem prestam atenção no vídeo. Vão só para criticar, não é? E o que é que exatamente faz um youtuber?”

Aluno – “Ele faz vídeos para ganhar dinheiro. São pessoas que trabalham com entretenimento e postam os vídeos para as pessoas divulgarem. O lado ruim é que você tem que ter internet, computador.”

(...)

Aluno – “Esse menino comprou uma casa porque teve mais de duas mil visualizações no vídeo dele. E ele ganhava milhões por dia, por mês, que diga. E era um menino pequeno, de uns dez anos. Eu vi no noticiário.”

Observem que, mesmo após o professor perguntar sobre as atribuições do youtuber, o aluno quis primeiro falar sobre as dificuldades da profissão, utilizando-se de um argumento pelo sacrifício. Repetindo, assim, o que já observamos com as profissões discutidas nas aulas anteriores.

No segundo trecho transcrito, podemos encontrar um tipo de argumento que não foi visto nos discursos das bordadeiras. Trata-se do argumento de autoridade, já que o aluno afirma que viu no noticiário a história do menino que comprou uma casa com a profissão de youtuber. Se apareceu no noticiário, dificilmente alguém vai questionar a veracidade do fato.

Agora analisaremos um trecho do debate com a profissão de tanatólogo.

Professor – “E se não existisse essa profissão, como seria isso?”

Aluno – “Ia ser ruim para muitas pessoas. Se não existisse essa profissão não ia dar reggae não.” (risos).

(...)

Professor – “Alguém da plateia gostaria de falar?”

Aluno – “Os vivos tão matando, tão roubando, tão agredindo, tão estuprando. Tão fazendo várias coisas e o morto não faz nada. Mesmo assim as pessoas ainda ficam com medo dos mortos.”

Professor – “Podem falar sobre a profissão. A maioria disse que não queria ser tanatólogo, mas agora não querem falar. Ninguém aqui vai ficar com raiva não. A gente só quer ouvir o outro lado.”

Aluno – “Podem falar à vontade. Ninguém vai ficar com raiva nem vai bater em vocês não.”

No argumento apresentado pelo aluno que afirma que “não ia dar reggae” se não existisse a profissão de tanatólogo, podemos perceber a utilização de uma figura de comunhão, uma vez que essa gíria é compreendida pela maioria dos alunos e significa que não daria certo viver sem esses profissionais.

No segundo trecho, encontramos o argumento de comparação e o argumento de contradição. O primeiro foi utilizado por um aluno quando comparou as atrocidades feitas pelos vivos e a falta de ação dos mortos para justificar que não devemos ter medo dos defuntos; o segundo foi apresentado pelo professor ao comentar que a maioria não queria ser tanatólogo, mas não rebateu os argumentos dos que defendiam a profissão. Essa observação feita pelo professor pode demonstrar que os oradores souberam persuadir o auditório de maneira tão eficiente que não surgiram contra-argumentos.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos enfrentar o problema da falta de relação entre os textos dos livros didáticos e a realidade dos alunos, inserimos a argumentação no currículo do 6º ano e levamos esses jovens a argumentarem em sala de aula. Neste capítulo, mostraremos o que deu certo e o que é preciso melhorar para a aplicação de projetos futuros com enfoque semelhante.

No tocante aos textos que façam parte da realidade dos alunos, o discurso das bordadeiras foi utilizado como base para o estudo dos conteúdos em sala de aula. Considerando que o ofício de bordadeira é conhecido por todos os habitantes de Tobias Barreto, a utilização das entrevistas como meio de coletar textos para se trabalhar com os alunos serviu para que eles percebessem que o livro didático não é a única fonte de material para se trabalhar em sala de aula.

Aliado a esse objetivo de aproximar os conteúdos da realidade, as entrevistas também levaram os jovens do 6º ano a se apresentarem como protagonistas da atividade, visto que as perguntas e a gravação dos discursos foram feitas por eles mesmos. Certamente, nas séries seguintes, esses alunos terão mais facilidade em falar em público e participar de atividade que exija interação com a comunidade fora do ambiente escolar.

Em relação à inserção da argumentação no 6º ano do Ensino Fundamental, consideramos que as atividades foram válidas, visto que muitos jovens apresentaram um desempenho acima do esperado para a sua faixa etária. Reconhecemos, no entanto, que o trabalho teria um resultado mais satisfatório de fosse realizado com uma série mais elevada, como o 9º ano, por exemplo.

Essa observação parte inicialmente da dificuldade que os alunos tiveram para levarem as bordadeiras a falarem de forma argumentativa. O entrevistador deve fazer com que o entrevistado responda às suas perguntas de forma espontânea e que o conteúdo desse diálogo atinja os objetivos da atividade. Para isso, seria necessário que os alunos fossem capazes de improvisar sempre que as bordadeiras respondessem aos questionamentos de forma simplificada. Certamente um aluno de uma série mais elevada seria capaz de realizar essa tarefa com maior eficiência.

Acreditamos também que as bordadeiras seriam mais dispostas a falar sobre sua profissão com alunos maiores. Seguindo essa ideia, percebemos que os alunos do 6º ano podem realizar entrevistas, mas, se o professor busca textos mais complexos para se trabalhar em sala de aula, é preferível trabalhar com jovens das séries finais do ensino Fundamental.

No que se refere à exploração dos textos orais na sala de aula, percebemos que, mesmo com algumas dificuldades, os alunos foram capazes de compreender boa parte do conteúdo apresentado. As técnicas argumentativas postuladas por Perelman e Tyteca aparecem no *Tratado da argumentação* de forma complexa e aparentemente difícil para se trabalhar com os alunos, porém, o professor pode simplificar os conceitos e apresentar exemplos da realidade para que os alunos sejam capazes de assimilar o conteúdo.

No que concerne ao momento de testar o que aprenderam com o estudo das técnicas argumentativas em sala de aula, apenas alguns alunos foram capazes de participar efetivamente do debate e defender seu ponto de vista diante de seus colegas. A maioria conseguia defender um argumento, mas não era capaz de rebater os argumentos do grupo adversário. Acreditamos que, além da baixa idade, outros fatores como a timidez e a falta de trabalhos com a oralidade em sala de aula podem ter limitado a capacidade de improvisar diante da fala de outra pessoa.

Quanto ao respeito à troca de turnos no momento do debate, os alunos conseguiram esperar o outro falar e não rebateram o grupo adversário de forma ofensiva, exceto em um debate que contou com a participação de dois grupos de alunos que são rivais por um motivo que eles mesmos desconhecem. Esse momento foi inesperado e contou com a intervenção do professor para que a tarefa não fugisse do controle. A desunião na sala de aula é, portanto, um ponto a ser observado antes da efetivação de um debate.

Comparando as técnicas argumentativas utilizadas pelas bordadeiras e pelos alunos, constatamos que os argumentos do sacrifício, da causalidade e da comparação são bastante utilizados por ambos os grupos. As bordadeiras fazem uso constante do argumento pelo exemplo, o que foi pouco notado na fala dos alunos, que, por sua vez, foram os únicos a apresentarem um argumento de autoridade.

Observamos que a escolha desses argumentos revelam o que as bordadeiras consideram a respeito de sua valorização na sociedade. A constante utilização dos argumentos do sacrifício, da comparação e do exemplo mostra que elas acham o ofício muito insalubre e diz que outras profissões são mais valorizadas. Já o argumento da causalidade foi utilizado para justificar que a falta de alternativas foi determinante para que elas vivessem do bordado, não sendo uma opção, mas a única forma de sobrevivência possível.

No tocante aos argumentos dos alunos, percebemos que eles utilizaram praticamente os mesmos argumentos das bordadeiras, como já dissemos, mas a intenção é mostrar que o trabalhar é sempre algo difícil, sacrificado. Já no argumento de autoridade que foi citado por um dos alunos tratava de uma notícia vista em um noticiário a respeito de um garoto que

ganhava muito dinheiro com a profissão de youtuber. Concluímos, portanto, que eles querem ser bem remunerados, mas acham que o trabalho é uma coisa penosa.

Essa semelhança na forma de argumentar tanto das bordadeiras quanto dos alunos demonstra também que os jovens se apropriaram das técnicas utilizadas pelas entrevistadas para produzirem seus discursos diante dos colegas, provando que o estudo da argumentação a partir de textos orais do cotidiano pode render bons frutos em sala de aula. Já que os alunos utilizaram a linguagem das artesãs como fonte de conhecimento para produzirem a própria linguagem, podemos dizer que atingimos o nosso objetivo de valorizar a fala de profissionais com pouco prestígio social.

Encerramos essa discussão com a certeza de que a aplicação deste trabalho contribuiu para que os alunos do 6º ano participassem de atividades que foram importantes para melhorar a capacidade argumentativa que será necessária para que eles defendam um ponto de vista dentro e fora do ambiente escolar. Como professores, a aplicação das tarefas contribuiu de maneira significativa para que possamos futuramente executar novas propostas que abordem a linguagem real, do cotidiano, de todos os falantes, de todas as profissões na sala de aula. Em relação a essas propostas, repetimos que a escolha das bordadeiras foi feita pela relevância dessas profissionais para o município de Tobias Barreto, sendo coerente entrevistar os catadores de laranja em Boquim, os caminhoneiros em Itabaiana, os plantadores de tabaco em Lagarto e os vaqueiros em Nossa Senhora da Glória, por exemplo, só para citar alguns profissionais com destaque nas cidades sergipanas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nukácia M. S. Objetos de aprendizagem de língua portuguesa. In: ARAÚJO, J.; LIMA, S.C.; DIEB, M. **Línguas da Web: links entre ensino e aprendizagem**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 155-176.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2013

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e PIETRO, J. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 213-239.

FAJARDO, Vanessa. **Guia de carreiras: veterinária**. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2012/07/guia-de-carreiras-veterinaria.html>. Acesso em 22 de junho de 2016.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Português nos dias de hoje**, 6º ano: 1ª ed. – São Paulo: Leya, 2012.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.C.V.O. e AQUINO, Z.G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas**. In Revista Portuguesa de Educação, vol 14, nº 2, 2001, p. 273-291.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GAMBOA, S. S. Quantidade-quantidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes. **Metodologia da Pesquisa Científica: Fundamentos Teóricos. Módulo IV**. São Paulo, UNESP/SEESP, 2012.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros**. - Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. Apoio: CNPq. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/dfdfsfgEduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/dfdfsfgEduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acesso em 23 de janeiro de 2016.)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita.** 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. **As Figuras de Argumentação como estratégias discursivas.** Um estudo em avaliações no ensino superior. 2007, 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MEYER, Michel. **A retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

MONTEIRO, Juliana *et al.* **As roupas de crioula no século XIX, e o traje de beca na contemporaneidade:** uma análise museológica.

Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2084/1161>. Acesso em 19 de janeiro de 2016.

MOREIRA, Marco Antonio. **Mapas Conceituais e Aprendizagem Significativa.** In: O ENSINO, Revista Galáico Portuguesa de Sócio-Pedagogia e Sócio-Linguística, Pontevedra/Galícia/Espanha e Braga/Portugal, N° 23 a 28, 1988, p. 87-95.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez: Brasília, UNESCO, 2011.

PERELMAN, Chaïm e TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado de argumentação:** a nova retórica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather; MACEDO, Lino de; MACHADO, Nilson José; ALLESSANDRINI, Cristina Dias. Trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. **As competências para ensinar no século XXI:** a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PLANTIN, Christian. **A argumentação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica.** Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Mertins Fontes, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fórum Social Mundial:** Manual de Uso. Madison, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discursos: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad.) **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 19-34.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad.) **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 61-78.

TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Org.). **Ensino de Leitura:** fundamentos, práticas e reflexões para professores na era digital. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. Disponível em: <<http://www.lingnet.pro.br/pages/ebooks-lingnet.php>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002. In: MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes. **Metodologia da Pesquisa Científica: Fundamentos Teóricos**. Módulo IV. São Paulo, UNESP/SEESP, 2012.

VEGAS, Emanuelle Kelly R. S. **Crochê e Richelieu**: Traços Culturais no Design Brasileiro. Disponível em: [http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_auuspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/ADC101.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auuspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/ADC101.pdf). Acesso em 19 de janeiro de 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea. In: **Revista (Con)Textos Linguísticos**. v. 7, n. 8.1, p. 42-61, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6004/4398>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: Caderno Pedagógico

#### Caderno Pedagógico

#### A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação



AMARAL, Tarsila do. Costureiras, 1950.

Mestrando: Roberto de Araujo Alves  
Orientadora: Profª Drª Márcia Regina C. P. Mariano

## Sumário

Introdução.....	71
1. Quadro resumo das atividades por semana .....	78
2. Passo a passo das atividades.....	80
2.1 – 1ª aula.....	80
2.2 – 2ª aula.....	80
2.3 – 3ª aula.....	81
2.4 – 4ª aula.....	83
2.5 – 5ª aula.....	84
2.6 – 6ª aula.....	84
2.7 – 7ª, 8ª e 9ª aulas .....	85
2.8 – 10ª aula.....	86
2.9 – 11ª aula.....	86
2.10 – 12ª aula.....	87
2.11 – 13ª aula.....	87
2.12 – 14ª aula.....	87
2.13 – 15ª aula.....	88
2.14 – 16ª aula.....	89
2.15 – 17ª aula.....	89
2.16 – 18ª aula.....	89
Referências .....	90



## Introdução

Olá, Professor(a)!

Este caderno pedagógico apresenta o passo a passo das atividades desenvolvidas no projeto *A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação*, assim como todos os exercícios com as respostas esperadas. Na verdade, apenas uma atividade está com as respostas, uma vez que as outras são, em sua maioria, exercícios de leitura e debate.

Esta proposta foi aplicada em uma turma de 6º ano de uma escola pública do município de Tobias Barreto e você pode encontrar os resultados dessas atividades nos apêndices deste documento.

Os objetivos deste material são apresentar uma proposta de aula que não se limite ao ambiente escolar e levar o aluno a valorizar e reconhecer a habilidade argumentativa dos falantes de sua língua materna e a utilizá-la de forma eficaz, através de atividades que também valorizem a argumentação de profissionais com menor prestígio social por entender que elas defendem um ponto de vista com a mesma eficácia do que os profissionais mais valorizados na sociedade.

Espero que você, através da leitura deste material, sinta-se convidado a levar seus alunos a adentrarem no universo da argumentação através da linguagem utilizada por profissionais pouco valorizados na comunidade. Por falar nisso, é importante frisar que a sequência a ser apresentada não precisa ser aplicada com bordadeiras, outros grupos de pessoas podem ser entrevistados a seu critério.

A série/ano em que os alunos estudam também é um ponto que você pode flexibilizar. Este caderno foi produzido para alunos do 6º ano, porém, sabe-se que a argumentação é geralmente estudada, pelo menos de forma sistemática, a partir do 8º ou 9º ano. Fica entendido, portanto, que você pode levar esta proposta para qualquer turma da segunda fase do Ensino Fundamental, a partir de adaptações que possam atender aos critérios de faixa etária.

A escolha do 6º ano para a aplicação desta proposta ocorreu devido à falta desse conteúdo no currículo das séries iniciais da segunda fase do Ensino Fundamental. Entendemos que a formação de cidadãos autônomos e críticos não pode ser iniciada apenas aos 13 ou 14 anos. Se um garotinho deseja um brinquedo, por exemplo, e seus pais dizem que não vão comprar imediatamente, o pequenino começa a argumentar para provar que aquele

objeto é de extrema importância para a sua vida. Percebe-se, então, que a persuasão nos acompanha desde a infância, não apenas a partir da adolescência.

Antes de apresentar a sequência de atividades, consideramos necessário que você tenha acesso a parte da teoria que embasou a produção do material. Os conceitos serão apresentados de forma breve e acompanhados de exemplos sempre que necessário para que você possa compreendê-los facilmente.

Esta proposta está fundamentada nos preceitos da Argumentação e Retórica sob a ótica de estudiosos como Aristóteles (2013), Perelman & Tyteca (2005) e Fiorin (2015). A *Retórica* de Aristóteles servirá como alicerce, já que apresenta os estudos retóricos da Antiguidade Clássica, o *Tratado de Argumentação: a nova retórica*, de Perelman & Tyteca, mostrará a renovação das ideias do filósofo grego e é desta obra que traremos os principais conceitos para serem estudados em sala, já a *Argumentação*, de Fiorin, será a fonte para buscarmos algumas terminologias mais compreensíveis, já que a obra é baseada nos estudos dos autores do Tratado.

Vale ressaltar que a escolha da tipologia apresentada por Perelman & Tyteca ocorreu pelo seu caráter didático, no entanto, não é um modelo pré-estabelecido de boa argumentação, na medida em que a persuasão, objetivo da argumentação, não depende apenas do orador, mas também do auditório e de outros aspectos envolvidos, como o gênero do texto, a história e a cultura.

Para Aristóteles (2013, p 44), a Retórica é “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”. Fica claro, então, que o mestre grego considera que os meios utilizados para aconselhar alguém através de argumentos devem ser estudados por essa disciplina. Ele tem como base os meios de persuasão, que são três: o caráter moral do orador, a disposição do auditório para ouvi-lo e o próprio discurso.

Esses meios de persuasão apresentam conceitos e métodos que também podem ser trabalhados em sala, mas, por uma questão de recorte, não abordaremos neste caderno, cujas atividades são baseadas apenas nas técnicas argumentativas apontadas pela Nova Retórica.

Nessa nova fase da Retórica, os pesquisadores retomam e renovam as ideias de Aristóteles para livrarem a disciplina da racionalidade cartesiana que tinha dominado as pesquisas acadêmicas nos últimos três séculos. Eles demonstraram que, através da dialética, é possível defender uma tese. Essa afirmação contraria Descartes, que considerava racionais apenas as demonstrações que, a partir de ideias claras e distintas, poderiam realizar essa tarefa.

Vejam, então, os tipos de argumento e as figuras de argumentação e retórica que são utilizadas pelo orador para atingir o seu objetivo de persuadir o auditório – ouvinte (s) ou leitor (es). Os exemplos foram elaborados pelo autor deste caderno.

**As técnicas argumentativas segundo a Nova Retórica** são apresentadas na terceira parte do Tratado e são examinadas de modo isolado. Porém, os próprios autores reconhecem que, na verdade, todas fazem parte de um mesmo discurso e constituem uma mesma argumentação de conjunto (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 211).

Inicialmente, eles dividem os argumentos em processos de ligação e de dissociação. Enquanto estes buscam separar elementos considerados um todo, aqueles tentam aproximar elementos distintos e permitem estabelecer entre eles uma solidariedade. Os argumentos formados por processos de ligação são subdivididos em argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e ligações que fundamentam a estrutura do real. Os que são formados por dissociação formam um único grupo. Para as atividades propostas aqui, apresentaremos apenas os primeiros.

Cada um desses grupos engloba uma série de argumentos distintos, mas explicitaremos apenas um total de cinco para que seja possível compreender apenas as técnicas argumentativas que efetivamente serão exploradas pelos alunos no decorrer das atividades em sala de aula.

**Os argumentos quase-lógicos** se apresentam como comparáveis a raciocínios lógicos, matemáticos, mas, após uma análise, logo é possível perceber que apenas uma redução de natureza não-formal consegue dar ao argumento uma aparência demonstrativa (*ibid.*, p. 219).

Dessa forma, esses argumentos são considerados verdades até uma análise mais criteriosa por parte do auditório, que poderia perceber que nem sempre é daquela maneira que ocorre determinado fato. Dentre os argumentos quase-lógicos serão estudados:

A **contradição** que ocorre quando se apresenta a incoerência dos argumentos de alguém, a fim de que ele renuncie a uma parte de seu discurso para que não se perca todo o argumento por incompatibilidade (*ibid.*, p. 221). Se alguém fala *Acabei de ficar desempregado e viajarei amanhã para comprar uma casa nova na cidade vizinha*, certamente o interlocutor questionará essa contradição, já que um desempregado dificilmente pensaria em comprar alguma coisa com valor tão alto quanto uma casa.

Outro exemplo é a **comparação**, no qual se comparam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro. “A escolha dos termos de comparação adaptados ao auditório pode ser um elemento essencial da eficácia de um argumento” (*ibid.*, p. 274-278). Se falamos *Não pretendo continuar trabalhando como funcionário público, pois a iniciativa privada oferece*

*mais vantagens para o empregado*, estamos comparando duas possibilidades de vida profissional.

Já o **argumento pelo sacrifício** busca comprovar a veracidade de uma tese pelo sacrifício que prova as qualidades morais de uma pessoa ou de um ato (FIORIN, 2015, p.164). Esse argumento pode ser notado em sentenças como *A vida no campo é muito difícil, uma vez que é preciso acordar muito cedo e ficar exposto ao sol do meio dia para se obter o sustento diário*. O falante utiliza as dificuldades enfrentadas no cotidiano para argumentar que sua profissão é muito insalubre. A partir desse entendimento, o interlocutor é persuadido a valorizar a profissão do outro.

**Os argumentos baseados na estrutura do real** aproveitam os juízos admitidos pelo auditório para inserir novas ideias, ou seja, a argumentação não tem como base o mundo real, mas as crenças que as pessoas têm em relação a cada fato em questão (PERELMAN e TYTECA, p. 297). Vejamos um desses argumentos:

O **argumento pragmático**, aquele que transfere os valores entre elementos da cadeia causal e efetua-se indo da causa ao efeito, do efeito à causa, fazendo com que apreciemos um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis (*ibid.*, p. 302-303). Isso ocorre se falamos *Estou desempregado porque nasci em uma comunidade muito distante da escola e não consegui concluir o Ensino Médio*. Não é certo que o falante não está trabalhando por causa da distância entre sua casa e a escola, o que impossibilitou a conclusão da educação básica. No entanto, ele apresenta essa causa para mostrar que não tem culpa pela situação vivida atualmente.

**As ligações que fundamentam o real** utilizam argumentos que, através de um caso particular, buscam generalizações. Esses casos podem ser um exemplo, uma ilustração ou um modelo. Estudaremos apenas o exemplo, já que apenas ele vai aparecer no quadro que será estudado pelos alunos.

Na **argumentação pelo exemplo**, um caso particular é citado com a intenção de provocar uma generalização (*ibid.*, p.399). Dessa forma, todas as ocorrências semelhantes serão observadas como se fossem iguais àquele caso específico. É o que observamos na sentença *Mônica preferiu comprar um carro automático porque as mulheres têm dificuldade para passar as marchas*. Observe que dizer que as mulheres têm dificuldades com as marchas de um carro não é uma situação conhecida, muito menos provada por dados estatísticos ou pesquisas de opinião pública. O enunciador dessa sentença tenta, na verdade, criar uma regra a partir de um caso particular.

Além das técnicas argumentativas apresentadas anteriormente, merecem destaque neste trabalho estratégias que chamam a atenção por afastarem-se do modo normal de expressar-se. Elas são denominadas **figuras de retórica e argumentação**, que, segundo Perelman e Tyteca (2005), dividem-se em figuras da **escolha**, da **presença** e da **comunhão** (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 194).

Diante de tal classificação, do mesmo modo que ocorreu com os tipos de argumento, será apresentada apenas uma parte do conteúdo teorizado pelos tratadistas, visto que nos diálogos coletados através das entrevistas provavelmente não serão encontradas todas as figuras existentes.

Para que haja figura, são necessárias duas características: uma estrutura discernível, que remete à forma e é independente do conteúdo; e, como já dissemos, um emprego que chama a atenção por afastar-se do modo normal de expressar-se (*ibid.*, p. 190).

Percebe-se, então, que uma estrutura só pode ser considerada figura de retórica se ela for empregada de modo incomum para que possa chamar a atenção do interlocutor.

Através de uma **figura de escolha**, o orador procura “impor ou sugerir uma escolha” (*ibid.*, p. 195), que contribuirá para a argumentação por destacar um termo em detrimento de outro. A **definição oratória** faz bem esse papel, pois não apenas fornece o sentido de uma palavra, mas põe em destaque certos aspectos. Uma sentença que pode mostrar isso é quando dizemos *A casa de minha mãe é o lugar onde encontro todas as lembranças de minha infância*. Poderíamos simplesmente dizer que a casa da minha mãe é o lugar onde nasci ou o lugar onde ela mora, mas não teria o mesmo sentido da definição que faz o interlocutor imaginar a infância do orador.

As **figuras de presença** “têm por efeito tornar presente na consciência o objeto do discurso” (*ibid.*, p. 197). O efeito argumentativo dessa presença é que o interlocutor vai lembrar-se desse objeto por um bom tempo. A **repetição** é uma dessas figuras e pode ser observada nas sentenças *Minha mãe comprou um fogão novo, mas ele simplesmente não funciona. Eu disse a minha mãe que ela não deveria comprar o produto em outra cidade. Agora teremos muito trabalho para fazer a troca na loja onde ela comprou*. A repetição do termo *minha mãe* pode ser considerada desnecessária, no entanto, a intenção do orador é demonstrar que ele não é o culpado pelo erro cometido, pois quem comprou o fogão foi a mãe.

Para utilizar uma **figura de comunhão**, o orador procura criar ou confirmar a comunhão com o auditório através de procedimentos literários, referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns. Ele faz referências a uma cultura, a uma tradição, a um

passado comuns (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 201). A citação é uma dessas figuras, mas, para ser considerada uma figura de comunhão, não pode simplesmente apoiar a fala do orador com o peso de uma autoridade, visto que essa é a função comum desse recurso linguístico. Ela deve aparecer no texto como uma referência que leve o auditório a acreditar que aquele que profere o discurso é alguém próximo, cúmplice das mesmas experiências. Isso ocorre também quando o orador utiliza uma máxima ou um provérbio conhecido pelo auditório, como *O pouco com Deus é muito*. Esse provérbio geralmente é conhecido pela maioria dos brasileiros, por isso, pode ser utilizado para se obter a adesão dessas pessoas, que sentem como se o orador fizesse parte de sua comunidade.

As figuras de retórica e argumentação são, portanto, recursos argumentativos que o orador utiliza através do emprego de expressões que se apresentam fora da linguagem comum. É esse caráter de inesperado que a faz funcionar como um mecanismo de persuasão.

Após o estudo das técnicas argumentativas que serão estudadas em sala de aula, faremos algumas considerações a respeito dos gêneros que se destacam na sequência de atividades. Trataremos, portanto, da entrevista e do debate público.

Schneuwly e Dolz (2004, p. 73) conceituam a entrevista como “um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)”.

Nessa relação, o papel do entrevistador é fazer o entrevistado falar sobre um problema ou uma questão, a fim de comunicar essa informação a terceiros. A conversa deve, portanto, transcorrer sempre pensando nesses interlocutores que só saberão o que pensa o entrevistado a partir das intervenções do entrevistador.

Através da participação em atividades de entrevistas, Schneuwly e Dolz (2004, p. 74) acreditam que os alunos aprendem a respeito do papel do mediador, da organização interna da entrevista e da regulação da conversa formal.

O estudo do papel do mediador contribui para que os alunos saibam que podem assumir um papel público diferente de sua identidade privada. Esse entendimento permite que eles possam conduzir, com discernimento, a tarefa de entrevistar.

No tocante ao debate público, Dolz, Schneuwly e Pietro (2004) afirmam que o debate público não é um evento que precisa necessariamente acontecer diante de uma grande plateia que visa analisar a capacidade de cada participante em persuadir o seu interlocutor. O debate pode ocorrer na própria sala de aula, tendo como espectadores apenas os alunos e o professor, que também participa como mediador.

Outro ponto importante nesse tipo de debate é o foco que o professor deve dar a essa atividade, como sustentam Dolz, Schneuwly e Pietro (2004, p. 223), ao sugerirem que o foco deve ser “menos sobre as dimensões polêmicas e mais sobre sua finalidade de construção coletiva do saber sobre um assunto dado.”

A respeito das intervenções do professor (DOLZ, SCHNEUWLY E PIETRO. p. 234), é preferível que ele deixe que os alunos resolvam os problemas comunicativos, como não compreender uma pergunta, por exemplo. Já problemas de “erros” de linguagem, se forem muito frequentes, devem ser corrigidos pelo professor após a conclusão do debate para não perturbar a comunicação.

Após essa conversa mais teórica, vamos para a prática com as atividades que levarão seus alunos a refletirem a respeito do poder da argumentação no discurso, independentemente do ofício exercido ou da classe social à qual pertence o falante. A proposta está dividida em seis etapas com três aulas de cinquenta minutos cada uma. Cada etapa compreende uma semana de aula, como está explicitado a seguir.

## 1. Quadro resumo das atividades por semana

<p>1ª SEMANA</p> <p>1ª aula: Exposição/explicação do trabalho em sala: objetivos e etapas.</p> <p>2ª aula: Exposição dialogada sobre a história do bordado <i>richelieu</i> no Nordeste.</p> <p>3ª aula: Orientações para as entrevistas: destacar a interação na argumentação</p>
<p>2ª SEMANA</p> <p>4ª aula: Estudo do texto <i>O formal e o coloquial na língua falada</i>, presente no livro didático <i>Português nos dias de hoje</i>, 6º ano: 1ª ed., de Faraco e Moura, 2012.</p> <p>5ª aula: Elaboração do questionário para as entrevistas.</p> <p>6ª aula: Formação de grupos de quatro alunos e simulação das entrevistas</p>
<p>3ª SEMANA</p> <p>7ª, 8ª e 9ª aulas: Entrevistas com as bordadeiras.</p> <p><u>Obs.</u>: Esta etapa ocorrerá fora do ambiente escolar e em turno oposto.</p>
<p>4ª SEMANA</p> <p>10ª aula: Explicação sobre os tipos de argumento.</p> <p>11ª aula: Dinâmica em grupo para identificar os tipos de argumentos presentes no discurso das bordadeiras.</p> <p>12ª aula: Identificação de algumas figuras de retórica e argumentação presentes nos <i>corpora</i>.</p>



**5ª SEMANA**

13ª aula: Escolha das profissões que os alunos desejam seguir na idade adulta para que quatro delas fossem selecionadas para os debates e a troca de ideias.

14ª aula: Apresentação de infográficos sobre as duas primeiras profissões selecionadas.

15ª aula: Debate sobre a primeira profissão.

**6ª SEMANA**

16ª aula: Debate sobre a segunda profissão<sup>20</sup>.

17ª aula: Preparação para a troca de ideias sobre as profissões rejeitadas pela maioria ou por serem novas no mercado.

18ª aula: Troca de ideias sobre as duas profissões.

Antes da escolha dos entrevistados, entre em contato com algum líder do grupo para saber se eles aceitam participar da atividade. No momento dessa conversa, apresente as etapas do projeto e fale sobre a importância desses profissionais para a comunidade.

---

<sup>20</sup> A 16ª deveria fazer parte da 5ª semana, visto que é sequência dos debates entre grupos, mas aparece aqui na 6ª semana apenas como uma forma de manter a organização do quadro de etapas e atividades.

## 2. Passo a passo das atividades

### 2.1 – 1ª aula

Converse com os alunos sobre os objetivos e etapas do trabalho a ser realizado. Após esse primeiro momento, espera-se que os alunos possam contar suas próprias experiências, uma vez que alguns são filhos ou netos de profissionais pouco valorizados e conhecem não só a importância do ofício de cada um, mas também as dificuldades enfrentadas no cotidiano. O objetivo dessa primeira aula é levar os alunos a perceberem a relevância dessa profissão (nesse caso, as bordadeiras) para a cultura e a economia do município.

### 2.2 – 2ª aula

Promova um debate a respeito da história do bordado *richelieu* no Nordeste. As bordadeiras trabalham também com outros bordados, mas, por uma questão de recorte, apenas um tipo deve ser explorado no que se refere à origem. Certamente muitos alunos conhecem esse tipo de bordado, todavia não sabem como ele chegou à região. A relevância dessa atividade se deve ao fato de que, mesmo após quase dois séculos da independência do Brasil, essa profissão continua presente por aqui graças ao ensinamento que é transmitido de geração em geração.

O seguinte texto pode servir de auxílio para que você possa conhecer um pouco sobre essa história. Ele foi produzido pelo autor deste caderno a partir de pesquisa nos sites que são sugeridos e que podem ser visitados para um maior esclarecimento a respeito do tema.

### História do bordado Richelieu

O *richelieu* surgiu na China como um tipo peculiar de costura e se difundiu pelo Oriente Médio até chegar à Europa por volta de 1700. O nome, porém, não veio da Ásia, mas é atribuído ao Cardeal *Richelieu*, que integrava a corte do Rei Luis XIII da França, pelo fato de, na época, este religioso ter criado oficinas para execução desse tipo de bordado para a monarquia. Ele é produzido com uma técnica de bordado aberto na qual desenhos de figuras são criados utilizando-se de linha branca sobre fundos claros e em tecidos leves. O melhor tecido para ser bordado com essa técnica é o de linho panamá, que deve ser de boa qualidade. E, para ficar perfeito, sua execução exige muita técnica e paciência.

Essas técnicas eram difundidas em toda a monarquia europeia e, uma vez que o

Brasil era colônia de Portugal, o *Richelieu* logo se espalhou. Foi no Nordeste, porém, que o bordado tornou-se um produto importante para a economia de pequenas comunidades e é produzido em grande escala, principalmente através da introdução de maquinário especializado que substituiu em parte o trabalho manual das bordadeiras.

Textos lidos e respectivos sites:

**Crochê e Richelieu: Traços Culturais no Design Brasileiro** de Emanuelle Kelly R. S. Veras

Disponível em: [http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_ auspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/ADC101.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_ auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/ADC101.pdf). Acesso em 19 de janeiro de 2016.

**As roupas de crioula no século XIX, e o traje de beca na contemporaneidade: uma análise museológica** de Juliana Monteiro *et al.*

Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2084/1161>. Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

### 2.3 – 3ª aula

Oriente os alunos a respeito de como se procede uma entrevista, especialmente no que se refere à interação entre entrevistador e entrevistado, já que é através de técnicas de convencimento utilizadas pelo primeiro que o segundo aceita prestar as informações solicitadas.

Outro ponto importante na abordagem ao entrevistado é saber improvisar quando necessário, já que, às vezes, a resposta a uma determinada questão suscita a criação de uma nova indagação que não está prevista no questionário pré-estabelecido. Os alunos que forem escolhidos para serem os entrevistadores devem estar preparados para superar esse momento de tensão, que será determinante para o sucesso da tarefa.

Além das considerações a respeito do gênero entrevista que apresentamos na parte teórica, ofertamos o seguinte texto para auxiliá-lo na conversa com os alunos.

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista semiestruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a

informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta,

Dentre as questões que se referem ao planejamento da coleta de informações, estão presentes a necessidade de planejamento de questões que atinjam os objetivos pretendidos, a adequação da sequência de perguntas, a elaboração de roteiros, a necessidade de adequação de roteiros por meio de juízes, a realização de projeto piloto para, dentre outros aspectos, adequar o roteiro e a linguagem.

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto e é composta por perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas

As seguintes perguntas são exemplos que podem fazer parte desse tipo de entrevista:

- A que se deve, segundo o seu ponto de vista, a evasão escolar?
- Você está participando na organização de uma cooperativa, por que acha que essa forma de desenvolvimento econômico contribui para o seu progresso e de sua comunidade?
- Você diz que pertence à classe média. Existem outras classes sociais e por que elas existem?

Outras considerações sobre a elaboração de roteiros para entrevista semiestruturadas são os cuidados que o pesquisador deve observar ao formular as questões para o entrevistado:

- 1) cuidados quanto à linguagem;
- 2) cuidados quanto à forma das perguntas;
- 3) cuidados quanto à sequência das perguntas nos roteiros.

(Adaptado de: **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros**. MANZINI.

Eduardo José - Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. Apoio: CNPq.

Disponível em:

[https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/dfdfsfEduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/dfdfsfEduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acesso em 23 de janeiro de 2016.)

## 2.4 – 4ª aula

Leia e discuta com os alunos o texto *O formal e o coloquial na língua falada*<sup>21</sup>. A importância dessa leitura deve-se à necessidade de preparar os alunos para o diálogo com as bordadeiras, já que, muitas vezes, os jovens tendem a achar que o interlocutor está falando “errado”. É o momento oportuno para falar também sobre o preconceito linguístico e enfatizar que o objetivo principal das entrevistas é perceber as estratégias argumentativas que as bordadeiras utilizam para defender um ponto de vista. Se elas utilizarão uma linguagem mais coloquial ou mais formal durante a conversa também faz parte das estratégias para argumentar, mas não abordaremos essa questão durante a pesquisa.

O texto supracitado está no livro didático *Português nos dias de hoje*, 6º ano: 1ª ed., de Faraco e Moura, 2012, nas páginas 43 e 44. Mas será reproduzido aqui para um que você tenha acesso sem que precise ter o livro.

## O FORMAL E O COLOQUIAL NA LÍNGUA FALADA

Você já deve ter percebido que a linguagem pode variar conforme a situação em que a comunicação ocorre.

A linguagem que você usa ao conversar com um colega, na escola, ou com as pessoas que moram com você, por exemplo, é diferente da linguagem utilizada por um jornalista, quando ele transmite o noticiário na televisão.

Essas variações acontecem porque modificamos a nossa linguagem de acordo com as **situações de comunicação**. Conversar com um colega, na escola, é uma situação de comunicação. Transmitir uma notícia em rede nacional, pela televisão, é outra situação de comunicação.

As diferenças entre as formas de utilizar a linguagem nessas várias situações é o que chamamos de **níveis de linguagem**. Ao conversar com um colega, na escola, você emprega uma linguagem **informal**, coloquial. O jornalista que se apresenta na televisão utiliza uma linguagem **formal**.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Português nos dias de hoje**, 6º ano: 1ª ed. – São Paulo: Leya, 2012, p 43-44.

<sup>21</sup> O livro didático *Português nos Dias de Hoje* talvez não seja o livro adotado por sua escola, por isso você pode levar cópias do texto ou utilizar outro do livro didático deles e que fale sobre o mesmo tema.

### 2.5 – 5ª aula

Apresente um questionário com algumas perguntas sobre o conteúdo das entrevistas. Esse questionário é apenas uma sugestão e deve ser reformulado pelos alunos para se chegar ao modelo que será testado na simulação das entrevistas. É relevante lembrar que as questões devem levar as bordadeiras a falarem sobre sua profissão de forma argumentativa, uma vez que esta pesquisa tem como objeto de estudo a linguagem persuasiva dessas profissionais. É preferível que essa atividade seja feita com a utilização do *datashow* e que se utilize o programa *word* para que se façam as alterações automaticamente. Eis um modelo que você pode apresentar a eles:

#### SUGESTÃO DE QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS

1º) Como você aprendeu o ofício de bordadeira?

2º) Por que escolheu viver desse trabalho?

3º) O que você ganha como bordadeira atende às suas necessidades de moradia, alimentação, saúde, lazer?

4º) Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

5º) Você gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

6º) Você acha que seu trabalho é importante para a sociedade? Por quê?

### 2.6 – 6ª aula

Peça para que os alunos formem grupos de quatro componentes, que deverão fazer a simulação das entrevistas. O ensaio tem três utilidades principais:

1) fazer com que o aluno sinta-se mais confiante no momento das entrevistas com as bordadeiras, já que se preparou e treinou com os colegas;

2) saber quais são os alunos que possuem mais habilidade para ocupar a posição de entrevistador;

3) observar se o questionário utilizado atende aos interesses da pesquisa ou se precisa ser reformulado.

O ensaio não deve ser feito de forma simultânea com todos os grupos, pois seria impossível acompanhá-los para resolver possíveis problemas e dificuldades. Cada grupo terá os seguintes componentes: 1 entrevistador, 1 bordadeira, 1 sonoplasta e 1 auxiliar que vai ajudar o entrevistador com o questionário.

Para descobrir se o entrevistador é capaz de improvisar caso a bordadeira fuja das perguntas propostas no questionário, coloque-se na posição de bordadeira algumas vezes durante o ensaio e responda às questões de forma surpreendente para que o aluno possa tentar contornar a situação e chegar ao sucesso através da elaboração de perguntas que não estão previstas no papel.

No dia da entrevista, o aluno que faz o papel de bordadeira no ensaio será mais um sonoplasta, uma vez que não se pode confiar em gravar os áudios em apenas um aparelho celular. As entrevistas da próxima etapa serão realizadas apenas por doze alunos<sup>22</sup>, no entanto, toda a turma deve participar da simulação para que se sintam parte do processo.

Observe se as perguntas utilizadas são capazes de atingir o objetivo pretendido. Caso contrário, convoque a turma para mais uma reformulação do questionário, que deve ser impresso e distribuído para que os alunos possam ensaiar em casa antes das entrevistas.

Escolha os doze alunos para formar os três grupos que viajarão para abordar as entrevistadas. Antes, porém, convoque os responsáveis para que assinem um documento autorizando a viagem.

## 2.7 – 7ª, 8ª e 9ª aulas

Leve os alunos para o local marcado com os entrevistados e conduza a apresentação nominal dos alunos para que haja interação entre todos. Esse contato inicial é decisivo para o sucesso da atividade, já que a timidez impede que os interlocutores fiquem à vontade para perguntar e responder.

Após essa apresentação, peça para que cada grupo se prepare para iniciar as entrevistas. Quando começarem, observe se os sonoplastas estão posicionando os celulares a uma distância que seja capaz de captar os áudios com qualidade.

Terminado o processo de coleta de dados, agradeça aos entrevistados e também aos alunos pela participação na tarefa. Se possível, ali mesmo, recolha os celulares que foram

---

<sup>22</sup> A delimitação do número de alunos para efetivarem a entrevista é importante, uma vez que não é possível acompanhar 30 ou 40 alunos durante a tarefa. Deixá-los à vontade para participar ou não no dia da entrevista já é uma forma de limitar o número de alunos. Se um número elevado quiser viajar para realizar o trabalho, você deve encontrar uma maneira de reduzir a quantidade, através de um sorteio ou uma votação.

utilizados nas gravações e salve todos os arquivos no computador para que não se corra o risco de perder algum áudio.

## 2.8 – 10ª aula

Apresente um slide com as estratégias argumentativas<sup>23</sup> mais encontradas nos discursos pesquisados. Essas estratégias devem ser expostas de forma simplificada<sup>24</sup>, já que o objetivo dessa atividade é levar os educandos a perceberem a presença de cada argumento e a função que ele exerce para que os objetivos do orador sejam alcançados.

Exponha no slide apenas os argumentos encontrados nos discursos dos entrevistados para evitar que se perca tempo com explicações desnecessárias ao objetivo da aula. Dessa forma, a exposição não terá como base a divisão dos argumentos em quase-lógicos, baseados na estrutura do real e ligações que fundamentam a estrutura do real, mas se baseará nas suas subdivisões, tais como contradição, causalidade e exemplo.

O quadro deve apresentar o nome do argumento, um conceito adaptado ao conhecimento dos alunos e um exemplo retirado do discurso dos entrevistados. A quantidade de argumentos pode variar de acordo com o ano que os alunos estudam. Consideramos que cinco argumentos são suficientes para uma turma de 6º ano.

## 2.9 – 11ª aula

Divida os alunos em grupos de cinco para ouvirem trechos das entrevistas e tentarem identificar o argumento presente na fala do entrevistado. Considerando que a identificação do argumento não é uma tarefa fácil apenas com o áudio, as falas devem ser transcritas em slides para serem utilizadas em caso de necessidade.

Entregue cópias do quadro com os argumentos que foram explicitados na aula anterior para que os alunos possam utilizar como material de consulta. Coloque o áudio e dê um minuto para conversarem entre os membros e falarem a resposta. Se o grupo não acertar, repita para que o próximo grupo tente realizar a tarefa. Persistindo a dificuldade em solucionar a questão, apresente a transcrição para que os outros grupos tentem descobrir a resposta. No final da aula, apresente, em *slide*, todos os argumentos encontrados durante a

---

<sup>23</sup> Perelman e Tyteca (2005) utilizam a nomenclatura **Estratégias argumentativas**, mas, no slide, preferimos o termo **Tipos de argumento** para facilitar a compreensão dos alunos.

<sup>24</sup> Certamente você deve estar questionando a respeito de explicar essas estratégias em apenas uma aula. Essa é uma questão que fica a critério do professor, considerando a faixa etária dos alunos. A complexidade do assunto é um dos motivos que leva os autores de livros didáticos a introduzirem a argumentação apenas a partir do 8ª ano. Nada impede, porém, que esse conteúdo seja abordado para alunos mais jovens, desde que você utilize explicações mais simples e objetivas.



dinâmica e enfatize que é através do bom uso dessas técnicas argumentativas, dentre outros fatores que podem ser melhor trabalhados com os alunos em atividades subsequentes, como escolha do tema, conhecimento do ponto de vista e dos valores do auditório, boa apresentação do discurso, etc., que o orador consegue persuadir o interlocutor. Será também o momento de mostrar que a linguagem utilizada pelas bordadeiras é organizada de forma complexa e serve como um bom exemplo de persuasão.

#### 2.10 – 12ª aula

Proceda de forma semelhante à décima aula, na qual foram explicitados os tipos de argumento, porém apresente as figuras de retórica e argumentação. Dessa vez, será possível introduzir a divisão proposta por Perelman e Tyteca, (2005, p. 194-202) em figuras da escolha, da presença e da comunhão, uma vez que nessa aula a identificação das figuras ocorrerá durante a explicação e não deve trazer muitas dificuldades de compreensão. Para cada um desses tipos, apresente exemplos encontrados nos discursos, através do áudio e da transcrição apresentada em slide.

#### 2.11 – 13ª aula

Apresente, em *datashow*, um quadro com várias profissões para que os alunos escolham uma que eles queiram seguir na idade adulta. Permita também que eles optem por uma que não esteja no quadro se acharem que nenhuma é de seu agrado.

Inicie, então, a escolha das profissões. Para isso, elabore um quadro com o nome de todos os alunos e vá perguntando qual profissão querem seguir na idade adulta. Após concluir essa etapa, cada aluno deve escolher também dois ofícios que não gostaria de exercer.

As duas colunas preenchidas com profissões rejeitadas pelos alunos devem ser elaboradas apenas com as profissões que os outros colegas escolheram na etapa anterior, não sendo permitido rejeitar uma que ninguém escolheu. Essa restrição deve ser feita para facilitar a formação de grupos pró e contra uma mesma opção.

Após a conclusão do quadro de profissões, escolha duas que permitam formar um grupo pró e um grupo contra para efetivar as próximas três aulas e duas que chamem a atenção por algum motivo, como rejeição por parte da maioria ou por ser nova no mercado, que serão exploradas nas duas últimas aulas.

#### 2.12 – 14ª aula

Apresente, em *datashow*, um infográfico com dados a respeito de cada profissão que foi escolhida para a primeira etapa dos debates. Os dados devem ser referentes à remuneração

média, área de atuação, perfil e responsabilidades do profissional, entre outros<sup>25</sup>. Convide os alunos a participarem de uma troca de ideias para que possam tirar suas dúvidas e anotar o que acharem importante para o momento do debate. Os questionamentos não devem se restringir aos dados iniciais apresentados por você já que o objetivo da aula é levar os alunos a adquirirem o maior número de informações a respeito do tema a ser debatido. A internet deve ser utilizada para esclarecer algumas dúvidas apresentadas pelos alunos e que não sejam contempladas pela pesquisa que você fez antes da aula. Após esse diálogo, informe aos alunos que o debate será gravado em áudio.

#### 2.13 – 15ª aula

No início dessa aula, deve ocorrer a preparação para o debate a respeito de uma das profissões. Os debatedores, cuja quantidade fica a seu critério, devem se posicionar de modo que um grupo fique longe do outro, já que vão discutir os argumentos a serem apresentados e não é interessante que um grupo saiba o que o outro vai falar. Nesse momento, os alunos que não estiverem em nenhum dos grupos devem escolher um dos lados para apoiar e elaborar notas com os argumentos que podem ser apresentados para a turma.

A aula de 50 minutos deve ser dividida da seguinte forma para a efetivação da atividade:

a) 20 minutos para que os grupos se reúnam e discutam os argumentos que serão apresentados;

b) 5 minutos para uma troca de ideias em que você deve explicitar os objetivos e as regras do debate. Não esqueça de falar a respeito do compromisso de ouvir e respeitar os argumentos do outro, uma vez que o objetivo da atividade é a aquisição de conhecimentos e não a tentativa de encontrar um grupo vencedor.

c) 20 minutos para a efetivação do debate. Nesse momento, cada grupo tem 2 minutos<sup>26</sup> para apresentar um dos argumentos e o outro grupo responde a esse argumento em apenas 1 minuto. Após a resposta, este grupo apresenta outro argumento, observando o tempo disponível, e o grupo que iniciou o debate responde. Observando essa troca de turnos, cada grupo tem a oportunidade de apresentar pelo menos três argumentos.

d) 5 minutos para que seja feita uma avaliação da atividade realizada.

---

<sup>25</sup> É importante lembrar que você deve elaborar os infográficos previamente

<sup>26</sup> Os 2 minutos disponíveis para cada grupo é o tempo máximo que o participante terá para apresentar um argumento. A maioria não deve atingir esse tempo em cada turno de fala.

#### 2.14 – 16ª aula

Esse momento deve seguir todos os passos da aula anterior, mas o tema do debate será a segunda profissão selecionada.

#### 2.15 – 17ª aula

Nessa e na aula seguinte, o debate terá um novo formato, já que não haverá o embate entre dois grupos, mas a defesa de uma profissão por um grupo, que deve argumentar diante de toda a turma. A mudança no modelo do debate deve ocorrer para observar se a discussão entre dois grupos, como foi proposta nas últimas aulas, inibiu a participação dos alunos que formaram a plateia. Dessa vez, todos os alunos terão a liberdade de comentar os argumentos dos defensores das duas profissões.

Essa preparação deve ocorrer através de uma troca de ideias para que os alunos que escolheram essas profissões possam falar um pouco sobre o ofício e, com sua ajuda, leve a turma a se interessar pelo debate previsto para a aula seguinte. Nessa conversa, apenas alguns dados devem ser apresentados, como o perfil do profissional e as atribuições do cargo, não sendo abordadas questões mais polêmicas para não antecipar o embate entre os alunos.

#### 2.16 – 18ª aula

Durante quinze minutos, os defensores de cada profissão devem conversar entre si para prepararem os argumentos que serão apresentados. Utilize cerca de cinco minutos para explicitar as regras do debate, já que não será permitida a interferência dos participantes com menosprezo à profissão discutida, visto que o objetivo da aula, como já dissemos, é aprender um pouco mais sobre os dois ofícios. Deixe claro também que cada profissão será discutida por quinze minutos e que tudo será gravado em áudio.

## Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2013

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e PIETRO, J. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 213-239.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Português nos dias de hoje**, 6º ano: 1ª ed. – São Paulo: Leya, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros**. - Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília.

Apoio: CNPq.

Disponível em:

[https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/dfdfsfgEduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/dfdfsfgEduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acesso em 23 de janeiro de 2016.)

MONTEIRO, Juliana *et al.* **As roupas de crioula no século XIX, e o traje de beca na contemporaneidade**: uma análise museológica.

Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2084/1161>. Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

PERELMAN, Chaïm e TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 61-78.

VEGAS, Emanuelle Kelly R. S. **Crochê e Richelieu**: Traços Culturais no Design Brasileiro.

Disponível em: [http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_auspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/ADC101.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/ADC101.pdf). Acesso em 19 de janeiro de 2016.



## APÊNDICE C – Tipos de argumento

ESCOLA -----

Aluno (a): \_\_\_\_\_

Ano: 6º Turma: A Turno: Vespertino

Professor: Roberto de Araujo Alves

Disciplina: Redação

Tobias Barreto, 18 de julho de 2016

## TIPOS DE ARGUMENTO

NOME	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Causalidade	Expõe as causas dos fenômenos	B9 – (Risos) “Na verdade, eu não escolhi, né? Foi falta de opção, porque aqui só tem isso.” <i>sic</i>
Sacrifício	Busca demonstrar o sacrifício que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado.	B14 – “O bordado é muito trabalhoso, dá muito trabalho, mas, no fim, com a divisão, sempre pagam pouco.”
Comparação	Aproxima ou diferencia uma coisa de outra.	B9 – “Não, porque existem várias outras áreas, como fazer faculdade, que isso pode dar mais futuro do que bordar.”
Exemplo	Generaliza a partir de um caso particular.	B1 – “Aí você vê uma pessoa que começou a bordar com 15 anos, hoje com 60 anos, e a vidinha dela é a mesma, o mesmo padrão. Por que? Porque ela não valoriza o trabalho dela, então ela não pode crescer nunca.” <i>sic</i>
Contradição	Torna o discurso incoerente porque uma parte da frase nega a outra.	B2 – “As pessoas acham o bordado bonito e tudo, acham aquela coisa linda e quando chega em Tobias (...) mas não dá o devido valor, não pensa no trabalho que aquilo foi feito, a cultura que vem vindo das famílias, né?” <i>sic</i>

## APÊNDICE D - Dinâmica em grupo

## QUAL O TIPO DE ARGUMENTO PRESENTE EM CADA TRECHO?

<p>B6 – “Porque não tem outro, né, aqui na região da gente. É o que a gente conseguiu trabalhar, com essa forma.” <i>sic</i> (Causalidade)</p>
<p>B1 – “Ontem eu fui entregar uma peça de bordado numa loja em Tobias Barreto: – Qual é seu preço? – Meu preço é X. – Realmente tá bonito seu trabalho. Você não fica com raiva de mim não?” <i>sic</i> (Exemplo)</p>
<p>B1 – “Você pega um jogo de lençol, você diz: O valor é X. Aí você vai ali no povoado vizinho o mesmo produto, talvez não seja com um acabamento tão perfeito como esse, mas pra quem não conhece vê esse <i>richelieu</i> e vê outro e acha que tá todo igual.” <i>sic</i> (Comparação)</p>
<p>B3 – “Não, eu acho que essa profissão é uma profissão que não é muito valorizada. As pessoas vêm em Tobias, veem os bordados e acham bonito, mas não param para pensar em quem faz esses bordados.” (Contradição)</p>
<p>B8 – “Olha, aqui dão valor porque é o único que tem, né? Mas, na verdade, se tivesse outro trabalho por aqui acho que não.” <i>sic</i> (Causalidade)</p>
<p>B5 – “É reconhecido e é muito bom, mas o que a gente ganha é muito pouco.” (Contradição)</p>
<p>B1 – “É uma profissão que faz muito risco. Além de prejudicar a coluna. Depende da cadeira que você senta, o tempo que você fica sentado, prejudica realmente a coluna. Você se levanta com fortes dores aqui na nuca.” <i>sic</i> (Sacrifício)</p>
<p>B2 – “Aí lá fora eles valorizam mais, pagam um preço muito alto até porque uma coisa que a gente vende aqui por 20, em São Paulo a menina vende por 70, 80 o preço.” <i>sic</i> (Exemplo)</p>
<p>B1 – “E é um trabalho bem minucioso, você vê que é um trabalho demorado, um trabalho de risco, porque já aconteceu muito acidente das bordadeiras furar o dedo com agulha. Casos de até ir parar no hospital ter que fazer uma cirurgia pra abrir o dedo, tirar o pedaço da agulha que ficou lá dentro.” <i>sic</i> (Sacrifício)</p>
<p>B3 – “Eu acho que outras profissões são valorizadas: médico, professor. Professor nem tanto, mas médico, advogado. A profissão de bordadeira acho que não é valorizada.” (Comparação)</p>

## APÊNDICE E - Figuras de retórica e argumentação

TIPO	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Escolha	A pessoa procura impor ou sugerir uma escolha, que contribuirá para a argumentação por destacar um termo em detrimento de outro.	<p>“B2 - E não tem, os que não sabem a gente vê que tem interesse mesmo porque curso é oportunidade.”</p> <p>Ela poderia dizer que curso é um evento que ocorre quando uma pessoa ensina e outras aprendem, mas a intensão dela é mostrar a importância desse evento para a jovem e, por isso, ela diz que “curso é oportunidade”.</p>
Presença	Torna presente algum fato na mente de quem está ouvindo.	<p>B5 – “Porque não tinha outra profissão. Mas é o que eu gosto. Gosto de trabalhar. É o que sei, é o que gosto.”</p> <p>A repetição da palavra gosto faz o ouvinte fixar essa ideia de trabalhar por prazer.</p>
Comunhão	A pessoa faz referência a alguma frase ou passado comum entre ele e o ouvinte.	<p>B4 – “A gente gostaria de ter mais valor mas como a região aqui é assim. Então é, mas é como a gente diz assim: pouco com Deus é muito, né?” <i>sic</i></p> <p>Esse ditado popular é uma frase conhecida pela maioria das pessoas e serve para aproximar falante e ouvinte.</p>



## APÊNDICE F – Profissões sugeridas para os alunos

Administrador	Instrutor de Trânsito
Advogado	Jogador de futebol
Aeronauta	Jornalista
Bordadeira	Massagista
Bibliotecário	Médico
.Biólogo	Medico Veterinário
Bombeiro Civil	Mototaxista e Motoboy
Contabilista	Músico
Corretor de Imóveis	Nutricionista
Engenheiro civil	Pescador Profissional
Economista	Professor
Empregado Doméstico	Psicólogo
Norma Regulamentadora:	Publicitário
Enfermeiro	Químico
Fisioterapeuta	Radialista
Farmacêutico	Repentista
Fonoaudiólogo	Sociólogo
Garimpeiro	Taxista
Geógrafo	Turismólogo
Guardador e Lavador de Veículos	Zootecnista

## APÊNDICE G – Profissões dos alunos do 6ºA

## DEBATE PÚBLICO

## PROFISSÕES DOS ALUNOS DO 6º A

ALUNO	QUER SER		NÃO QUER	NÃO QUER
01 A.				
02 A.	Prof. Educação Física		Youtuber	Tanatóloga
03 A.	Veterinária		Youtuber	Tanatóloga
04 B.	Advogada		Veterinária	Tanatóloga
05 C.	Veterinária		Engenheira	Cerimonialista
06 C.	Médica		Veterinária	Escritora
07 D.	Cantora		Veterinária	Bombeira
08 E.	Delegada		Prof. Ed. Física	Tanatóloga
09 E.	Engenheira Civil		Advogada	Tanatóloga
10 E.	Escritora		Cerimonialista	Tanatóloga
11 G.	Cantora		Bombeira	Tanatóloga
12 J.	Advogada		Veterinária	Youtuber
13 J.	Advogado		Cantor	Engenheiro
14 J.				
15 J.	Jogador		Prof. Ed. Física	Tanatólogo
16 K.				
17 K.	Advogada		Youtuber	Tanatóloga
18 K.				
19 L.	Policial		Cantora	Professora
20 L.				
21 L.	Cerimonialista		Veterinária	Tanatóloga
22 L.	Tanatólogo (funerária)		Youtuber	Professora
23 L.	Youtuber		Cantor	Delegado
24 M.				

25 M.	Veterinária		Bombeira	Tanatóloga
26 N.				
27 N.				
28 R				
29 R	Jogador		Prof. Ed. Física	Youtuber
30 T.	Youtuber		Veterinário	Tanatólogo
31 T.				
32 T.	Jogador		Veterinário	Tanatólogo
33 P.	Bombeiro Civil		Médico	Tanatólogo
34 R.	Cantora		Bombeira	Escritora

Apenas 24 alunos estavam presentes no momento de escolher a profissão. Alguns são evadidos e outros faltaram nesse dia.

## APÊNDICE H - Transcrição das entrevistas com as bordadeiras (39:20 min.)

As bordadeiras são identificadas apenas pela letra B e um número de 1 a 14, sendo que a ordem numérica foi organizada a partir do tempo que elas passaram concedendo a entrevista. Diante disso, B1 foi a bordadeira que falou mais e B14 foi a que falou menos.

Esta primeira entrevista foi feita pelos professores com a presidente da associação e com outra bordadeira que também já foi presidente. As demais entrevistas foram feitas pelos alunos.

### **B1 e B2 (24:33)**

– A senhora é a coordenadora da associação?

B1– Hoje eu sou só sócia, já fui presidente. Mas continuo a frente dos trabalhos da associação colaborando com a direção dessa associação, “né” ?! Estou aqui já há 6 anos nessa associação, já venho de outras associações.

– Já tem mais uma bagagem!

B1– Quer dizer, 6 anos eu passei na direção da associação, mas que eu sou sócia já são o tempo que associação é fundada praticamente.

– Você está aí.

B2– Ah, tem 19 anos aqui no próximo mês a associação vai completar 19 anos.

– Dezenove anos.

B1 – É.

– É uma história. Bom vou fazer algumas perguntas aqui “né”, “tipo assim”, em cada profissão existe jargões, que são palavras específicas daquela área, no meio de vocês existem essas palavras? E se sim, quais?

B1– Você quer fala assim as palavras que a gente...

– Utiliza no termo técnico.

– Então vocês que são bordadeiras é que vão entender. Dentro da profissão.

– É, dentro da profissão.

B1– E...a gente tem umas palavras, camizu. É. “Aí” o povo fala: o que é isso? “Aí” a gente fala: casolão, camizu. “Aí” o povo fala: ah...que é isso? Mas são as peças, “né” ?!

– No caso, são caracterizadas como peças.

B2– É... camizu é camisa... a gente chama camizu.

– Ah, interessante!

B2– Pano da costa. Que é o no caso é o pano das costas, mas a gente só chama de pano da costa.

– Ah...interessante! Isso são os jargões de vocês.

B2– É.

– (risos) Bom, outra pergunta é que Tobias é reconhecida nacionalmente pelo trabalho que vocês exercessem como bordadeiras. Vocês consideram que essa profissão, ela “tá” recebendo o seu devido valor com todo esse reconhecimento?

B2– Não, sinceramente não, as pessoas valorizam outras profissões mas a de bordadeira, você chega num lugar, qual é sua profissão? Bordadeira. “Tipo”, é visto “né” como...ah tem importância nenhuma.

– Às vezes as pessoas nem enxergam como profissão?

B2– É nem vê como uma profissão. É um trabalhinho doméstico, não vê aquilo como uma profissão.

– E você vê que é um trabalho todo manual que tem termos técnicos e é uma profissão que exige muito, como ela disse, uma colcha “né” passou 4 dias “né”?

B2– Isso as pessoas acham os bordados bonito e tudo, acha aquelas coisas linda e, quando chega em Tobias que olha, mas não pensa que quem fez aquilo, quem está por trás daquilo.

– Não dão o devido valor “né”?

B2– É, não dá valor. Acha que aquilo “tá” bonito e tudo mas não dá o devido valor, não pensa no trabalho que aquilo foi feito, a cultura que vem vindo das famílias, “né”?

– Mas é.

B1– É, e o pessoal vê o trabalho “Nossa que lindo!”. Quanto é essa peça? “Aí”, quando a gente diz, quando você fala o valor, eles se “admira”, “nossa tudo isso”?! Mas “aí” como vocês hoje tão vindo aqui ver na prática como é que a gente faz, o trabalho que dá pra fazer, porque tem máquina, mas na verdade o trabalho se torna manual porque se não tiver o manejo das mãos?!

– Verdade. A máquina sozinha não faz.

B1 – Sozinha não faz. E é um trabalho bem minucioso, você vê que é um trabalho demorado, um trabalho de risco, porque já aconteceu muitos acidentes das bordadeiras, furar o dedo com agulha, casos de até ir parar no hospital ter que fazer uma cirurgia pra abrir o dedo para tirar o pedaço da agulha que ficou lá dentro. É uma profissão de muito risco. Além de também prejudicar a coluna, depende da cadeira que você senta, o tempo que você fica sentado prejudica realmente a coluna, você se levanta com fortes dores aqui na nuca.

– A questão da vista também, “né”?

B1– A visão. Além que tem também pessoas que tem problemas com alergias a questão da linha do pó da linha, o corante da linha que ela solta aquele pozinho.

–Hum...

B1– Quando a gente “tá” trabalhando “aí” fica espirrando.

– Mas no caso, vocês já tiveram alguma implicância com problema de saúde devido ao trabalho?

B1– Alergias...

– Alergias?

B1– Têm algumas pessoas, minha filha mesmo ela borda, ela tem muito problema com alergia. Quando ela começa a bordar alguns tipos de linha, ela não consegue, começa a espirrar, espirrar... “aí” tem que parar, trocar de linha e ver outro trabalho. Se não, não prossegue.

– E quais são os tipos específicos de bordado que vocês fazem aqui?

B1– Nós produzimos tudo que você pensar. A gente produz toalha de banho, toalha de mesa, colcha de cama box, colchão de cama comum, lençol comum, até roupa se alguém chegar e pedir pra bordar, como já aconteceu de alguém pedir pra bordar, trilho de mesa, de bebedouro, jogo de cozinha, jogo de banheiro. Ai vai depender do cliente. Se o cliente chega aqui e pede uma encomenda, a gente vai analisar com ele, vai dar o preço pra ele se ele se adequar o preço da gente e a gente ao dele e produz.

– Mas o mais comum é o richelieu?

B1– O mais comum, assim, é isso que eu “tô” dizendo a gente borda todos os tipos, as peças todas, a gente dentro dessas peças pode-se bordar o richelieu, o ponto cheio e o ponto brilho.

B2–Todas essas peças que ela falou, todas as peças agora o tipo de bordado é o richelieu e ponto brilho que pode todas essas peças pode ir os três.

– Pode uma peça só conter os três bordados no caso?

B1 – Hum. “Aí” vai ao gosto do cliente a demanda, “né” ?! Mas assim atualmente a gente trabalha mais com roupa de baiana.

– Sim.

B1– A gente conhece aqui como roupa de baiana, sendo que não vai só pra Bahia, vai também pra São Paulo. Hoje a gente sabe que tem loja em São Paulo vendendo essas roupas.

– No caso, o envio se concentra onde?

– No caso, assim vai delimitando Sergipe e fora de Sergipe.

B1–Tem muitas pessoas que já recebe em Tobias Barreto no caso, e enviam pra lá a gente só faz produzir o bordado e entrega todo em Tobias.

– Entrega todo em Tobias?

– B1 Faz aqui e entrega todo em Tobias ou então, também tem outra menina que a gente entrega na casa dela no povoado vizinho daqui. E ela dá o destino pra São Paulo, Salvador.

– No caso, é mais uma revenda, é isso? “Aí” no destino se espalham pelo Brasil todo.

B1– Até mesmo porque é assim: aqui dentro da associação a gente tá trabalhando mais na área de qualificar, cada vez que vai chegando os mais novos, a gente vai qualificando. A gente já tem as máquinas “né”, e as máquinas não dão pra todos os sócios, então a gente trabalha mais na parte de qualificação e até mesmo porque depois que são qualificados as pessoas preferem bordar em casa, no conforto da sua casa, porque “tá” bordando “aí” olha uma panela no fogo, assistindo à televisão de olhinho na televisão.

– Entendi, tendo uma máquina, utensílios, prefere estar em casa.

B2– É. Aqui serve mais como lugar de cursos.

– No caso, de qualificação e as perspectivas em relação a essa nova geração de bordadeiras? Porque tem uma pesquisa que diz até 81% do aprendizado e transmitido por laços familiares, não tem muito a questão de cursos, não sei como está hoje porque essa pesquisa já tem um tempo. Mas em relação a isso você acha que estão crescendo os cursos?

B1 – Sim, estão vindo mais cursos, a gente tá trabalhando novas oportunidades. Os cursos serve pra quê? Às vezes aprende em casa com a mãe, mas a mãe nem tem tempo suficiente de treinar, qualificar a filha, o filho “né”? Também têm bordadeiras aqui do povoado, então “aí” ela aprende a ver a mãe trabalhando, começa a pegar um pouquinho ali e diz: na associação vai ter um curso de aperfeiçoamento de acabamento perfeito a gente chama do richelieu o ponto cheio, “aí” a pessoa que já sabe, às vezes sabe o richelieu, mas não sabe o ponto cheio, “aí” vem pra cá se aperfeiçoar.

– Aprender novas técnica.

B1– Novas técnicas e volta pra casa e pro mercado qualificado já, e, às vezes, a mãe só tem uma máquina e a casa já tem 3 pessoas, se a mãe for treinar os 2 ao mesmo tempo, vai perder o tempo dela produzir “né”?!

– Verdade.

B1 – Então, é a oportunidade quando eles chegam aqui, vem pra cá se capacitar no interesse de adquirir uma máquina também pra bordar junto com a mãe.

– “Aí” já vai se interessando mais pela área, procurando o gosto “né”?!

B1– Une o último ao agradável, vem tradição, a cultura de ter passando de pai pra filho e vão se aperfeiçoando nos cursos que a associação oferece.

– Então você crê que ainda vai acontecer uma permanência dessa nova geração de bordadeiras, no caso?

B1– Com certeza.

– Já é uma tradição “né”, aqui?

B2– Porque todos aqui pelo menos em cada casa aqui tem alguma base de bordado na família. Têm até crianças de 11 anos, a gente já vê que tem uma base de bordado até quando vem pra cá já vem até com essa base. São raros os que você chegam aqui diz: não, eu não sei bordar.

– Que não tem um conhecimento prévio, “né”?!

B2 – E não tem, os que não sabem a gente vê que tem interesse mesmo porque curso é oportunidade. Porque tem a família em casa e tem os cursos sempre aqui. Quando algum grupo de jovens, qualquer grupo que tem interesse, é só dar os nomes e a gente faz o pedido do curso.

– “Aí” já engaja?

B2– E com certeza vai permanecer porque como você falou Tobias é a Capital dos Bordados então, se o nosso foco aqui é o bordado, o município todo e não apareceu outra oportunidade, então o foco é esse.

– É importante estar ativo, “né”?! E como vocês mesmas disseram: isso vai permanecer através de cursos, através da transmissão de conhecimentos familiares, e isso é muito importante na área de ensino.

– Uma curiosidade: mesmo que há essa desvalorização, se há esse incentivo em passar de tradição, mesmo que não se tenha o incentivo que vocês sabem que merecem. Eu quero saber de vocês assim: Qual é a defesa que vocês, a alto defesa de vocês, no momento que a pessoa chega e quer comprar o produto, “aí” você diz assim é... porque, se a gente for esperar a valorização dos outros, dificilmente ela vem. Então quando as pessoas chegam assim: “é mulher!”. Começa a falar, não chega diretamente isso é fácil de fazer, não diz nem isso, mas não querem pagar o valor justo “né” e o que você fala? Porque assim, vocês não podem permitir que desvalorizem o trabalho de vocês, então nesse momento de mostrar que é um trabalho muito difícil e que, se fosse tão simples... O que vocês falam nesse momento de defender o que vocês aprenderam e gostam e querem passar de geração, mesmo sabendo que eu não posso viver somente disso, mas é algo que se há essa associação é porque é também uma coisa muito cultural e da região então vocês querem manter isso? Então, como vocês na



hora que chega alguém que só no olhar você já deve perceber que já quer botar defeito onde não tem, o que vocês falam ou pelo menos fariam?

B2– Eu falaria assim que primeiro o valor não é pelo bordado, mas também pelo valor da cultura que como vê a cultura nem sempre é valorizada, não só aqui mas no Brasil mas também no mundo todo. Então o bordado tem o valor não só financeiro econômico, mas tem o valor cultural que é o valor de tradição e que tem que ser valorizado pra continuar e também porque não é um trabalho fácil, a gente aqui sabe porque é um trabalho que vem de geração em geração. Uma pessoa como vocês diz que nunca “pegaram” no pano para pegar na máquina pra aprender, vocês não vão conseguir aprender de um dia pra outro, vocês vão quebrar muita agulha, vão botar muito pano pra estragar, mas não vão aprender de um dia “pro” outro porque não é um bordado fácil.

– É como você falou: a questão não é só o bordar. A questão é assim: o bordado é toda uma cultura e todo um contexto.

B1– Assim, eu acho também que já se tornou uma cultura das pessoas também e a gente já teve treinamento pra capacitação pra se reunir e colocar um preço só pra valorizar. Porque você vem aqui hoje na associação, você pega um jogo de lençol, você diz: o valor é x. Você vai ali no povoado vizinho o mesmo bordado, talvez não seja com um acabamento tão perfeito como esse, mas pra quem não conhece, vê esse richelieu e vê outro e acha que “tá” todo igual se não olhar de perto, não analisar, mas existe diferença do acabamento perfeito. “Aí” eu digo: o valor é x. Chega lá: o valor é y. “Aí” a pessoa vem de lá com a mercadoria e diz: eu comprei por y. E você vê, você produz um conjunto que o valor fica só no trabalho sem tirar um centavo “tipo” 410,70 reais, você vê a pessoa pegar e vender esse produto por 360,00 reais. Você “tá” sendo escravo do próprio trabalho. É sempre isso que eu digo às pessoas aqui. Tá sendo escravo do seu trabalho, você “tá” perdendo 50 reais e 70 centavos e elas “insiste” em fazer isso. “Aí” você, se não quiser perder totalmente, tem que entrar nesse ritmo porque senão você nunca vai vender. “Aí” o que vai acontecer a gente tem que “tá” sempre inovando, inventando uma coisa nova não ficar só naquela, fazer só jogo de baiana, jogo de baiana. É isso que a gente “tá” abrindo a mente agora pra ver, pra expandir e mostrar os produtos lá fora ou pegar alguém e já ir levar lá diretamente na capital porque valoriza mais lá porque eles não fazem, agora aqui como todo mundo faz.

B2– Não é tão valorizado aqui dentro, entendeu?! “Aí” lá fora eles valorizam mais e pagam um preço muito alto até porque uma coisa que a gente vende aqui por 20 em São Paulo a menina vende por 70, 80.

– Eu percebo que você deve convencer é a própria artesã a si valorizar pra depois...

B1– É isso! E nem todas querem. Açam que “tá” dando certo e por isso que associação vai levar prejuízo.

B2 – Porque a gente vai querer botar um preço, mas vai outro e vende de um preço menor.

– Entendi.

B1 – E “aí” você vai querer fazer um conjunto pra você gastar 410,70 e vender por 360,00? Você vai preferir trabalhar só pra produzir. Pegar a peça produzir e receber somente pelo valor que você fez! É isso que eu acho, é a questão do valor assim “tá” vendendo diretamente pra uma área.

B2– isso que existe o valor cultural e também o valor que vem o pano “né” essas coisas não é barata, a linha também não é barata. Tudo isso gasta e a demora que a bordadeira passa pra fazer aquilo. Então, se a gente for vender por um preço inferior, não vai pagar o trabalho da pessoa, então por isso o preço tem que ser combinado.

– Estou percebendo que a principal dificuldade está sendo convencer as bordadeiras no momento.

B1– Se valorizarem.

– É o que vocês falaram: no momento que houvesse o preço único, o cliente quer ir a Tobias: eu quero algo que retrate. Então agora é como você falou: é a questão regional, cultural e tem o seu valor por conta disso, mas no momento em que você tem uma variação de preço realmente as pessoas vão “aí”, o preço cai mais ainda.

B1– Exemplo real: ontem eu fui entregar uma peça de bordado numa loja em Tobias Barreto. Qual é seu preço J.? Meu preço é x. Olhou: realmente “tá” bonito seu trabalho. Você não fica com raiva de mim não? Falei não! “Cê” conhece fulana e fulana? Sim, são minhas amigas. Pois elas me entregam esse mesmo trabalho por tanto. Aí você sai de lá desanimada. “Aí” se eu tiver interesse de movimentar o dinheiro mesmo perdendo, porque o que vai acontecer se eu vou “tá” com meu dinheiro perdendo um dia eu vou “tá” com caixa zero “né”? Porque, se cada peça que eu vender, eu perder 10, 20, 30 e “aí”, porque mesmo que você ganhe um real, dois reais, mas você “tá” ganhando, agora, na hora você tem consciência que “tá” perdendo... “aí” eu prefiro nem...

– No caso, eles, para atrair a clientela, abaixa o preço em vez de colocar uma variedade com preço mais único nesse sentido.

B1– Ai ficam se lamentando que não dá lucro, que só mesmo pra manter o dinheiro em movimento, pra sobreviver, mas não querem se unir. Dizer: olhe chegou aqui na

associação o preço é x, chegou ali no povoado Catu é x e mais adiante é x, então o que “tá” acontecendo é isso.

B2 – Se todos dissessem “ói” a gente só vai vender por tanto, todo padrão do preço de um produto é esse “aí”. Todos compradores que chegassem: olhe o preço aqui é esse, ali é esse “aí” não vai ter jeito, “aí” vão ter que levar desse preço. Agora se chegar em uma é um preço um mais alto, um mais baixo, vão querer sempre o mais baixo, “né”?

B1– E a questão da qualidade, o meu trabalho digamos...é perfeito, o dela já é mais ou menos. “Aí” o preço se iguala, raros nem todos se compara, são raros as pessoas que olham assim e diz: “não, vou ficar com esse” e pagar, mas porque, se são iguais, mas o bordado dela é mais ruim que o meu, não se importa, leva assim mesmo.

B2– “Aí” vai estar a perfeição porque tem umas que se dedicam mais ao acabamento bem feito.

B1– “Aí” o que acontece? “Aí” você vê uma pessoa que começou a bordar com 15 anos hoje “tá” com 60 anos e a vidinha dela é a mesma, o mesmo padrão. Por que? Porque ela não valorizou o trabalho dela, então ela não pode crescer nunca, porque ela só vai trabalhar só pra sobreviver pra entrar hoje 100 reais ela compraria a alimentação, suprir as necessidades dela. E amanhã, de hoje a oito? Ela perdeu 10, ganhou 90 e vai seguindo. A gente analisar como o padrão de vida que ela está. Ela continua no mesmo mundo, ela não cresceu. Você vai na casa dela, são sempre do mesmo jeito que foi há 20 anos atrás, nunca passou por uma reforma, nada aconteceu na casa dela. Vai melhorar, fico analisando, vai melhorar um pouco de vida quando alguém na casa se aposenta, aposentadoria rural, porque “aí” com aquele dinheiro, aquela renda que vai entrar “aí” é que vai ajudar.

– Outra coisa, você falou em aposentadoria. Vocês se aposentam como bordadeira ou tem que ter uma terra?

B1– Assim. É porque a gente já fez cadastramento da associação, mas as pessoas próprias nem elas “mesmo” querem fazer o cadastramento individual de pagar aquela taxa ou acham também caro, entendeu?

– O sindicato.

B1– O sindicato não dá direito a previdência “né”, é o empreendedor individual.

– Entendi.

– B1 “Né” porque ela “tá” pagando aquela taxa ela “tá” coberta pra tudo, prefere ser lavradora, até mesmo porque realmente têm lavradoras bordadeiras, até mesmo porque tem alguém em casa que tem um pedacinho de roça, tem alguém que trabalha na roça de alguém e “aí” fica com a profissão que é reconhecida é como lavradora. E a de bordadeira? Acho que

aqui mesmo no povoado não tem ninguém que pague essa taxa de empreendedor individual, mas deveria.

– Então a aposentadoria é assim, tem a terra e pronto?

B1 – Já foi explicado aqui em reunião, por exemplo, como eu falei dos riscos eu “tô” trabalhando, acontece um acidente de uma agulha entrar no meu dedo, o que vai acontecer? Nada, nada eu vou passar 15 dias sem produzir pensando numa recuperação rápida “né”, 15 dias. E esses 15 dias que eu vou passar sem produzir, se eu fosse contribuinte da previdência, pela minha profissão de bordadeira, eu estaria coberta “né”, ia receber, mas, se eu não sou, “aí” vou ter que fazer o que? Pegar um relatório médico dizendo que sou trabalhadora rural, aquele processo todo pra entrar, receber, se conseguir.

– Bom. O papo está bom, mas vamos parar por aqui. Muito obrigado J., muito obrigado, K.. Hoje aprendemos muita coisa sobre o trabalho de vocês.

– Muito obrigado.

### **B3 (2:35)**

– Bom dia

– Bom dia

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos...das Bordadeiras e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Não, eu acho que essa profissão é uma profissão que não é muito valorizada. As pessoas vêm em Tobias, veem os bordados e acham bonito, mas não param para pensar em quem faz esses bordados. Eu acho que outras profissões são valorizadas: médico, professor. Professor nem tanto, mas médico, advogado. A profissão de bordadeira acho que não é valorizada.

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

– Eu aprendi com minha irmã. E também depois eu fiz o curso aqui na associação. O curso. Porque a maioria das pessoas aqui trabalha com isso, né? Aí sempre tem curso para ensinar a bordar, aí eu aprendi um pouco em casa e acabei de aprender aqui no curso.

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

– Eu sei passar brilho. Porque existem três tipos: *richelieu*, cheio e o brilho. Porque o brilho é o acabamento. Então, eu sei fazer o brilho. E sei também costurar a roupa da baiana, fechar a roupa.

– Por que escolheu viver desse trabalho?

– Porque pela facilidade, porque aqui eu posso trabalhar em casa e também porque é o que tá mais próximo da gente porque se a gente quer outro trabalho tem que procurar na cidade e nem sempre é um emprego assim melhor. A gente arruma mais como vendedor no comércio. E esse é um trabalho que eu posso fazer aqui, na minha casa e é o que a gente tem.

– O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?

– Acho que isso não tem mais muito importante. Talvez teve há algum tempo atrás, mas hoje em dia sempre é procurado mais o trabalho feito pela máquina. Aí não tem muita importância não.

– Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

– Sim, minha vó foi bordadeira, minha mãe é bordadeira, eu sou, minha irmã é. Já vem de família.

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

– Eu gostaria que ela aprendesse sim essa profissão, mas que não que ela fosse levar isso pra vida, como a profissão dela que eu gostaria que ela tenha uma outra profissão melhor, que receba mais. Obrigada!

– Obrigada!

#### **B4 (1: 52)**

– Bom dia

– Bom dia

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Assim, era pra dá mais valor “né” é um trabalho belíssima que a gente faz, né? Só que a gente sente que não é bem o que a gente queria. A gente gostaria de ter mais valor mas como a região aqui é assim. Então é como a gente diz assim: pouco com Deus é muito, né?

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

– Eu aprendi, quando minha irmã saia pra ir “no” banheiro, eu sentava na máquina e bordava, mas só que eu levava uns puxão de orelha dela, porque ela dizia “Acabou com meu bordado!” “Como é que vou fazer?”, “Como eu vou entregar meu bordado desse jeito?” “Quem mandou você sentar aqui?”. “Aí” eu saia de fininho, “aí” ela ia “no” banheiro ascender o cigarro, eu aproveitava e ia de novo bordar.

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

- Eu sei fazer o Richelieu, sei fazer o caseado e sei passar o brilho.
  - Por que escolheu viver desse trabalho?
  - Aqui era a única opção. É uma opção e é uma paixão. Eu mesmo tenho paixão. Eu tenho meu outro trabalho, eu sou funcionária pública, mas eu fico doente assim (risos).
  - O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?
  - Assim, vai do que você quer. Se quer um acabamento perfeito manual, “né”?
- Agora, se você não tem tanto interesse, e porque “é” duas coisas diferentes: o manual que é um acabamento perfeito você ganha bem mas o povo não dá valor. Aí agora vem esse outro que...
- Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?
  - Quase toda minha família aqui borda.
  - A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?
  - Gostaria, mas queria que ela estudasse para ter duas profissões como eu.
  - Obrigada!

#### **B5 (1:44)**

- Bom dia
- Bom dia
- Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?
- É reconhecido e é muito bom mas o que a gente ganha é muito pouco, mas é um pouco continuado.
- Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?
- Eu quando aprendi nós “morava” num lugar por nome de Moreira, pra cá de Tobias Barreto e “aí” eu aprendi com umas meninas que tinha umas vizinhas eu aprendi com elas naquele tempo a gente bordava realce. É um bordado que a gente faz uma flor cheia de linha. Eu aprendi esse realce, nós “trabalhava” esse realce, depois a gente fazia roupinha de menino pra nascer. A gente fazia tudo isso. Depois que nós “se mudemos” pra Brasília, foi aí que aprendi o Richelieu. O Richelieu eu já aprendi sozinha.
- Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?
- Eu sei fazer muita coisa eu sei desfiar o criva.
- Por que escolheu viver desse trabalho?

– Porque não tinha outra profissão. Mas é o que eu gosto. Gosto de trabalhar. É o que sei, é o que gosto.

– O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?

– Eu acho o da máquina.

– Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

– Minha mãe nunca trabalhou de bordado, ela trabalhava assim costurando roupa fazia calça, camisa, vestido... Minha mãe era costureira.

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

– A minha filha sabe bordar. Mais ninguém quer bordar. Aprenderam, mas ninguém quer bordar. Só uma neta que eu criei hoje está com 15 anos que ela borda.

– Obrigada!

### **B6 (1:37)**

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Nem todo mundo, né, na verdade!

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

– Em casa, com a minha mãe e um curso que teve aqui na associação.

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

– Todos. É... o aplicado, o *richelieu*, e o brilho, que é o trabalho que a gente faz aqui, os três.

– Por que escolheu viver desse trabalho?

– Porque não tem outro, né, aqui na região da gente. É o que a gente conseguiu trabalhar, com essa forma.

– O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?

– É, depende, né? Tem pessoas que dá valor e outras não. Tem também diferentes bordados, né?

– Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

– Foram. Todas.

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

– Não, porque não tem valor, não dão valor e eu, na verdade eu quero que ele, que estude, né? Pra que seja, tenha uma profissão melhor de que a minha. Porque a minha profissão não dá valor, nem todo mundo dá valor.

### **B7 (1:35)**

– Bom dia

– Bom dia

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Não dão. As pessoas não, porque pagam barato, “né”?

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

– Eu aprendi com a minha madrinha.

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

– Richelieu. É esse daqui. (mostra um bordado)

– Por que escolheu viver desse trabalho?

– Porque é o que tem aqui, “né”?

– O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?

– É que fica mais bonito...sei lá. Eu acho o richelieu. No caso que é feito na máquina, eu acho.

– Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

– Minha irmã que ela aprendeu outros tipos de bordado na mão, mas eu no caso, não aprendi. Ela já sabe outros.

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

– Já ensinei. É o que eu digo: é o que tem! A pessoa vai ensinando...

– Obrigada!

### **B8 (1:34)**

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Olha, aqui dão valor porque é o único que tem, né, mas na verdade se tivesse outro trabalho por aqui acho que não.



- Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?
- Através de mamãe. Ela bordava desde eu pequenininha e foi onde eu aprendi.
- Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?
- *richelieu*, cheio, que o povo chama de aplicado, e brilho.
- Por que escolheu viver desse trabalho?
- Porque é o único. Aqui ou é bordar ou é roça, então a gente escolhe bordar.
- O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?
- Tem. Só que à mão aqui é o menos procurado. Mais é o *richelieu* mesmo.
- Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?
- Sim, foram.
- A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?
- Porque é o que eu sei e já ensinava, né? Então, eu ensinaria sim. Se quisesse aprender, eu ensino.

### **B9 (1:17)**

- Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?
- Acho que sim e acho que não, porque é bem pouco isso, é mais em povoado, não é muito crescido, é mais por aqui
- Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?
- Com a minha mãe.
- Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?
- *richelieu* e o brilho.
- Por que escolheu viver desse trabalho?
- (Risos) Na verdade, eu não escolhi, né? Foi falta de opção, porque aqui só tem isso.
- O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?
- Sim, os dois têm importância. À mão também.
- Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?
- Sim, quase todas.

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

– Não, porque existem várias outras áreas, como fazer faculdade, que isso pode dar mais futuro do que bordar.

– Obrigada!

### **B10 (1:17)**

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Sim.

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

– Aprendi com uma amiga de minha mãe.

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

– *richelieu*.

– Por que escolheu viver desse trabalho?

– Porque era a única opção, né, que tinha.

– O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?

– Eu acredito que não tenha importância.

– Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

– Não.

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

– Não, porque eu queria que ela tivesse outras oportunidades.

### **B11 (1:00)**

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

– Sim.

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

– Com a minha mãe

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

– *Rechilieu*.

- Por que escolheu viver desse trabalho?
- Porque é o que tem aqui.
- O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?
- Na... mão.
- Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?
- Minha mãe.
- A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?
- Sim, porque é minha profissão.
- Obrigada!
- Por nada!

#### **B12, B13 e B14 (2:16)**

– Tobias Barreto é conhecida nacionalmente como a Capital dos Bordados e vocês são as responsáveis por isso. A senhora considera que as pessoas dão o devido valor à sua profissão?

B12 – Não.

B13 – Não por causa que pagam pouco, sabe?

B14 – O bordado é muito trabalhoso, dá muito trabalho, mas, no fim, com a divisão, sempre pagam pouco.

– Como a senhora aprendeu a profissão de bordadeira?

B12 – Eu, foi minha irmã que me ensinou.

B13 – Eu aprendi através de um curso.

B14 – E eu com uma amiga de minha mãe.

– Qual tipo de bordado a senhora sabe fazer?

B12 – Eu, brilho.

B13 – Eu faço *richelieu* e eu (inaudível).

B14 – *richelieu* e brilho.

– Por que escolheu viver desse trabalho?

B12 – Porque é o único ganho que tem aqui.

B13 – Também porque foi passado de geração em geração, passa da mãe pra filha e, assim, foi com a gente.

B14 – É. Aprende com a mãe, com a tia e vai passando. Não tem outra opção, no caso.

– O trabalho manual no bordado tem sido substituído pelas máquinas. A senhora acha que os consumidores valorizam mais o que é feito a mão ou isso não tem importância?

B12 – Acho que tem o mesmo valor.

B13– Os dois são importantes.

B14 – Eu acho que não tem importância.

– Outras mulheres da sua família (avó, mãe, tia) foram bordadeiras?

B12 – Sim, minha mãe e minhas tias.

B13– Minha mãe.

B14 (inaudível)

– A senhora gostaria que sua filha fosse bordadeira? Por quê?

B12 – Sim.

B13– Sim, como uma tradição, como eu falei que passa de mãe para filha e também, se eu puder ensinar a ela, eu ensinarei, porque o único ganho que tem é esse, pra não perder a tradição familiar.

B14 – Não, porque eu acho que não é valorizado.

## APÊNDICE I - Transcrição dos debates e da troca de ideias

### **Debate sobre a profissão de veterinário**

Professor – Boa tarde a todos. Vamos começar o debate com os grupos de três alunos. Um grupo vai defender a profissão de veterinário, que são os alunos C., A. e A.. O outro grupo vai defender que a profissão não é muito boa. São os alunos T., L. e T.. Então eu vou começar com um dos alunos. Não vou chamar pelo nome, vocês escolhem quem vai começar e tem dois minutos para falar bem da profissão de veterinário.

Depois que esse primeiro aluno falar bem da profissão, o outro grupo tem um minuto para falar sobre esse argumento deles. Pode dizer que concorda e pode também dizer o contrário. Dizer: não, não é bem assim não, porque isso e aquilo.

Lembrando para o restante da turma e também para os seis alunos que estão aqui à frente que o importante não é saber quem ganhou ou quem perdeu. Ninguém vai ganhar nem vai perder nada. Na verdade, todos nós vamos aprender com o que eles vão falar porque talvez você queira seguir a carreira de veterinário ou até outra carreira e você não tem muita informação sobre ela. Então, a partir desta conversa, nós vamos obter mais informações que podem até ajudar a alguns de vocês a decidirem.

Se o grupo ficar calado diante do argumento de um desses alunos, a plateia pode falar, mas eu vou chamar na hora porque se ficar o aluno aqui na frente e a plateia falando vai atrapalhar. Então eu vou marcar o tempo de dois minutos para cada argumento e os outros têm um minuto para responder.

Lembrando também que, quando estudamos o que as bordadeiras falaram lá no povoado Nova Brasília, elas argumentavam dizendo se a profissão era boa ou se não era. Então, lembrem-se daquilo que vai ajudar vocês a pensarem um pouco no que vão dizer. Algum dos alunos que vai defender a profissão pode começar a falar:

Aluno – Esse trabalho é bom porque promove a saúde e o bem estar dos animais.

Professor – alguém quer comentar esse argumento? Não? Então o outro grupo pode começar.

Aluno – Eu não gosto muito dessa profissão porque ela maltrata muitos os animais e também alguns deles nem sobrevivem.

Professor: – Vocês que querem trabalhar na profissão têm alguma coisa a dizer sobre isso? Ninguém quer falar? Daqui a pouco vou convidar a plateia para participar. Vamos ouvir mais um argumento a favor da profissão.

Aluno – Esse trabalho é bom porque tem o salário alto porque algumas vezes os animais precisam de medicamentos e não têm na clínica e aí nós podemos ajudar com o salário.

Professor: – Esse salário alto que você fala é quanto mais ou menos?

Aluno – Cinco mil.

Professor: – Os alunos que não querem trabalhar na profissão têm alguma coisa a dizer sobre o salário de cinco mil?

Aluno – Porque é muito pouco. (risos da turma)

Professor: – L. acha pouco cinco mil. Mas é a opinião dela. Ela sabe que tem que estudar muito para ser veterinária. O grupo que não quer ser veterinário vai falar agora.

Aluno – Para cuidar de animais grandes precisa ir para o pasto e ficar todo sujo de terra. Às vezes pode até encontrar uma cobra.

Professor: – Alguém que comentar o argumento de T.?

Aluno – Mas é bom porque estaremos em contato com a natureza.

Professor: – Agora quero ouvir um argumento de quem quer ser veterinário.

Aluno – Esse trabalho é bom porque existem muitos lugares para trabalhar, como lojas de ração, clínicas veterinárias e hospitais veterinários.

Professor: – Alguém vai comentar esse argumento de A.?

Aluno – Eu acho que precisa ajudar os animais a fazer o parto e é muito sofrimento.

Professor: – Na hora do parto tem que ajudar mesmo. Vocês aqui tem alguma coisa a dizer sobre isso? Vocês têm coragem mesmo de encarar isso aí?

Aluno – Bota um roupa especial e faz isso.

Professor: – Agora eu convido alguém da plateia.

Aluno – Esse trabalho é muito ruim porque os animais sofrem e a pessoa também sofre.

Aluno – A profissão é boa porque ganha muito dinheiro.

Aluno – A profissão é boa porque às vezes os animais sobrevivem e é ruim às vezes porque os animais não sobrevivem.

Professor: – Pablo vai falar?

Aluno – A profissão é um pouco ruim porque dinheiro não é tudo na vida e é melhor a pessoa trabalhar feliz e ganhando pouco do que a pessoa trabalhar triste e ganhando muito. (palmas)

Professor – Eu quero agradecer a todos vocês pelo comportamento, por respeitarem a hora do outro falar. Isso foi importante para que não houvesse brigas, já que o objetivo do

debate era saber um pouco mais sobre as profissões e acho que conseguimos fazer isso.  
(palmas)

### **Debate sobre a profissão de cantor**

Professor – Boa tarde! Nós vamos agora fazer um debate sobre a profissão de cantor. Nós temos desta vez grupos de quatro alunos e não três como foi na outra. Então os grupos que vão falar bem da profissão de cantor quando forem adultos são: B., E., D. e R.. E quem vai dizer que a profissão não é boa M., K., A. e N.. Quem vai começar falando é o grupo que vai defender a profissão. Então as pessoas que vão defender a profissão vão começar agora. Vocês têm dois minutos para falar porque a profissão é boa e depois o outro grupo vai ter um minuto para responder se ele tiver algo a dizer sobre isso. Pode começar um dos quatro.

Aluno – Primeiro ter um monte de fãs porque os fãs são a plateia do cantor.

Professor – Vocês tem algo a dizer sobre isso.

Aluno – Nós não concordamos com isso porque os fãs são falsos e os cantores acreditam nos fãs, mas nem todos os fãs que são pessoas boas.

Aluno – Eu não concordo porque se você fosse uma pessoa humilde não teria nem fã.

Professor – Agora M. vai falar porque não é bom ser cantor.

Aluno – Não poder sair de casa sozinho porque os fãs vão atrás de você e você não tem mais privacidade nem segredos em qualquer lugar que você estiver estão os fotógrafos e jornalistas tirando fotos de você.

Professor – Quem deseja falar?

Aluno – Não há a necessidade de sair tanto já que estarão ocupadas em fazer shows.

Professor – Alguém que vai falar bem quer falar?

Aluno – Se a pessoa tiver o dom, vale a pena porque pra ser cantor tem que ter o dom.

Professor – Quem vai falar agora?

Aluno – Às vezes não são todas as pessoas que têm o dom de ser cantor, uns levam até... (risos). Algumas querem ser cantoras para ter dinheiro e nem em todas têm a voz bonita para poder cantar, principalmente fazer show.

Aluno – Como eu. Eu não tenho a voz bonita, mas eu canto, eu tento cantar, mas não consigo porque tenho a voz feia.

Aluno – Não sei porque vocês escolheram essa profissão (risos). As pessoas que estão sempre do lado deles querem pegar o dinheiro (risos).

Professor – Quem vai falar mal agora?

Aluno – As pessoas ficam com o cantor apenas por causa do dinheiro.

Professor – Eles acham que só existem amigos falsos. É verdade isso?

Aluno – Nem todos são falsos.

Professor – O grupo que vai defender a profissão quer falar mais alguma coisa?

Não? Vou chamar a plateia para dar opinião.

Aluno – É bom porque você entra em todos os lugares porque é famoso.

Professor – Nicole vai falar sobre isso.

Aluno – Isso não é amor à profissão. Isso se chama interesse.

Professor – Mais alguém?

Aluno – O cantor corre perigo porque tem que viajar muito.

Professor – Vocês que vão ser cantores querem falar alguma coisa sobre isso?

Aluno – Se fosse eu não escolheria essa profissão porque eu não acho muito boa por causa que todo mundo só tem interesse. Eu prefiro ser advogada. Não sei (risos). Vocês estão perdendo tempo com essa profissão. Vocês vão pelo interesse.

Professor – Não é pra fazer isso, K. Nós queremos aprender sobre a profissão. Não fale que elas deveriam desistir só porque você não se interessa. O grupo que quer ser cantor tem alguma coisa pra falar ainda.

Aluno – Eu sei que a profissão é perigosa, mas nós precisamos de dinheiro e podemos viajar de carro próprio.

Professor – Alguém da plateia ainda quer falar?

Aluno – Eu vou falar. Se fosse eu não ia querer essa profissão.

Professor – Vamos encerrar o debate. Quero dizer agora que o grupo que não quer ser cantor não quer ouvir o que o outro grupo tem a dizer. Vocês estão com a ideia fixa e não querem nem saber o que elas estão dizendo. Sendo assim, muito obrigado e podem encerrar a gravação.



## **Troca de ideias sobre a profissão de youtuber**

Professor: Boa tarde a todos!

Hoje vamos debater as profissões de youtuber e tanatólogo.

Vamos iniciar com a profissão de youtuber. Quem vai defender são os alunos L. e T. e também temos os alunos P. e L. que também vão ajudar, mas principalmente T. e L., que vão começar a falar sobre a profissão de youtuber. Primeiro eles vão dizer mais ou menos o que é. Pode começar um dos dois aí.

Aluno – A profissão de youtuber é boa porque quando você ganha mil inscritos ou mais de cem você ganha um patrocinador bom e tem muito dinheiro.

Aluno – Eu não gosto da profissão de youtuber porque eu acho ela meio estranha. Vocês dizem que ganham dinheiro, não sei o que, não sei o que, não sei o que.

Professor – Não precisa falar mal da profissão. O que queremos é aprender um pouco mais sobre ela. L. vai falar agora, viu!

Aluno – A profissão de youtuber é boa porque você pode ficar muito famoso com as pessoas da internet e tal.

Professor – L. e T., O que é que faz exatamente um youtuber? Porque têm pessoas aqui que talvez queiram seguir a profissão, mas dizem que não sabem direito o que é que faz, como é que ganha dinheiro. Eu queria que vocês falassem um pouco sobre isso.

Aluno – Posso falar sobre o lado ruim da profissão?

Professor – Pode.

Aluno – é que no youtuber talvez alguém que não vai gostar de seu vídeo, vão te criticar. Alguns vão lá só para criticar mesmo.

Professor – Então eles nem prestam atenção no vídeo. Vão só para criticar, não é? E o que é que exatamente faz um youtuber?

Aluno – Ele faz vídeos para ganhar dinheiro. São pessoas que trabalham com entretenimento e postam os vídeos para as pessoas divulgarem. O lado ruim é que você tem que ter internet, computador.

Professor – Já que vocês dois já têm canais, quando é que acham que vão começar a ganhar dinheiro com isso?

Aluno – Eu tenho trinta e oito seguidores.

Aluno – Bom, eu tenho doze.

Professor – com quantos seguidores vocês acham que conseguiriam viver só dessa profissão?

Aluno – Depende mais do patrocinador. Se você tiver muitas visualizações, mesmo com poucos inscritos no canal, você pode ganhar dinheiro.

Professor – Pablo e Lion não querem falar alguma coisa sobre a profissão?

Aluno – O bom dessa profissão é que você pode fazer os vídeos sobre os temas que você gosta. Eu mesmo gosto de fazer vídeos sobre games.

Professor – Você falou antes que não gosta de mostrar o rosto nos vídeos. Por que isso?

Aluno – Porque meus vídeos são sobre jogos, então não preciso mostrar a cara.

Professor – E., fale sobre o menino que você disse que comprou uma mansão com o dinheiro de youtuber.

Aluno – Esse menino comprou uma casa porque teve mais de duas mil visualizações no vídeo dele. E ele ganhava milhões por dia, por mês, que diga. E era um menino pequeno, de uns dez anos. Eu vi no noticiário.

Professor – Vocês dois pretendem seguir nessa profissão porque gostam ou porque querem ganhar muito dinheiro.

Aluno – Pelos dois.

Aluno – Gosto da profissão e quero dinheiro também.

Professor – Obrigado a L. e T. Obrigado a P. e L. também, que disseram que iam falar, mas ficaram calados.

### **Troca de ideias sobre a profissão de tanatólogo**

Professor – Agora vamos para a profissão de tanatólogo. Eu lembro que a maioria disse que não gostaria de trabalhar arrumando defunto. Inicialmente apenas L. falaria sobre a profissão, mas as colegas resolveram ajudar. Então temos também A., M., E., K. e T.. Então vamos começar.

Aluno – Boa tarde, meu nome é K.. Eu quero falar a vocês que, por exemplo, se não existisse isso, não sei o que da funerária (risos)

Aluno – Eu quero seguir essa profissão porque não tenho medo de morto. Quem tá morto não vai fazer mal a ninguém. Os vivos estão matando, estão roubando, estão estuprando, estão fazendo tudo. Os mortos estão lá na cova, quietos, descanso em paz para todos. (palmas)

Professor – Você quer trabalhar com isso porque tem um tio que trabalha, não é?

Aluno – É.

Professor – Alguém lembra quanto é o salário do tanatólogo?

Aluno – O salário é o máximo, a média é de mil e cem.

Professor – Você acha esse salário bom?

Aluno – Eu acho, mas tem gente que acha pouco. Querem ser ricos, mas não é.

Professor – Mais alguém?

Aluno – Acho engraçado que algumas pessoas dizem assim ‘eu tenho nojo de morto, de botar no caixão’. Minha gente, não tenham medo de morto. É como L. disse, que os mortos não estão fazendo nada, quem estão fazendo é os vivos. E não adianta ter nojo porque um dia vocês vão ser colocados em um lugar onde outra pessoa já entrou.

Professor – E se não existisse essa profissão, como seria isso?

Aluno – Ia ser ruim para muitas pessoas. Se não existisse essa profissão não ia dar reggae não. (risos).

Aluno – Ia ter que enterrar todo mundo nu, sem caixão e sem nada.

Professor – Alguém da plateia gostaria de falar?

Aluno – Os vivos tão matando, tão roubando, tão agredindo, tão estuprando. Tão fazendo várias coisas e o morto não faz nada. Mesmo assim as pessoas ainda ficam com medo dos mortos.

Professor – Podem falar sobre a profissão. A maioria disse que não queria ser tanatólogo, mas agora não quer falar. Ninguém aqui vai ficar com raiva não. A gente só quer ouvir o outro lado.

Aluno – Podem falar à vontade. Ninguém vai ficar com raiva nem vai bater em vocês não.

Aluno – Antes eu tinha medo dessas coisas, porque muita gente falava que o espírito ficava nas casas perturbando as pessoas. Hoje em dia não tenho mais medo não porque me disseram que isso não tem nada a ver. E morto não faz nada, só faz os vivos.

Professor – Alguém da plateia ainda quer falar sobre a profissão?

Aluno – Boa tarde! Gente, essa pessoa que você tá falando mal hoje pode amanhã estar te arrumando e colocando perfume e arrumando seu caixão. Você não pensa nesse lado, não é?

Professor – Debate encerrado. Muito obrigado a todos.

## ANEXOS

## ANEXO A – Infográfico sobre a profissão de veterinário

**Guia de carreiras: veterinária****O QUE FAZ**

É responsável por promover a saúde e o bem-estar dos animais

**ONDE ATUA**

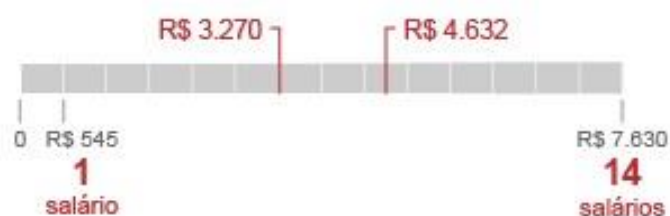
Em indústria de alimentos, lojas, clínicas ou hospitais veterinários

**PERFIL**

Além de gostar de animais, quem pensa em seguir carreira tem de saber se relacionar com as pessoas e não ter medo de cobrar pelo seu conhecimento

**SALÁRIO INICIAL**

Segundo a Lei 4.950-A que estabelece o piso, o médico veterinário com carga horária de 6h por dia deve receber pelo menos seis salários mínimos. Se a carga aumentar para 8h diárias, a remuneração sobe para oito e meio salários



## ANEXO B - Termo de confidencialidade



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



PROFLETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)  
Unidade de Itabaiana - SE

**Termo de confidencialidade**

**Título do projeto:** A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação

**Pesquisador responsável:** Roberto de Araujo Alves

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Regina Curado Pereira Mariano

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Local da coleta de dados:** Escola Municipal de Ensino Fundamental Nicodemos Correia Falcão

O pesquisadora do projeto “A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação” se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. O pesquisador também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade da professora Márcia Regina Curado Pereira Mariano. Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Roberto de Araujo Alves	
Márcia Regina Curado Pereira Mariano (orientadora)	

## ANEXO C - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



PROFLETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)  
Unidade de Itabaiana - SE

**Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos**

**Título do projeto:** A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação

**Pesquisador responsável:** Roberto de Araujo Alves

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Regina Curado Pereira Mariano

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

**Telefones para contato:** (79) 99966-0767

O pesquisador do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Roberto de Araujo Alves	
Márcia Regina Curado Pereira Mariano (orientadora)	

## ANEXO D – Termo de consentimento livre esclarecido



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



PROFLETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)  
Unidade de Itabaiana - SE

**Termo de consentimento livre esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, aluno(a) do sexto ano do ensino fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nicodemos Correia Falcão, localizada no município de Tobias Barreto/SE, autorizo o professor Roberto de Araujo Alves a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “A linguagem persuasiva das bordadeiras de Tobias Barreto no ensino da argumentação”, desenvolvido pelo mesmo, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Tobias Barreto/SE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO



PROFLETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)  
Unidade de Itabaiana - SE

Eu, \_\_\_\_\_, residente na cidade de \_\_\_\_\_, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Tobias Barreto/SE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso